

O PENÚLTIMO PERIGO

CIA. DAS LETRAS

Caro Leitor,

Se você esperava encontrar uma história tranquila e alegre, lamento dizer que escolheu o livro errado. A história pode parecer animadora no início, quando os meninos Baudelaire passam o tempo em companhia de alguns répteis interessantes e de um tio alto-astral, mas não se deixem enganar. Se vocês tem uma leve noção da incrível má sorte dos irmãos Baudelaire, já sabe que, no caso deles, até mesmo acontecimentos agradáveis acabam sempre em sofrimento e desgraça.

Nas páginas que você tem em mãos, as três crianças sofrem um acidente de carro, veem-se às voltas com uma serpente mortífera, um cheiro pavoroso, um facão enorme e o reaparecimento de uma pessoa que esperavam nunca mais ver.

Infelizmente, é meu dever pôr no papel esses trágicos episódios. Mas nada impede que você coloque este livro de volta na estante e procure algo mais leve.

Respeitosamente,



Lemony Snicket

Personagens

Na classificação das pessoas mais infelizes do mundo — e você sabe que elas não são poucas — os irmãos Baudelaire ocupam sem dúvida o primeiro lugar. Eles viveram mais coisas horríveis que qualquer pessoa. Mas quem são esses desafortunados?



VIOLET BAUDELAIRE tem catorze anos e é uma das maiores inventoras do seu tempo. As engrenagens e alavancas de seu cérebro funcionam a todo o vapor.



KLAUS BAUDELAIRE, O irmão do meio, usa óculos, o que pode dar a impressão de que seja amante dos livros. Impressão absolutamente correta. Ele emprega todo o seu conhecimento em decifrar os planos do pérfido conde Olaf.



SUNNY BAUDELAIRE, a mais nova dos três, é ainda um bebê. Seus quatro afiados dentes entram em ação na primeira oportunidade.

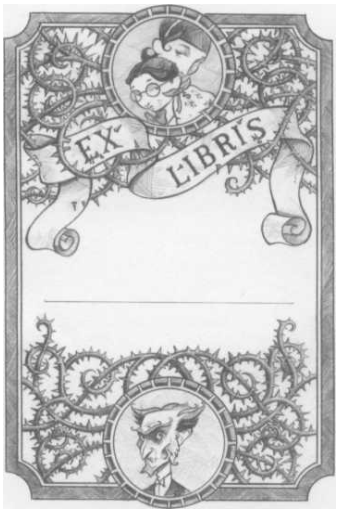


E este é o arquiinimigo dos irmãos Baudelaire: o **CONDE OLAF**. Homem revoltante, gosmento, pérfido, sobre ele é melhor dizer o menos possível.

Eu, **Lemony Snicket**, nasci antes de você e provavelmente morrerei antes de você. Nasci numa pequena vila que hoje está submersa. Um povoado aparentemente pacato, mas cercado de segredos. Hoje vivo na cidade. Para escrever essas desventuras dos irmãos Baudelaire fui obrigado a conhecer a fundo as artimanhas de vilões como o conde Olaf. Passei anos mergulhado no mundo do crime, não dos crimes reais, é claro. Minha formação é estritamente teórica.

Veja mais informações no meu site: www.lemonysnicket.com (em inglês).

Meu ilustrador, **Brett Helquist,** nasceu no Arizona, cresceu em Utah e atualmente vive em Nova York. Formou-se em belas-artes na Brigham Young University e desde então trabalha como ilustrador. Colabora em diversas publicações, como *Cricket Magazine* e *The New York Times.*


EX
LIBRIS

⚜ Desventuras em Série ⚜

Livro primeiro *Mau começo*
Livro segundo *A Sala dos Répteis*
Livro terceiro *O lago das sanguessugas*
Livro quarto *Serraria Baixo-Astral*
Livro quinto *Inferno no colégio interno*
Livro sexto *O elevador ersatz*
Livro sétimo *A Cidade Sinistra dos Corvos*
Livro oitavo *O hospital hostil*
Livro nono *O espetáculo carnívoro*
Livro décimo *O escorregador de gelo*
Livro undécimo *A Gruta Gorgônea*
Livro duodécimo *O Penúltimo Perigo*
Livro tredécimo *O Fim*

Desventuras em Série

LIVRO Duodécimo



O PENÚLTIMO PERIGO

de LEMONY SNICKET
Ilustrações de Brett Helquist
Tradução de Ricardo Gouveia

Texto 2005 by Lemony Snicket
Ilustrações 2005 by Brett Helquist
Título original *The Penultimate Peril*
Revisão: *Cláudia Cantarin / Marise Simões Leal*

Para Beatrice —
Ninguém conseguiu extinguir o fogo do meu amor,
nem o da sua casa

NOTA DA DIGITALIZADORA: No livro original, as palavras e frases grifadas neste texto, apresentam-se de trás para frente, como se estivessem refletidas no espelho. Na impossibilidade de reconhecimento ótico, transcrevo como devem ser lidos.



CAPÍTULO UM

Já disseram que o mundo é uma lagoa calma, e que toda vez que alguém faz uma coisa, por mais ínfima que seja, é como se uma pedra caísse nessa lagoa e espalhasse círculos de ondulações cada vez mais distantes, até que o mundo inteiro ficasse alterado por uma minúscula ação. Se isso for verdade, então o livro que você está lendo agora poderia perfeitamente cair numa lagoa. As ondulações se espalhariam pela superfície da lagoa e o mundo mudaria para melhor, com uma história assustadora a menos para as pessoas lerem, e um segredo escondido a mais no fundo das águas, onde a maioria das pessoas jamais pensaria em procurar. A narrativa desventurada dos órfãos Baudelaire estaria segura nas profundezas das águas tenebrosas, e você seria mais feliz por não ler a história assustadora que escrevi, e em vez disso poderia olhar para a espuma ondulante que se ergue até o topo do mundo.

Os próprios Baudelaire, viajando por entre as ruas tortuosas da cidade onde os órfãos outrora viveram, no assento traseiro de um táxi dirigido por uma mulher que mal conheciam, teriam ficado felizes em pular dentro de

uma lagoa se soubessem que tipo de história teriam pela frente. Violet, Klaus e Sunny olhavam pelas janelas do carro, admirados ao ver quão pouco a cidade havia mudado desde que um incêndio destruíra seu lar, tirara a vida de seus pais, e criara ondulações na vida dos Baudelaire que provavelmente jamais se acalmariam.

Quando o táxi dobrou uma esquina, Violet avistou o mercado onde ela e os irmãos compravam os ingredientes para preparar o jantar do conde Olaf, o notório vilão que se tornara tutor deles depois do sinistro. Mesmo tendo passado todo esse tempo — e Olaf sempre tentando, de um modo ou de outro, pôr as mãos na enorme fortuna que os pais dos Baudelaire haviam deixado —, o estabelecimento parecia igual ao que era quando a juíza Strauss, uma bondosa vizinha, magistrada da Corte Suprema, os levara lá.

Elevando-se acima do mercado havia um enorme e lustroso edifício que Klaus reconheceu como o da Avenida Sombria 667, onde os Baudelaire passaram algum tempo sob os cuidados de Jerome e Esmé Squalor, em um enorme apartamento de cobertura. Ao Baudelaire do meio parecia que o edifício não mudara nem um pouquinho desde que os irmãos descobriram pela primeira vez a pérfida e romântica ligação de Esmé com o conde Olaf.

E Sunny Baudelaire, que ainda era pequena o bastante para que a sua visão através da janela ficasse algo restrita, ouviu o estrépito de uma tampa de bueiro quando o táxi passou por cima dela, e lembrou-se de quando havia descoberto com os irmãos uma passagem subterrânea que, partindo do porão da Avenida Sombria 667, levava até os remanescentes cinéreos de sua própria casa. Tal como o mercado e a cobertura, o mistério dessa passagem permanecia, muito embora os Baudelaire tivessem descoberto uma organização secreta conhecida como C.S.C. que acreditavam ser a responsável pela construção de muitos túneis como aquele.

Cada mistério que os Baudelaire desvendavam apenas revelava outro mistério, e outro, e outro, e muitos mais, e outro, e mais outro, como se os três irmãos estivessem mergulhando cada vez mais fundo em uma lagoa, e o tempo todo a cidade permanecesse calma na superfície, inconsciente de todos os eventos desafortunados na vida dos órfãos. Mesmo agora, retornando à cidade que outrora fora o seu lar, os Baudelaire haviam resolvido poucos dos mistérios que os assombravam. Eles não sabiam para onde rumavam, por exemplo, tampouco tinham alguma informação sobre a mulher que dirigia o automóvel, afora o nome.

“Vocês devem ter milhares de perguntas a fazer, irmãos Baudelaire”, disse Kit Snicket, girando o volante com as mãos enluvadas de branco. Violet, que possuía faculdades técnicas de grande destreza — uma frase que aqui significa “tinha muito jeito para inventar dispositivos mecânicos” —, admirou a máquina ronronante quando esta fez uma curva fechada ao passar por um grande portão de metal e prosseguiu por uma rua estreita e sinuosa ladeada de arbustos. “Eu gostaria que tivéssemos mais tempo para conversar, mas já é terça-feira. Do jeito que as coisas vão, vocês mal terão tempo de comer o seu importante *brunch* antes de vestir os disfarces de *concierges* dar início às observações *como flâneurs.”*

“Concierge?”, perguntou Violet.

“Flâneurs?”, perguntou Klaus.

“Brunch?”, perguntou Sunny.

Kit sorriu e esterçou o volante do táxi em outra curva fechada. Dois livros de poesia escorregaram do assento do passageiro e caíram no chão do automóvel — *A Morsa e o Carpinteiro e outros poemas,* de Lewis Carroll, e *A terra desolada,* de T. S. Eliot. Há pouco tempo os Baudelaire tinham recebido uma mensagem em código, e se valeram da poesia do sr. Carroll e do sr. Eliot para decodificar a mensagem e se encontrar com Kit Snicket na Praia de Sal. Talvez agora Kit ainda estivesse falando por meio de charadas.

“Um grande homem”, disse ela, “afirmou certa vez que o bem temporariamente derrotado é mais forte que o mal triunfante. Vocês entendem o que isso significa?”

Violet e Sunny voltaram-se para o irmão, que era versado em literatura. Klaus Baudelaire tinha lido tantos livros que era praticamente uma biblioteca ambulante, e recentemente desenvolvera o hábito de escrever fatos importantes e interessantes em um livro de lugar-comum azul-escuro.

“Eu acho que entendo”, disse o Baudelaire do meio. “Esse homem acha que as pessoas boas são mais poderosas que as pessoas más, mesmo que o mal pareça estar vencendo. Ele é um membro de C.S.C.?”

“Pode-se dizer que sim”, disse Kit. “Sua mensagem certamente se aplica à nossa presente situação. Como vocês sabem, nossa organização se dividiu faz algum tempo, e ambos os lados guardaram muito rancor.”

“A cisão”, disse Violet.

“Sim, a cisão”, concordou Kit com um suspiro. “C.S.C. foi outrora um grupo unido de voluntários que tentavam apagar incêndios — tanto literal como figurativamente. Mas agora há dois grupos de inimigos hostis. Alguns de nós continuam a apagar incêndios, mas outros se voltaram para esquemas muito menos nobres.”

“Olaf”, disse Sunny. A habilidade lingüística da mais jovem dos Baudelaire ainda estava em desenvolvimento, mas todos no táxi entenderam o que Sunny queria dizer quando pronunciou o nome do notório vilão.

“O conde Olaf é um dos nossos inimigos”, concordou Kit, olhando para o espelho retrovisor e franzindo o cenho, “mas existem muitos, muitos outros que são igualmente perversos, ou talvez ainda mais. Se não estou enganada, vocês conheceram dois deles nas montanhas — um homem com barba mas sem cabelo, e uma mulher com cabelo mas sem barba. Há uma profusão de outros indivíduos, com todos os tipos de penteados e ornamentos faciais. Muito tempo atrás, é claro, os membros de C.S.C. podiam ser reconhecidos pelas tatuagens nos tornozelos. Mas agora há tantas pessoas perversas que ficou impossível nos mantermos informados sobre todos os nossos inimigos — enquanto eles se mantêm informados sobre nós o tempo todo. De fato, podemos ter alguns inimigos atrás de nós neste exato momento.”

Os Baudelaire se viraram para olhar pelo vidro traseiro e vislumbraram outro táxi atrás deles, a uma boa distância. Tal qual no carro de Kit Snicket, os vidros daquele táxi eram escuros, portanto as crianças não puderam ver nada através deles.

“Por que você acha que há inimigos naquele táxi?”, perguntou Violet.

“Um motorista pega qualquer um que lhe faça sinal”, disse Kit. “Há incontáveis pessoas perversas no mundo, logo, segue-se que mais cedo ou mais tarde um táxi vai pegar uma pessoa perversa.”

“Ou uma pessoa nobre”, salientou Klaus. “Nossos pais foram de táxi para a ópera numa noite em que o carro não quis pegar.”

“É verdade, me lembro bem dessa noite”, replicou Kit com um leve sorriso. “Era uma apresentação de *La forza del destino.* A mãe de vocês portava um xale vermelho, com penas compridas nas pontas. Durante o intervalo, eu os segui até o bar e passei-lhes furtivamente uma caixa de dardos envenenados antes que Esmé pudesse me pegar. Foi difícil, mas como um dos meus camaradas gosta de dizer: 'Não desanimar diante de

nenhuma dificuldade; manter a fortitude quando todos a perderem; passar imaculado pelas intrigas; renunciar até à ambição quando o fim é alcançado — quem poderia dizer que isto não é grandeza?'. E, falando em grandeza, por favor segurem-se. Não podemos permitir que um inimigo em potencial nos siga até nosso importante *brunch."*

Quando alguém diz que a cabeça está girando, geralmente está usando uma expressão que significa que ele está muito confuso. Com certeza os Baudelaire tiveram ocasião de usar a expressão desse modo, como, por exemplo, ao ouvir uma pessoa sumarizar às pressas os problemas de uma organização secreta rachada e citar diversas figuras históricas a propósito do tema "perversidade" enquanto dirigia um táxi apressadamente rumo a certas incumbências misteriosas e sem explicação.

Porém há raros casos em que a expressão "Minha cabeça está girando" diz respeito a um momento em que a cabeça da pessoa está realmente girando; quando Kit pronunciou a palavra *"brunch",* um desses momentos chegou. Com o volante firmemente seguro em suas luvas, Kit virou o carro de maneira tão brusca que ele rodopiou e saiu da estrada. A cabeça das crianças — bem como o restante de seus corpos — girou junto com o automóvel enquanto ele se desviava para cima da sebe espessa e verdejante que ladeava a estrada. Quando atingiram a sebe, o táxi continuou girando e rodopiando por entre os arbustos, e por alguns segundos os irmãos não viram mais nada além de um borrão verde, e não ouviram nada além do crepitar dos ramos que arranhavam as laterais do carro, e não sentiram nada além de alívio por terem se lembrado de colocar os cintos de segurança, e então, não mais que de repente, as cabeças dos Baudelaire pararam de girar, e eles se viram, abalados porém seguros, em um gramado em declive do outro lado da sebe, onde o táxi por fim se detivera. Kit desligou o motor e suspirou fundo, apoiando a cabeça no volante.

"Eu provavelmente não deveria fazer isso", disse ela, "na minha condição."

"Condição?", perguntou Sunny.

Kit levantou a cabeça e voltou-se para encarar os Baudelaire de frente pela primeira vez desde que eles entraram no carro. Tinha um rosto bondoso, mas havia rugas de preocupação na sua testa, e ela parecia não estar dormindo direito há um bom tempo. Seus cabelos eram compridos e embaraçados, e havia dois lápis espetados no meio deles em ângulos

bizarros. Kit usava um casaco preto muito elegante, abotoado até o queixo, mas na lapela havia uma flor que já vira dias melhores, uma frase que aqui significa "que tinha perdido a maior parte das suas pétalas e murchado consideravelmente". Se alguém tivesse perguntado aos Baudelaire sobre a condição de Kit, eles teriam dito que ela parecia uma mulher que passara por muitos sofrimentos. Eles se perguntaram se os seus próprios sofrimentos estariam assim evidentes em seu rosto e em sua roupa.

"Estou transtornada", disse Kit, usando uma palavra que aqui significa "triste e perturbada". Ela abriu a porta do táxi e suspirou mais uma vez. "Esta é a minha condição. Estou transtornada, e estou grávida."

Kit soltou o cinto de segurança e saiu do carro, e os Baudelaire constataram que ela falara a verdade. Por baixo do casaco, sua barriga tinha uma curvatura leve porém definida, como acontece quando as mulheres estão esperando filhos. Quando a mulher está nessa condição, *é* melhor que evite esforços violentos, uma expressão que aqui significa "atividade física que possa pôr em risco a mulher ou sua futura descendência". Violet e Klaus podiam lembrar-se de quando sua mãe estava grávida de Sunny e passava o tempo livre reclinada no maior sofá da biblioteca dos Baudelaire, com o marido indo buscar limonada e torradas de *pumpernickel,* ou acomodando os travesseiros embaixo dela para que se sentisse confortável. Ocasionalmente, ele punha uma das peças musicais favoritas da mãe no fonógrafo, e ela se levantava do sofá e dançava, desajeitada, segurando a barriga cada vez maior e fazendo caretas engraçadas para Violet e Klaus, que assistiam da porta. A maior parte da terceira gravidez dos Baudelaire passou em sereno relaxamento. Os irmãos tinham certeza de que, enquanto estivera grávida, a mãe nunca fizera um carro rodopiar por entre os arbustos, e lamentavam que a condição de Kit Snicket não fosse real impedimento para esforços violentos.

"Juntem todas as suas coisas, irmãos Baudelaire", disse Kit Snicket, "e, se não se importam, vou pedir-lhes que carreguem também as minhas coisas — apenas alguns livros e papéis que estão no banco da frente. Não devemos jamais deixar pertences num táxi, porque nunca se sabe com certeza se os encontraremos um dia. Por favor, andem depressa com isso. É provável que os nossos inimigos dêem meia-volta com o táxi deles e nos encontrem."

Kit voltou as costas para os Baudelaire e pôs-se a caminhar rapidamente pelo gramado em declive, enquanto os Baudelaire se entreolhavam, perplexos.

"Quando chegamos na Praia de Sal", disse Violet, "e vimos o táxi aguardando por nós, exatamente como dizia a mensagem, pensei que íamos por fim encontrar respostas para todas as nossas questões, porém agora tenho mais perguntas do que nunca."

"Eu também", disse Klaus. "O que Kit Snicket quer de nós?"

"O que ela quis dizer com disfarces de *concierge",* disse Violet.

"O que ela quis dizer com observações como *flâneurs?",* perguntou Klaus.

"Onde está Quigley Quagmire?", perguntou Violet, referindo-se a um rapaz que era especialmente caro à mais velha dos Baudelaire, e que mandara a mensagem em código para as três crianças.

"Confiar?", disse Sunny mansamente, e essa era a pergunta mais importante de todas. Por "confiar?", a mais jovem dos Baudelaire queria dizer algo na linha de "Kit Snicket dá a impressão de ser uma pessoa confiável? Podemos confiar nela?", e a resposta a essa questão é muitas vezes bastante complicada.

A decisão de confiar ou não em uma pessoa é como decidir se você vai subir numa árvore ou não, porque você poderá talvez ter uma vista maravilhosa do último galho, ou então acabará simplesmente todo coberto de seiva, e por essa razão muitas pessoas preferem ficar o tempo todo sozinhas dentro de casa, onde é mais difícil se machucar com farpas de madeira. Os Baudelaire não sabiam muita coisa de Kit Snicket, portanto era difícil prever qual seria o futuro deles se a seguissem pelo gramado em declive rumo às misteriosas incumbências que ela mencionara.

"Nos poucos minutos em que a conhecemos", disse Violet, "Kit Snicket entrou com o táxi no meio dos arbustos de uma sebe. Normalmente eu relutaria em confiar numa pessoa assim, mas..."

"O pôster", disse Klaus, quando a voz da irmã silenciou. "Eu me lembro bem dele. Mamãe contou que o adquiriu no intervalo, como suvenir. Ela disse que aquela foi a noitada mais interessante que jamais tivera na ópera, e não queria esquecê-la nunca."

"O pôster trazia a figura de uma arma", lembrou-se Violet, "com a fumaça formando as palavras do título."

Sunny balançou a cabeça afirmativamente.

"La forza del destino", disse ela.

As três crianças olharam para o gramado em declive. Kit Snicket já avançara uma boa distância, sem olhar para trás para ver se as crianças a seguiam. Sem mais palavra, os irmãos estenderam as mãos para o assento do passageiro e recolheram as coisas de Kit — os dois livros de poesia que já tinham reconhecido antes, e uma pasta acartonada transbordando de papéis. Eles então começaram a caminhar pelo gramado. Do outro lado dos arbustos chegava um som indistinto, mas as crianças não sabiam dizer se era um táxi fazendo a volta ou apenas o vento fazendo farfalhar os arbustos.

"La forza del destino" é uma frase em italiano que significa "a força do destino", e "destino" é uma palavra que tende a causar discussões entre as pessoas que a empregam. Alguns pensam que destino é algo do que não se pode escapar, como a morte, ou uma torta de ricota que azedou, duas coisas que, mais cedo ou mais tarde, sempre acontecem. Outros pensam que destino é um momento na vida de uma pessoa, como aquele em que alguém se torna adulto, ou o instante em que se faz necessário construir um esconderijo com assentos de sofá. E outros acreditam, ainda, que destino é uma força invisível — como a gravidade, ou o medo de se cortar com papel — que orienta as pessoas durante toda a vida, estejam elas embarcando em uma incumbência misteriosa, cometendo um ato traiçoeiro ou decidindo se o livro que começaram a ler é assustador demais para terminar. Na ópera *La forza del destino,* diversas personagens discutem, se apaixonam, se casam em segredo, fogem para monastérios, vão à guerra, anunciam que se vingarão, travam duelos e deixam cair uma arma no chão, e ela dispara acidentalmente e mata alguém em um incidente estranhamente similar ao que acontecerá no capítulo nove deste livro que você tem em mãos — e elas ficam o tempo todo tentando descobrir se algum desses problemas é resultado do destino. Elas se questionam e se questionam a respeito de todos os perigos em suas vidas, e, quando desce o pano no final, nem mesmo o público pode ter certeza do que poderiam significar todas aquelas desventuras em série.

Os órfãos Baudelaire não sabiam que perigos os aguardavam ao seguir Kit Snicket pelo gramado, mas eles se perguntaram — assim como eu me perguntei, naquela noite fatídica muito tempo atrás, enquanto saía às pressas da ópera antes que uma certa mulher me avistasse — se era a força do

destino que estava orientando sua história, ou algo ainda mais misterioso, ainda mais perigoso, e ainda mais desventurado.



CAPÍTULO DOIS

Se você segurar este livro na frente de um espelho, verá imediatamente como é desconcertante ler as letras e palavras "que são refletidas de volta para você". De fato, o mundo inteiro parece desconcertante visto em um espelho, quase como se "além da lustrosa superfície prateada existisse todo um outro mondo, exatamente igual ao mundo em que vivemos", só que de trás para diante. A vida nos deixa sufucientemente perplexos mesmo quando não pensamos em outros mundos que nos encaram de dentro do espelho, e é por isso que as pessoas que passam muito tempo se olhando no espelho tendem a ter dificuldade na hora de pensar em alguma coisa diferente "dos eventuais segredos que porventura descobriram depois de tanta reflexão, tais como um irmão previamente desconhecido que já os observava naquele exato momento".

Os órfãos Baudelaire, é claro, não tinham passado muito tempo se olhando em espelhos recentemente, pois estavam bastante desassossegados, uma palavra que aqui significa "em circunstâncias desesperadoras e misteriosas provocadas pelo conde Olaf". Mas, mesmo se tivessem passado todos os seus momentos de vigília olhando o próprio reflexo no espelho, eles não estariam preparados para a desconcertante visão que os aguardava no final do gramado em declive. Quando Violet, Klaus e Sunny por fim alcançaram Kit Snicket, tiveram a sensação de ter entrado no mundo existente do outro lado do espelho, sem nem terem percebido a passagem. Por mais impossível que possa parecer, o gramado depositou as crianças no topo de um edifício — não um daqueles que se erguem em direção ao céu,

mas um edifício achatado no chão. Os sapatos dos Baudelaire estavam a centímetros das telhas rebrilhantes do telhado, onde se lia em uma grande placa: HOTEL DESENLACE. Abaixo da placa, mais distante dos órfãos, havia uma fileira de janelas, cujas venezianas eram todas brasonadas com o número 9. A fileira era muito longa e se estendia para a direita e para a esquerda dos Baudelaire, tão longe que não dava para ver o fim. Abaixo dessa fileira de janelas havia outra, com as venezianas brasonadas com o número 8, e depois outra fileira com o 7, e assim por diante, os números cada vez mais distantes dos Baudelaire, até chegar no 0. Projetando-se de uma das janelas da fileira 0 havia um estranho funil, que expelia uma névoa espessa e branca na direção dos irmãos e que encobria uma escadaria que levava a uma ampla passagem curva em arco, identificada como ENTRADA. O edifício fora construído com bizarros tijolos tremeluzentes, e aqui e ali se viam grandes e estranhas flores, e manchas escuras de musgo, tudo espalhado no chão diante das crianças.

Depois de um momento, uma das venezianas se abriu, e num átimo os Baudelaire perceberam por que o Hotel Desenlace parecia tão desconcertante. Eles não estavam olhando para o edifício, e sim para o reflexo dele em uma enorme lagoa; o hotel mesmo ficava do outro lado. Normalmente, é bastante simples distinguir um edifício do reflexo dele em um corpo d'água, mas o sujeito que projetou o Hotel Desenlace, quem quer que tenha sido, acrescentou diversas peculiaridades para confundir os passantes. Para começar, o prédio não se erguia verticalmente, mas se inclinava na direção do solo a um ângulo preciso para que a lagoa refletisse apenas o hotel, sem nada da paisagem e do céu que o envolviam. Além disso, toda a programação visual — que *é* apenas uma expressão sofisticada para dizer "placas" — era escrita de trás para diante, portanto os números nas janelas só podiam ser lidos corretamente quando vistos na superfície da lagoa, e as palavras no telhado do hotel real diziam LETOH ECALNESED. Por fim, algum jardineiro muito esforçado conseguira cultivar lírios e musgo nos tijolos do hotel — o mesmo tipo de lírios e musgo que crescem na superfície de lagoas.

Os três irmãos baixaram os olhos para a lagoa, depois os ergueram para o hotel, para cima e para baixo várias vezes antes de conseguir recuperar o prumo, uma expressão que aqui significa "parar de ficar

olhando para aquela visão desconcertante e dirigir a atenção para Kit Snicket".

"Aqui, Baudelaire!", gritou a mulher grávida, e as crianças viram que Kit se sentara sobre um enorme cobertor estendido no gramado. Em cima do cobertor havia pilhas de comida suficientes para alimentar um exército, se naquela manhã um exército tivesse decidido invadir uma lagoa. Havia três pães, cada qual assado em um formato diferente, enfileirados na frente de tigelinhas de manteiga, geléia e algo que parecia ser chocolate derretido. Ao lado dos pães havia uma enorme cesta com todo tipo de pastelaria, de bolinhos a sonhos e bombas de creme, que por sinal eram as favoritas de Klaus. Havia duas assadeiras redondas contendo quiche, que *é* uma espécie de torta feita com ovos, queijo e legumes, uma grande travessa de peixe defumado e uma bandeja de madeira sobre a qual se equilibrava uma alta pirâmide de frutas. Três jarros de vidro continham três tipos diferentes de suco, havia bules de prata com chá e café e, dispostos em forma de leque, havia talheres de prata para comer aquilo tudo, além de três guardanapos com monogramas, uma palavra que aqui significa "trazendo bordadas as iniciais V.B., K.B., e S.B.".

"Sentem-se, sentem-se", disse Kit, mordiscando um doce coberto de açúcar de confeiteiro. "Como eu disse, não temos muito tempo, mas isso não é desculpa para não comer bem. Sirvam-se do que quiserem."

"De onde veio toda essa comida?", perguntou Klaus.

"Um dos nossos associados preparou para nós", disse Kit. "Na nossa organização, o farnel para os piqueniques deve viajar separadamente dos voluntários. É praxe. Se os inimigos capturarem as provisões, pelo menos não vão pôr as garras em nós, e se os capturados formos nós, pelo menos os nossos inimigos não terão piquenique. Isso é algo a lembrar durante os próximos dias, quando vocês participarem daquilo que os nossos inimigos chamam de 'luta perpétua por espaço e comida'. Por favor, provem a geléia. É deliciosa."

Os Baudelaire sentiam-se atordoados, como se a cabeça ainda estivesse girando devido ao passeio por entre os arbustos, e Violet enfiou a mão no bolso para procurar uma fita. A conversa era tão atordoante que a mais velha dos Baudelaire queria se concentrar intensamente, como quando arquitetava uma invenção. Amarrar os cabelos ajudava Violet a focalizar sua mente inventiva, mas antes que pudesse encontrar uma fita, Kit sorriu

suavemente para ela e ofereceu a sua própria fita. A mulher transtornada e grávida fez um gesto para a mais velha dos Baudelaire se sentar e, com uma expressão gentil nos olhos, amarrou ela mesma os cabelos de Violet.

"Você se parece demais com o seu pai", Kit suspirou. "Ele franzia a testa do mesmo jeito quando ficava confuso, muito embora jamais tivesse amarrado o cabelo com uma fita para resolver um problema. Por favor, irmãos Baudelaire, comam o *brunch,* enquanto isso, vou tentar pô-los a par dos nossos apuros atuais. Quando vocês estiverem no segundo bolinho, espero que suas perguntas já estejam respondidas."

Os Baudelaire sentaram-se, estenderam o guardanapo com monograma no colo e começaram a comer, surpresos ao se dar conta de que estavam tão famintos de *brunch* quanto curiosos pelas informações. Violet pegou duas fatias de pão escuro de trigo e fez um sanduíche de peixe defumado, decidindo provar a pasta de chocolate depois, se ainda houvesse espaço. Klaus serviu-se de um pouco de quiche e pegou uma bomba de creme. Sunny fuçou na bandeja de frutas até encontrar um grapefruit e começou a descascá-lo com seus dentes inusitadamente afiados. Kit sorriu para as crianças, limpou os lábios com um guardanapo bordado com o monograma K.S. e se pôs a falar.

"O edifício do outro lado da lagoa é o Hotel Desenlace", falou ela. "Já se hospedaram lá?"

"Não", disse Violet. "Nossos pais nos levaram uma vez ao Hotel Prelúdio, para passar o fim de semana."

"É verdade", disse Klaus. "Eu já tinha quase esquecido."

"Cenouras de café-da-manhã", disse Sunny, lembrando-se do fim de semana com um sorriso.

"Bem, o Hotel Prelúdio é um lugar encantador", disse Kit, "mas o Hotel Desenlace é mais do que isso. Há anos os nossos voluntários se reúnem nele para trocar informações, discutir planos para derrotar os inimigos e devolver os livros que pedimos emprestados uns aos outros. Antes da cisão, havia incontáveis locais que serviam a esses propósitos. Livrarias e bancos, restaurantes e papelarias, cafés e lavanderias, antros de ópio e cúpulas geodésicas — pessoas de nobreza e integridade podiam se reunir praticamente em qualquer lugar."

"Devem ter sido tempos maravilhosos", disse Violet.

“É o que me disseram”, disse Kit. “Eu tinha quatro anos de idade quando tudo mudou. Nossa organização se despedaçou, e foi como se o mundo também tivesse se despedaçado; e nossos locais seguros foram destruídos, um por um. Havia um laboratório científico, mas o voluntário que era dono do lugar foi assassinado. Havia uma caverna enorme, mas uma traiçoeira equipe de corretores de imóveis a reclamou para si. E havia uma imensa sede de operações no alto das Montanhas de Mão-Morta, mas...”

“Ela foi destruída”, disse Klaus mansamente. “Estivemos lá pouco tempo depois do incêndio.”

“É claro que estiveram”, disse Kit. “Eu tinha esquecido. Bem, a sede de operações era o penúltimo lugar seguro.”

“Penu quê?”, perguntou Sunny.

“'Penúltimo' significa 'antes do último'“, explicou Kit. “Quando a sede de operações nas montanhas foi destruída, só restou o Hotel Desenlace. Em todos os outros lugares na Terra, a nobreza e a integridade estão desaparecendo depressa.” Ela suspirou e fixou o olhar na superfície calma e plana da lagoa. “Se não tomarmos cuidado, vão desaparecer completamente. Dá para imaginar um mundo em que prevalecem a perversidade e as falcatruas desenfreadas?”

“Sim”, disse Violet baixinho, e seus irmãos concordaram com um sinal de cabeça. Eles sabiam que a palavra “desenfreadas” significava “sem ninguém que as detenha”, e podiam imaginar um mundo assim com grande facilidade, porque estavam vivendo em um. Desde o primeiro encontro com o conde Olaf, a perversidade e as falcatruas do vilão prevaleceram desenfreadas sobre a vida dos Baudelaire, e tinha sido muito difícil para as crianças evitar que elas próprias se tornassem vilãs. De fato, quando consideravam todos os seus atos recentes, tinham dúvidas de não terem perpetrado uns poucos atos de vilania, mesmo tendo razões muito boas para fazer isso.

“Quando estávamos nas montanhas”, disse Klaus, “encontramos uma mensagem que um dos voluntários havia escrito. Dizia que C.S.C. estaria se reunindo no Hotel Desenlace na quinta-feira.”

Kit aquiesceu e estendeu a mão para se servir de um pouco mais de café.

“A mensagem era dirigida a J.S.?”, ela perguntou.

“Sim”, disse Violet. “Presumimos que as iniciais eram de Jacques Snicket.”

“Irmão?”, perguntou Sunny.

Kit baixou o olhar para o seu doce, com uma expressão de tristeza.

“Sim, Jacques era meu irmão. Por causa da cisão, fiquei sem ver nenhum dos meus irmãos por anos, e só recentemente tomei conhecimento do assassinato dele.”

“Conhecemos Jacques muito por alto”, disse Violet, referindo-se ao período em que os Baudelaire ficaram sob a tutela de uma cidade inteira. “Você deve ter ficado chocada com a notícia.”

“Triste”, disse Kit, “mas não chocada. Foram tantas as pessoas boas aniquiladas pelos nossos inimigos.” Ela estendeu as mãos por cima do cobertor e acariciou as mãos dos Baudelaire, primeiro as de um, depois as do outro e por fim as do terceiro. “Eu sei que não preciso contar a vocês como *é* horrível a sensação de perder um membro da família. Tão horrível que jurei nunca mais sair da cama.”

“O que aconteceu?”, disse Klaus.

Kit sorriu.

“Fiquei com fome”, disse ela, “e quando abri a geladeira encontrei outra mensagem esperando por mim.”

“Colóquio Secreto Criostático”, disse Violet, “o mesmo código da mensagem que encontramos nas montanhas.”

“Sim”, disse Kit. “Vocês três foram localizados por outro voluntário. Sabíamos, é claro, que vocês, crianças, não tiveram nada a ver com a morte do meu irmão, mesmo tendo lido o que aquela repórter ridícula escreveu n'*O Pundonor Diário.”*

Os Baudelaire se entreolharam. Tinham quase esquecido de Geraldine Julienne, a jornalista que lhes causara tantas atribulações, uma frase que aqui significa “que publicara no jornal que os órfãos Baudelaire haviam assassinado Jacques Snicket, que ela equivocadamente identificou como o conde Olaf”.

Os irmãos precisaram se disfarçar diversas vezes para não ser capturados pelas autoridades.

“Quem nos localizou?”, perguntou Klaus.

“Quigley Quagmire, é claro”, disse ela. “Ele encontrou vocês nas Montanhas de Mão-Morta, e então me contatou quando vocês foram

separados dele. Encontrei-me com Quigley em um entreposto abandonado de roupões de banho, onde nos disfarçamos de manequins enquanto pensávamos no que fazer a seguir. Por fim, conseguimos enviar uma mensagem pelo Correio Sub-reptício Cooperativo para o submarino do capitão Andarré."

"Queequeg", disse Sunny, designando o veículo subaquático onde recentemente havia passado alguns dias tenebrosos com os irmãos.

"Nosso plano era encontrar vocês na Praia de Sal", disse Kit, "e prosseguir até o Hotel Desenlace para o encontro de C.S.C."

"Mas onde está Quigley?", perguntou Violet.

Kit suspirou e tomou um gole de café.

"Ele estava muito ansioso por vê-los", disse ela, "mas recebeu notícias dos irmãos dele."

"Duncan e Isadora!", exclamou Klaus. "Não os vemos há um bocado de tempo. Eles estão em segurança?"

"Espero que sim", respondeu Kit. "A mensagem que mandaram estava incompleta, mas parecia que estavam sendo atacados em pleno ar enquanto voavam sobre o oceano. Quigley foi imediatamente ajudá-los com um helicóptero que furtamos de um botânico das vizinhanças. Se tudo der certo, veremos os trigêmeos Quagmire na quinta-feira. Isto é, a não ser que vocês cancelem o encontro."

"Cancelar?", admirou-se Violet. "Por que haveríamos de fazer uma coisa dessas?"

"O lugar seguro pode ser inseguro, afinal", disse Kit tristemente. "Se for esse o caso, vocês, irmãos Baudelaire, precisarão enviar a C.S.C. um sinal de que o encontro de quinta-feira está cancelado."

"Inseguro por quê?", perguntou Sunny.

Kit sorriu para a mais jovem dos Baudelaire, abriu a pasta acartonada que os órfãos tinham trazido do táxi e começou a folhear os papéis dentro dela.

"Desculpem por isto estar tão desorganizado", disse ela. "Não tive tempo de atualizar o meu livro de lugar-comum. Meu irmão costumava dizer que, se ao menos uma pessoa tivesse um pouco mais de tempo para algumas leituras importantes, todos os segredos do mundo se esclareceriam. Eu mal pude olhar para estes mapas, poemas e planos de ação que Charles

me mandou, nem pude escolher o papel de parede para o quarto do bebê. Aguardem um momento, irmãos Baudelaire. Eu vou encontrar."

As crianças se serviram de mais *brunch,* tentando ser pacientes enquanto Kit vasculhava a pasta, parando de quando em quando para alisar alguns papéis especialmente amarrotados. Por fim ela ergueu um pequenino pedaço de papel, não maior que uma lagarta, enrolado como um pequenino rolo de pergaminho.

"Aqui está", disse ela. "Um garçom passou furtivamente para mim ontem à noite; isso estava escondido em um biscoito."

Ela o entregou a Klaus, que desenrolou o papel e apertou os olhos através dos óculos.

"'J.S. registrou-se'", leu ele em voz alta, "'e pediu chá com açúcar. Meu irmão manda lembranças. Sinceramente, Frank.'"

"Em geral as mensagens dentro de biscoitos não passam de superstições absurdas", disse Kit. "Mas a administração do restaurante mudou recentemente. Vocês podem entender por que essa mensagem me deixou tão transtornada, irmãos Baudelaire. Alguém está se fazendo passar pelo meu irmão e se registrou no hotel logo antes da chegada programada de toda a nossa organização."

"Conde Olaf", disse Violet.

"Poderia ser Olaf", concordou Kit, "mas existe uma grande quantidade de vilões que desejam ardentemente ser impostores. Aqueles dois vilões que estavam nas montanhas, por exemplo."

"Ou Hugo, Colette, ou Kevin", disse Klaus, designando três pessoas que as crianças haviam conhecido no Parque Caligari, e que desde então se juntaram à trupe de Olaf e combinaram encontrar-se com ele no hotel.

"Mas esse J.S. não é necessariamente uma pessoa má", disse Kit. "Uma grande quantidade de pessoas nobres poderia se registrar no Hotel Desenlace e pedir açúcar no chá. Não para adoçá-lo, é claro — o chá deve ser amargo como absinto, costumava dizer meu irmão, e pungente como uma espada de dois gumes —, mas como um sinal. Nossos camaradas e nossos inimigos estão todos atrás da mesma coisa: o Continente Sacarífero Codificado."

"Açucareiro", disse Sunny, trocando um olhar consternado com os irmãos. Os Baudelaire sabiam que Kit estava se referindo a um certo açucareiro que era de grande importância para C.S.C. e também para o

conde Olaf, que estava desesperado para pôr as mãos nele. As crianças haviam procurado por esse açucareiro do pico mais elevado das Montanhas de Mão-Morta às profundezas subaquáticas da Gruta Gorgônea, mas não o encontraram nem ficaram sabendo por que ele era tão importante.

"Isso mesmo", disse Kit. "O açucareiro está a caminho do hotel neste exato momento, enquanto estamos aqui conversando, e eu detesto pensar no que aconteceria se os nossos inimigos pusessem as mãos nele. Não sou capaz de imaginar nada pior, exceto talvez se os nossos inimigos, de algum modo, puserem as mãos no Mycelium Medusóide."

O olhar de consternação dos Baudelaire se intensificou, uma palavra que aqui significa "aumentou dramaticamente quando eles se deram conta de que tinham más notícias para Kit Snicket".

"Receio que o conde Olaf tenha uma pequena amostra do Mycelium Medusóide", disse Violet, referindo-se a um fungo letal que as crianças haviam encontrado enquanto exploravam o oceano. Seus esporos sinistros infectaram a pobre Sunny, que poderia não ter sobrevivido caso os irmãos não tivessem conseguido diluir o veneno no último minuto. "Trazíamos alguns esporos hermeticamente fechados dentro de um capacete de mergulho, mas Olaf conseguiu furtá-lo."

Kit engoliu em seco.

"Então, com toda certeza, não temos tempo a perder. Vocês três precisam se infiltrar no Hotel Desenlace e observar J.S. Se J.S. for uma pessoa nobre, vocês deverão se empenhar para que o açucareiro caia nas mãos dele ou dela, mas se J.S. for uma pessoa vilanesca, vocês deverão se empenhar para que não caia. E lamento dizer que isso não vai ser tão fácil quanto parece."

"Não parece nem um pouco fácil", disse Klaus.

"Assim é que se fala", disse Kit, jogando uma uva para dentro da boca. "É claro que vocês não estarão sozinhos. Chegar cedo é um dos sinais de uma pessoa nobre, portanto há outros voluntários que já estão no hotel. Vocês podem até reconhecer alguns voluntários que os estiveram observando durante as suas viagens. Mas também podem reconhecer alguns dos seus inimigos, pois estarão posando de pessoas nobres e também chegarão cedo. Enquanto vocês tentam observar o impostor, diversos impostores estarão, sem dúvida, observando vocês."

“Mas como poderemos distinguir os voluntários dos inimigos?”, perguntou Violet.

“Do mesmo jeito que sempre fizeram”, disse Kit. “Quando vocês se encontraram pela primeira vez com o conde Olaf, tiveram alguma dúvida de que ele era uma pessoa traiçoeira? Quando se encontraram pela primeira vez com os trigêmeos Quagmire, tiveram alguma dúvida de que eles eram encantadores e talentosos? Vocês têm de observar todas as pessoas que virem e julgar por si mesmos. Vocês Baudelaire se tornarão *flâneurs.”*

“Elucide”, disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa na linha de “Receio não saber o que essa palavra significa”.

“*Flâneurs',* explicou Kit, “são pessoas que observam discretamente os arredores, intrometendo-se só quando é absolutamente necessário. As crianças são excelentes *flâneurs,* pois pouca gente presta atenção nelas. Vocês serão capazes de passar despercebidos no hotel.”

“Nós não podemos passar despercebidos”, disse Klaus. “*O Pundonor Diário* publicou as nossas fotografias. Alguém certamente vai nos reconhecer e comunicar a nossa presença às autoridades.”

“Meu irmão está certo”, disse Violet. “Três crianças não podem simplesmente ficar perambulando por um hotel, observando as coisas.”

Kit sorriu e ergueu um canto do cobertor do piquenique. Embaixo havia três pacotes embrulhados em papel.

“O homem que me enviou a mensagem sobre o impostor”, disse ela, “é um membro de C.S.C. Ele sugeriu empregar vocês três como *concierges.* Seus uniformes estão nestes pacotes.”

“Elucide novamente”, disse Sunny.

Klaus pegara o seu livro de lugar-comum e estava tomando nota do que Kit dizia. A oportunidade de definir uma palavra, no entanto, foi suficiente para interromper o seu afazer.

“*Concierge”,* disse ele à irmã, “é alguém que desempenha diversas tarefas para os hóspedes de um hotel.”

“É o disfarce perfeito”, disse Kit. “Vocês irão executar os mais diversos serviços, de buscar pacotes a recomendar restaurantes. Terão permissão para entrar em todos os cantos do hotel, do salão de bronzeamento da cobertura à lavanderia no subsolo, e ninguém suspeitará que vocês estão lá para espionar. Frank os ajudará tanto quanto puder, mas tenham muito cuidado. A cisão transformou muitos irmãos em inimigos.

Em nenhuma circunstância vocês devem revelar a Ernest, o traiçoeiro gêmeo idêntico de Frank, quem verdadeiramente são."

"Idêntico?", repetiu Violet. "Se eles são idênticos, como vamos distinguir um do outro?"

Kit tomou um último gole de café.

"Por favor, tentem prestar atenção", disse ela. "Vocês têm de observar todas as pessoas que virem e julgar essas coisas por si mesmos. Esse é o único modo de distinguir um vilão de um voluntário. Então, está tudo perfeitamente claro?"

Os Baudelaire se entreolharam. Eles não podiam se lembrar de uma só ocasião de suas vidas em que tudo tivesse estado menos claro do que naquele exato momento, quando cada frase pronunciada por Kit parecia ser mais misteriosa que a última. Klaus olhou para as anotações que tinha feito no seu livro de lugar-comum e tentou resumir a incumbência que Kit delineara para eles.

"Vamos nos disfarçar de *concierge?,* disse ele cautelosamente, "para que nos tornemos *flâneurs* e observemos um impostor que pode ser um voluntário ou um inimigo."

"Um homem chamado Frank vai nos ajudar", disse Violet, "mas seu irmão Ernest vai tentar nos deter."

"Há diversos outros voluntários no hotel", disse Klaus, "mas diversos outros inimigos também."

"Açucareiro", disse Sunny.

"Muito bom", disse Kit em tom de aprovação. "Quando vocês terminarem o *brunch,* podem vestir o uniforme atrás daquela árvore e sinalizar a Frank que estão a caminho. Vocês têm alguma coisa que possam jogar na lagoa?"

Violet enfiou a mão no bolso e tirou de lá uma pedra que tinha recolhido na Praia de Sal.

"Imagino que isto sirva", disse ela.

"É perfeito", disse Kit. "Frank deve estar observando de uma das janelas do hotel, a não ser, *é* claro, que Ernest tenha interceptado a minha mensagem e esteja observando no lugar dele. Qualquer que seja o caso, quando estiverem prontos para encontrá-lo, podem jogar a pedra na lagoa, aí ele verá as ondulações e saberá que vocês estão a caminho."

"Você não vem conosco?", perguntou Klaus.

“Receio que não”, disse Kit. Tenho outras incumbências pela frente. Enquanto Quigley tenta resolver a situação no céu, tentarei resolver a situação no mar, e vocês terão de resolver a situação aqui em terra.”

“Nós só?”, perguntou Sunny. Ela queria dizer alguma coisa como “Você acha realmente que três crianças podem levar tudo isso a cabo sozinhas?”, e seus irmãos foram ligeiros em traduzir.

“Dêem uma olhada em si mesmos”, disse Kit, fazendo um gesto na direção da lagoa. Os Baudelaire se levantaram, se aproximaram da beira da água e se inclinaram sobre a lagoa de modo a fazer aparecer seu reflexo na frente do telhado do hotel. “Quando os seus pais morreram”, disse Kit, “você era apenas uma menininha, Violet. Mas você amadureceu. Esses não são os olhos de uma menininha. Esses são os olhos de alguém que enfrentou um sofrimento sem fim. E olhe para você, Klaus. Tem a aparência de um pesquisador experiente — não apenas o jovem leitor que perdeu os pais num incêndio. E você, Sunny, você está sobre os seus próprios pés, e são tantos os dentes que estão crescendo que já nem parecem ser de um tamanho tão exagerado como quando você era um bebê. Vocês não são mais crianças, irmãos Baudelaire. Vocês são voluntários, prontos para enfrentar os desafios de um mundo desesperado e desconcertante. Vocês precisam ir ao Hotel Desenlace, e Quigley precisa ir à casa móvel auto-sustentável a ar quente, e eu preciso ir a uma formação de corais de qualidade dúbia onde um bote inflável deverá estar me aguardando. Mas se Quigley conseguir construir uma rede grande o bastante para capturar todas aquelas águias, e eu conseguir contatar o capitão Andarré e fazer com que venha se encontrar comigo em um certo aglomerado de algas, estaremos aqui na quinta-feira. Hector deve conseguir pousar a sua casa móvel auto-sustentável a ar quente no telhado, mesmo que estejamos todos a bordo.”

“Hector?”, disse Violet, lembrando-se do homem que fora tão gentil com eles na cidade dos Cultores Solidários de Corvídeos e da enorme invenção que o arrastara para longe dos Baudelaire. “Ele está em segurança?”

“Espero que sim”, disse Kit suavemente e levantou-se. Ela desviou o rosto dos Baudelaire, e sua voz soou trêmula ao falar. “Não se preocupem com as sobras do *brunch,* irmãos Baudelaire. Um dos meus camaradas se ofereceu para recolher tudo depois do nosso piquenique. Ele é um

cavalheiro magnífico. Vocês vão conhecê-lo na quinta-feira, se tudo der certo. Se tudo der certo...”

Mas ela não conseguiu terminar a frase. Em vez disso, soltou um pequeno gemido, e seus ombros começaram a sacudir enquanto os Baudelaire se entreolhavam. Quando uma pessoa está chorando, *é* claro que a coisa mais nobre a fazer *é* confortá-la. Mas se a pessoa está tentando esconder as lágrimas, talvez também seja nobre fazer de conta que você não percebeu, para que ela não se sinta constrangida. Por um momento, as crianças não souberam como escolher entre a nobre atividade de confortar uma pessoa que está chorando e a nobre atividade de não deixar constrangida uma pessoa que está chorando, mas, quando Kit Snicket se pôs a chorar cada vez mais forte, decidiram confortá-la. Violet apertou uma das mãos dela entre as suas. Klaus passou-lhe um braço em volta do ombro. Sunny abraçou Kit logo acima dos joelhos, que era o mais alto que podia alcançar.

“Por que você está chorando?”, perguntou Violet. “Por que está tão transtornada?”

“Porque não vai dar tudo certo”, disse Kit afinal. “Agora vocês já podem saber, irmãos Baudelaire. Este é um momento tenebroso, tão tenebroso quanto um corvo voando em noite escura como breu. Nossas incumbências podem ser nobres, mas não teremos sucesso. Desconfio que antes de quinta-feira verei o seu sinal e saberei que todas as nossas esperanças se transformaram em fumaça.”

“Mas como vamos sinalizar?”, perguntou Klaus. “Que código devemos usar?”

“Qualquer código que vocês inventarem”, disse Kit. “Estaremos observando o céu.”

Dizendo isso, ela soltou-se dos braços reconfortantes das crianças e afastou-se apressadamente da lagoa, sem mais uma palavra. Violet, Klaus e Sunny ficaram olhando enquanto a figura de Kit diminuía à medida que ela corria gramado acima, talvez voltando para o táxi, ou para juntar-se a algum outro voluntário misterioso, até por fim desaparecer além do declive. Por um momento, nenhuma das crianças disse nada, e então Sunny inclinou-se para baixo e pegou os pacotes.

“Vestir?”, perguntou ela.

“Acho que sim”, disse Violet com um suspiro. “É uma pena desperdiçar toda essa comida, mas não agüento nem mais um pouco de *brunch.”*

“Talvez o voluntário que vem recolher tudo leve para alguma outra pessoa”, disse Klaus.

“Talvez”, concordou Violet. “Há tanta coisa sobre C.S.C. que continua sendo um mistério.”

“Talvez saibamos mais quando formos *flâneur?,* disse Klaus. “Se observarmos tudo à nossa volta, talvez alguns desses mistérios se esclareçam. Assim espero.”

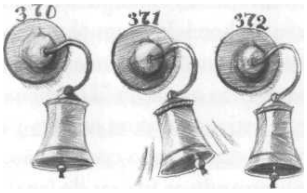
“Eu também assim espero”, disse Violet.

“Assim espero também”, disse Sunny, e os Baudelaire não disseram mais nada. Deixando o *brunch* de lado, eles se esquivaram para trás da árvore sugerida por Kit e penduraram o cobertor do piquenique como se fosse uma cortina, para que cada uma das crianças pudesse vestir o uniforme de *concierge* em relativa privacidade. Violet afivelou um lustroso cinto prateado com as palavras HOTEL DESENLACE gravadas em grandes letras pretas em toda a volta, esperando ser capaz de perceber a diferença entre Frank e o seu traiçoeiro irmão Ernest. Klaus ajustou o seu chapéu rígido e redondo, que tinha uma firme alça elástica apertada embaixo do queixo, esperando ser capaz de saber quais entre os hóspedes eram voluntários e quais eram vilões. E Sunny enfiou os dedos nas luvas brancas e limpas, surpresa por Frank ter conseguido encontrá-las em tamanho tão pequeno, esperando ser capaz de investigar o impostor que se passava por Jacques Snicket.

Quando as três crianças acabaram de vestir seus uniformes, caminharam de volta até a beira da lagoa e puseram a última peça do disfarce: três enormes pares de óculos escuros que lembravam um par usado pelo conde Olaf quando ele fingira ser um detetive. Os óculos escuros eram tão grandes que cobriam não só os olhos como também grande parte do rosto — Klaus podia até mesmo usar os seus óculos normais embaixo deles sem que ninguém percebesse. Quando olharam através dos óculos escuros para o próprio reflexo, os órfãos se perguntaram se os disfarces seriam suficientes para mantê-los longe das garras das autoridades por tempo suficiente para resolver todos os mistérios que os cercavam; também se perguntaram se era verdade o que Kit Snicket dissera, que eles não eram

mais crianças, e sim voluntários prontos para enfrentar os desafios de um mundo desesperado e desconcertante. Os Baudelaire assim esperavam.

Mas, quando Violet segurou a pedra em sua mão enluvada e atirou-a no meio da lagoa, eles se perguntaram se as suas esperanças iriam afundar do mesmo modo. Ficaram observando as ondulações que se formavam na superfície da lagoa, quebrando o reflexo do hotel. Ficaram observando as telhas da cobertura se transformarem em um borrão, e ficaram observando a palavra "Desenlace" desaparecer como se estivesse escrita em um papel que alguém estava amarrotando com a mão. Os irmãos ficaram observando as fileiras de janelas se fundirem, e ficaram observando todas as flores e musgos se dissolverem no nada enquanto a pedra afundava cada vez mais na lagoa e as ondulações em círculos se espalhavam mais e mais longe através do reflexo. Os órfãos Baudelaire ficaram observando aquele mundo refletido desaparecer, e se perguntaram se as suas esperanças também iriam desaparecer no estranho e ondulante mundo do Hotel Desenlace e "todos os mistérios e segredos que jazem lá no fundo".



CAPÍTULO TRÊS

Existem lugares onde o mundo é sereno, mas o enorme saguão do Hotel Desenlace não era um deles. No dia em que os Baudelaire subiram a escadaria através da névoa branca do funil e entraram na grande arcada curva identificada como ADARTNE — ou, no reflexo da enorme lagoa, ENTRADA —, o saguão fervilhava de atividade. Como Kit Snicket previra, os Baudelaire conseguiram passar despercebidos no hotel, porque todo mundo estava ocupado demais para reparar em qualquer coisa. Os hóspedes enfileiravam-se na frente de um enorme balcão de recepção — que por algum motivo tinha o número 101 brasonado na parede acima dele — para poder se registrar no hotel e ir para o quarto descansar. Mensageiros e mensageiras empilhavam montes de bagagens em carrinhos e os empurravam para os elevadores — que por algum motivo tinham o número 118 brasonado nas portas — para poder descarregar as malas nos quartos dos hóspedes e receber as gorjetas. Garçons e garçonetes levavam comida e bebida a pessoas sentadas nas cadeiras e bancos do saguão. Motoristas de táxi introduziam hóspedes no *hall* para entrar na fila, e cães arrastavam seus donos para fora do hotel para passear. Turistas confusos, em pé pelo saguão, olhavam para mapas em cômica perplexidade, e crianças indisciplinadas brincavam de esconde-esconde entre os vasos de plantas. Um homem de *smoking,* sentado a um piano de cauda brasonado com o número 152, tocava melodias tilintantes para entreter quem se interessasse em ouvir, e pessoas da equipe de limpeza poliam discretamente os pisos verdes de madeira gravados com o número 123, para quem se interessasse em ver os pés refletidos a cada passo. Havia uma enorme fonte em um canto do salão, da qual jorrava uma cascata de água que escorria por cima do número 131 que estava gravado em uma parede lisa e lustrosa, e havia uma mulher enorme no canto oposto, em pé sobre o número 176, bradando repetidamente um nome de homem em um tom de voz cada vez mais irritado. Os Baudelaire tentaram ser *flâneurs* enquanto andavam em meio ao

caos do hotel, mas havia tanta coisa a observar, e tudo se mexia tão depressa que eles se perguntaram como poderiam começar a nobre incumbência.

"Eu não tinha idéia de que este lugar estivesse tão movimentado", disse Violet, piscando atrás dos seus óculos escuros.

"Como diabos vamos conseguir espiar o impostor", ponderou Klaus, "entre todos esses possíveis suspeitos?"

"Frank primeiro", disse Sunny.

"Sunny está certa", disse Violet. "O primeiro passo em nossa incumbência deveria ser localizar o nosso novo chefe. Se ele viu o nosso sinal daquela janela aberta, deve estar aguardando por nós."

"A não ser que o seu irmão vilanesco Ernest esteja aguardando por nós no lugar dele", disse Klaus.

"Ou ambos", disse Sunny.

"Por que você acha que há tantos números...", Violet começou a perguntar, mas antes que pudesse concluir a pergunta um homem veio saltitando na direção deles. Era muito alto e magro e seus braços e pernas se projetavam em ângulos esquisitos, como se ele fosse feito de canudinhos de refresco em vez de carne e osso. Vestia um uniforme semelhante ao dos Baudelaire, mas com a palavra GERENTE bordada em letras elegantes por cima de um dos bolsos do casaco.

"Vocês devem ser os novos *concierges",* disse ele. "Bem-vindos ao Hotel Desenlace. Eu sou um dos gerentes."

"Frank", perguntou Violet, "ou Ernest?"

"Exatamente", disse o homem, e piscou para eles. "Fico muito contente por vocês três estarem aqui, mesmo um de vocês sendo de estatura tão inusitadamente baixa, pois estamos inusitadamente carentes de mão-de-obra. Estou tão ocupado que vocês terão de descobrir sozinhos como funciona o sistema."

"Sistema?", perguntou Klaus.

"Este lugar é tão complicado quanto é enorme", disse Frank, ou talvez Ernest, "e vice-versa. Eu detestaria pensar no que poderia acontecer se vocês não o entenderem."

Os Baudelaire olharam cautelosos para o seu novo gerente, mas o rosto dele era absolutamente insondável, uma palavra que aqui significa

“sem expressão nenhuma, de modo que os Baudelaire não podiam saber se ele estava lhes oferecendo um aviso amigável ou uma ameaça sinistra”.

“Tentaremos fazer o melhor que pudermos”, disse Violet baixinho.

“Bom”, disse o gerente, levando as crianças para o outro lado do enorme saguão. “Vocês ficarão ao inteiro dispor dos nossos hóspedes”, continuou ele, usando uma frase que significava que os hóspedes iriam mandar e desmandar nos Baudelaire. “Se alguma pessoa, ou todas as pessoas aqui hospedadas, pedir ou pedirem ajuda, vocês imediatamente se oferecerão para ajudar.”

“Desculpe, senhor”, interrompeu um dos mensageiros. Estava segurando uma mala em cada mão com uma expressão confusa. “Esta bagagem chegou em um táxi, mas o motorista disse que o hóspede só vai chegar na quinta-feira. O que devo fazer?”

“Quinta-feira?”, disse Frank ou Ernest franzindo a testa. “Com licença, *concierges.* Acho que não preciso lhes dizer o quanto isso é importante. Volto logo.”

O gerente foi atrás do mensageiro no meio da multidão, deixando os Baudelaire sozinhos ao lado de um grande banco de madeira identificado com o número 128. Klaus correu a mão ao longo do banco, que tinha marcas circulares deixadas por pessoas que depositavam ali suas taças sem usar descansos para copos.

“Você acha que estávamos falando com Frank”, disse Klaus, “ou com Ernest?”

“Não sei”, disse Violet. “Ele usou a palavra 'voluntário'. Talvez seja algum tipo de código.”

“Quintinteresse”, disse Sunny, o que queria dizer “Ele sabia que a quinta-feira era importante.”

“É verdade”, disse Klaus, “mas *é* importante para ele porque *é* um voluntário, ou porque é um vilão?”

Antes que qualquer das irmãs Baudelaire pudesse arriscar um palpite, uma expressão que aqui significa “tentar responder à pergunta de Klaus”, o gerente alto e magricelo reapareceu ao lado deles.

“Vocês devem ser os novos *concierges”*, disse ele, e as crianças se deram conta de que aquele era o outro irmão. “Bem-vindos ao Hotel Desenlace.”

“Você deve ser Ernest”, tentou Violet.

“Ou Frank”, disse Sunny.

“Sim”, disse o gerente, muito embora não estivesse nada claro com quem ele estava concordando. “Estou muito grato por vocês três estarem aqui. O hotel está muito cheio no momento, e estamos esperando mais hóspedes para quinta-feira. Agora, vocês vão ficar postados no balcão de *concierges,* número 175, logo ali. Sigam-me.”

As crianças seguiram-no até a parede oposta do *lobby,* onde havia um grande balcão de madeira bem abaixo do número 175, que fora pintado acima de uma enorme janela. Sobre o balcão havia uma pequena luminária em forma de rã, e através da janela as crianças podiam ver o horizonte cinzento e plano do mar.

“Temos uma lagoa de um lado”, disse Ernest, a não ser, é claro, que fosse Frank, “e o mar do outro. Não parece muito seguro, e no entanto algumas pessoas acham que este é sem dúvida um lugar muito seguro.” Frank, a não ser que fosse Ernest, olhou em volta apressadamente e baixou o tom de voz. “O que vocês acham?”

Mais uma vez, o rosto do gerente estava insondável, e as crianças não sabiam dizer se a sua referência a um lugar seguro fazia dele um voluntário ou um vilão.

“Humm”, disse Sunny, o que muitas vezes é uma resposta segura, apesar de na realidade não ser de todo uma resposta.

“Humm”, disse Frank ou Ernest em resposta. “Agora, deixem-me explicar como este hotel é organizado.”

“Desculpe, senhor”, disse uma mensageira, cujo rosto não dava para ver atrás da pilha de jornais que carregava. “A última edição d'*O Pundonor Diário* chegou.”

“Deixe-me ver”, disse ou Ernest ou Frank, pinçando um exemplar do topo da pilha. “Ouvi dizer que Geraldine Julienne escreveu uma matéria atualizada sobre o caso Baudelaire.”

Os órfãos Baudelaire ficaram paralisados, mal se atrevendo a olhar um para o outro, que dizer para o voluntário ou vilão em pé na frente deles, lendo a manchete em voz alta.

'“RUMORES ALERTAM: IRMÃOS BAUDELAIRE DE VOLTA À CIDADE'“, disse ele. “'Conforme informação recentemente descoberta por esta repórter ao abrir um biscoito, Verônica, Klyde e Susie Baudelaire, os notórios assassinos do renomado ator conde Olaf, estão de volta à cidade,

talvez para cometer mais assassinatos cruéis, ou para continuar com o seu mais recente passatempo: provocar incêndios criminosos. Aconselha-se aos cidadãos que fiquem alerta a essas três crianças sedentas de sangue e que as denunciem às autoridades quando avistadas. Se não forem avistadas, aconselha-se aos cidadãos que nada façam.'“ O gerente voltou-se para os Baudelaire, o rosto insondável como sempre. “O que vocês acham disso, *concierges!”*

“Esta é uma pergunta interessante”, replicou Klaus, com mais uma resposta muito segura.

“Fico feliz por você achá-la interessante”, retrucou Ernest ou Frank, com uma resposta igualmente segura para a resposta segura de Klaus. Ele então voltou-se para a mensageira. “Vou lhe mostrar a banca de jornais na Sala 168”, disse ele, e desapareceu com os jornais no meio da multidão, deixando os Baudelaire sozinhos, em pé junto ao balcão e olhando para o mar.

“Acho que esse era Ernest”, disse Violet. “Seu comentário sobre a segurança do hotel soou muito sinistro.”

“Mas ele não pareceu ficar alarmado com a matéria d*’O Pundonor Diário”,* disse Klaus. “Se Ernest é um inimigo de C.S.C. ele deve estar prevenido contra nós. Portanto aquele homem provavelmente era Frank.”

“Talvez ele simplesmente não tenha nos reconhecido”, disse Violet. “Afinal, poucas pessoas reconhecem o conde Olaf quando ele está disfarçado, e seus disfarces não são muito melhores que os nossos. Talvez estejamos mais parecidos com *concierges* do que com os irmãos Baudelaire.”

“Ou talvez não estejamos parecidos de todo com os irmãos Baudelaire”, disse Klaus. “Como disse Kit, não somos mais crianças.”

“Nidícola”, disse Sunny, o que queria dizer algo do gênero de “Eu acho que ainda sou criança”.

“É verdade”, admitiu Klaus sorrindo para a irmã, “porém, quanto mais velhos ficamos, menor a probabilidade de que sejamos reconhecidos.”

“Isso irá facilitar as nossas incumbências”, disse Violet.

“O que você quer dizer com isso?”, perguntou uma voz familiar, e os Baudelaire viram que ou Frank ou Ernest havia retornado.

“O que a minha colega queria dizer”, respondeu Klaus, pensando depressa, “é que para nós seria mais fácil começar o nosso trabalho como

concierges se nos explicasse como o hotel é organizado."

"Acabei de dizer que faria isso", disse Frank num tom de voz aborrecido, ou Ernest num tom de voz irritado. "Depois que vocês entenderem como funciona o Hotel Desenlace, serão capazes de desempenhar suas incumbências com a mesma facilidade com que encontrariam um livro em uma biblioteca. E se vocês sabem como encontrar um livro em uma biblioteca, então já sabem como este hotel funciona."

"Elucide", disse Sunny.

"O Hotel Desenlace é organizado de acordo com o Sistema Decimal Dewey", explicou Frank ou Ernest. "É o mesmo modo de organização dos livros em muitas bibliotecas. Por exemplo, se vocês quisessem encontrar um livro sobre poesia alemã, começariam na seção da biblioteca marcada com o número 800, que contém livros sobre literatura e retórica. De modo similar, o oitavo andar deste hotel é reservado aos nossos hóspedes retóricos. Dentro da seção 800 de uma biblioteca, vocês encontrariam livros sobre poesia alemã rotulados com o número 831, e se tomassem o elevador e entrassem no quarto 831, encontrariam uma reunião de poetas alemães. Entenderam?"

"Acho que sim", disse Klaus. Os três Baudelaire tinham passado tempo suficiente em bibliotecas para estar familiarizados com o Sistema Decimal Dewey, porém mesmo a vasta experiência de Klaus em pesquisas não significava que ele guardara na memória o sistema inteiro. Não é necessário, é claro, memorizar o Sistema Decimal Dewey a fim de usar uma biblioteca, porque a maioria das bibliotecas possui catálogos, nos quais todos os livros estão listados em fichas ou em uma tela de computador para torná-los fáceis de encontrar. "Onde podemos encontrar o catálogo dos serviços do Hotel Desenlace?"

"Catálogo?", repetiu Frank ou Ernest. "Vocês não vão precisar de um catálogo. Toda a seção 100 de uma biblioteca é dedicada à filosofia e à psicologia, assim como o primeiro andar do nosso hotel, do balcão de recepção, que é rotulado como 101, ou teoria da filosofia, ao balcão de *concierges,* que é rotulado como 175, ou ética da recreação e do lazer, e até os sofás ali adiante, que são rotulados como 135, ou sonhos e mistérios, caso os nossos hóspedes desejem dar um cochilo ou esconder alguma coisa embaixo das almofadas do sofá. O segundo andar é dos 200, ou religião, e

ali temos uma igreja, uma catedral, uma capela, uma sinagoga, uma mesquita, um templo, um santuário, uma quadra de malha, e o quarto 296, atualmente ocupado por um rabino meio excêntrico. O terceiro andar é das ciências sociais, onde se encontram os salões de baile e as salas de reunião; o quarto andar é dedicado à linguagem, portanto a maioria dos nossos estrangeiros fica lá. Os 500 são dedicados à matemática e à ciência, e o sexto andar é dedicado à tecnologia, da sauna na Sala 613, que representa o fomento à saúde, à Sala 697, que é onde mantemos os controles de aquecimento, ventilação e ar-condicionado. Agora, se o sétimo andar representa as artes, o que vocês acham que vamos encontrar na Sala 792, que representa as apresentações cênicas?"

Violet quis amarrar o cabelo com uma fita para ajudá-la a pensar, mas ficou com medo de ser reconhecida.

"Um teatro?", disse ela.

"Você obviamente já visitou uma biblioteca antes", disse o gerente, muito embora as crianças não pudessem dizer se ele as estava elogiando ou ficando desconfiado. "Receio que isto não se aplique a todos os nossos hóspedes. Então, quando eles precisam de algum dos serviços de vocês, eles tocam a sineta para chamar um ou uma *concierge* em vez de ficar perambulando sozinhos pelo hotel. Amanhã ou depois de amanhã, no mais tardar, vocês provavelmente terão percorrido cada seção do hotel, do observatório astronômico na Sala 999 ao alojamento dos empregados no subsolo, Sala 000."

"É lá que vamos dormir?", perguntou Klaus.

"Bem, o turno de vocês é de vinte e quatro horas por dia", disse Ernest, ou talvez tenha sido Frank. "Mas o hotel fica muito silencioso à noite, quando os hóspedes vão dormir, ou passam a noite inteira acordados lendo. Vocês podem tirar um cochilo atrás do balcão, e quando alguém tocar a sineta, ela servirá de despertador."

Frank parou de falar, ou quem sabe tenha sido Ernest, e correu os olhos rapidamente pelo salão antes de se inclinar para perto dos Baudelaire. Os três irmãos, nervosos, olharam de volta para Ernest através dos seus óculos escuros, ou talvez tenha sido para Frank.

"A posição de *concierge",* disse ele em seu tom insondável, "constitui uma excelente oportunidade para observar silenciosamente os arredores. As pessoas tendem a tratar os funcionários do hotel como se fossem invisíveis,

portanto vocês terão a oportunidade de ver e ouvir um bocado de coisas interessantes. No entanto, vocês devem se lembrar de que também terão muitas oportunidades de ser observados. Será que fui claro?"

Dessa vez foi Violet que precisou dar uma resposta segura.

"Humm", disse ela. "Esta é uma pergunta interessante."

Fosse Frank ou Ernest, ele apertou os olhos para a mais velha dos Baudelaire, e parecia estar prestes a dizer alguma coisa quando os órfãos subitamente ouviram alguns sons fortes e penetrantes.

"A-rá!", exclamou o gerente. "O trabalho começou!

Os irmãos deram a volta, seguindo Ernest ou Frank, até o outro lado do balcão, e Frank ou Ernest apontou para uma grande rede de sinetas diminutas, cada qual não maior que um dedal, que forravam a parte de trás de um balcão, onde deveriam estar puxadores de gavetas. Cada sineta tinha um número, de 000 a 999, com uma sineta extra que não tinha número nenhum. Aquela sineta extra estava tocando, juntamente com a sineta de número 371 e a sineta de número *674*.

"Tocando!", exclamou ele, fosse Ernest ou Frank. "Tocando! Eu não deveria precisar dizer a vocês que a sineta é o sinal. Não podemos deixar os nossos hóspedes esperando nem por um instante. Vocês podem saber qual hóspede está chamando pelo número da sineta. Se o número escrito na sineta for 469, por exemplo, vocês ficam sabendo que um dos nossos hóspedes portugueses requer a sua ajuda. Vocês estão prestando atenção? A sineta número 674 se refere aos nossos associados na indústria madeireira, assim como o número 674 significa processamento de madeira ou produtos de madeira no Sistema Decimal Dewey. Não podemos transformar em inimigos os nossos hóspedes importantes! O número 371 indica hóspedes educacionais. Por favor, sejam gentis com eles também, muito embora sejam muito menos importantes. Atendam a todos os nossos hóspedes, sempre que ouvirem aquela sineta!"

"Mas a que se refere aquela sineta sem identificação?", perguntou Klaus. "O Sistema Decimal Dewey não vai além de 999."

O gerente fechou a cara, como se o Baudelaire do meio tivesse lhe dado a resposta errada.

"É do salão de bronzeamento da cobertura", disse ele. "As pessoas que tomam banho de sol normalmente não estão interessadas em

biblioteconomia, portanto não são tão exigentes quanto à localização do salão. Agora, mexam-se!"

"Mas aonde vamos primeiro?" disse Violet. "Há hóspedes requerendo ajuda em três lugares ao mesmo tempo."

"Vocês vão ter de se separar, é claro", respondeu Frank ou Ernest, tão insondável como sempre. "Cada *concierge* escolhe um hóspede e corre para o local indicado. Peguem os elevadores — eles estão no 118, ou força e energia."

"Desculpe, senhor", disse mais um mensageiro, dando um tapinha nas costas de Ernest ou Frank. "Um banqueiro está ao telefone, e quer falar com um dos gerentes imediatamente."

"É melhor eu ir trabalhar", disse o gerente, "e vocês também, *concierges*. Circulando!!"

"Circulando" é uma expressão usada por pessoas incapazes da cortesia de dizer alguma coisa mais polida, como "Se você não precisa de mais nada, tenho de ir", ou "Sinto muito, mas vou ter de lhe pedir que vá embora, por favor", ou até mesmo "Desculpe, mas creio que você confundiu a minha casa com a sua, e os meus mais valiosos pertences com os seus, e devo solicitar-lhe que me devolva os itens em causa, e saia da minha casa, depois de me desamarrar desta cadeira, pois não consigo fazer isso sozinho, se não for incômodo". As crianças não ficaram felizes em ser dispensadas de um modo tão grosseiro, nem ficaram felizes em saber que o emprego como *concierge* iria envolver um método organizacional tão complicado em um hotel tão imenso e desconcertante. Eles não ficaram felizes por não ter conseguido distinguir entre o gerente que era Frank e o que era Ernest, e não ficaram felizes em saber que *O Pundonor Diário* estava alertando os cidadãos da cidade sobre a chegada dos Baudelaire, e com o fato de que alguém poderia reconhecê-los a qualquer momento e mandar prendê-los pelos crimes que não tinham cometido. Porém, mais que tudo, os Baudelaire não ficaram felizes com a idéia de se separar e desempenhar incumbências diferentes naquele hotel desconcertante. Eles esperavam desempenhar suas obrigações como *concierges* e *flâneurs* juntos, e a cada passo na direção dos elevadores ficavam mais infelizes com a idéia de deixar os outros para trás.

"Eu vou para o salão de bronzeamento da cobertura", disse Violet tentando ser valente. "Klaus, por que você não fica com o quarto 674, e

você, Sunny, com o quarto 371? Vamos nos encontrar no balcão de *concierges* quando terminarmos."

"Desse jeito, conseguiremos observar mais", disse Klaus, esperançoso. "Se nós três ficarmos em andares diferentes, poderemos encontrar o impostor muito mais depressa."

"Inseguro", disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa parecida com "Eu prefiro não encontrar o impostor se estiver sozinha".

"Você estará em segurança, Sunny", disse Klaus. "Este hotel é muito parecido com uma grande biblioteca."

"Sim", disse Violet. "E qual *é* a pior coisa que pode acontecer em uma biblioteca?"

Os dois Baudelaire mais jovens não responderam, e os três *concierges* ficaram em silêncio por alguns momentos, olhando fixamente para uma pequena placa perto das portas deslizantes dos elevadores. Quando um par de portas finalmente se abriu, as crianças entraram e pressionaram os botões apropriados para chegar a seus hóspedes, e quando o pequeno elevador começou a subir, lembraram-se do poço do elevador na Avenida Sombria *667,* que fora preciso escalar diversas vezes. Os Baudelaire tinham aprendido qual a pior coisa que pode acontecer em um poço de elevador, que era ser atirado num deles por uma namorada vilanesca. Os Baudelaire tinham aprendido qual a pior coisa que pode acontecer em uma serraria, que era ser forçado a causar um acidente violento por meio do poder sinistro do hipnotismo. E os Baudelaire tinham aprendido qual a pior coisa que pode acontecer em uma escola, que era encontrar alguns amigos queridos, somente para vê-los arrastados para longe em um comprido automóvel negro. Os órfãos tinham aprendido qual a pior coisa na casa de um herpetologista, e qual a pior coisa numa cidade pequena, e num hospital, e num parque de diversões, e no pico de uma montanha, e num submarino, e numa caverna, e no meio das correntezas de uma torrente impetuosa, e dentro do porta-malas de um carro, e num fosso cheio de leões, e numa passagem secreta, e em muitos, muitos outros lugares sinistros nos quais preferiam nem pensar.

Em todos esses perigos que encontraram, e nos incontáveis outros perigos além desses, eles sempre acharam uma biblioteca de um tipo ou de outro, onde conseguiram descobrir as informações necessárias para salvar a pele, uma expressão que aqui significa "mantê-los vivos para o próximo

capítulo terrível de suas vidas". Mas agora o novo lar dos Baudelaire era uma biblioteca — estranha, é claro, mas mesmo assim uma biblioteca —, e, enquanto o elevador silencioso os conduzia aos seus diversos destinos, eles não sentiram vontade de perguntar a si mesmos qual a pior coisa que poderia acontecer em uma biblioteca, especialmente depois de ler as primeiras quatro palavras da pequena placa afixada na parede. EM CASO DE INCÊNDIO, dizia a placa; e, enquanto os órfãos Baudelaire seguiam cada um o seu caminho, não sentiram vontade nenhuma de pensar naquilo.



NÃO É UM CAPÍTULO

Como tenho certeza que vocês já notaram, a maior parte da história dos órfãos Baudelaire é organizada seqüencialmente, uma palavra que aqui significa "de forma a que os eventos na vida de Violet, Klaus e Sunny Baudelaire sejam relatados na ordem em que ocorreram". No caso dos próximos três capítulos, no entanto, a história é organizada simultaneamente, o que significa que vocês não precisam ler os capítulos na ordem em que aparecem. No capítulo quatro, vocês poderão encontrar a história da jornada de Violet Baudelaire até o salão de bronzeamento da cobertura, e a desagradável conversa que ela teve oportunidade de ouvir por acaso. No capítulo cinco, vocês poderão ler a respeito da experiência de Klaus com certos membros da indústria madeireira, e um plano sinistro que foi engendrado bem na frente do seu nariz. E, no capítulo seis, vocês poderão ver o resultado da minha pesquisa sobre a assustadora visita de Sunny ao quarto 371 e a um misterioso restaurante localizado no nono andar. Mas, como tudo isso ocorre exatamente ao mesmo tempo, não é preciso ler os capítulos na seqüência quatro-cinco-seis; vocês podem lê-los na ordem que preferirem. Ou, mais sensatamente, vocês podem pular os três

capítulos, juntamente com os sete capítulos que a eles se seguem, e procurar alguma outra coisa seqüencial ou simultânea para ocupar o tempo.



CAPÍTULO QUATRO

Quando o elevador finalmente atingiu a cobertura e as portas se abriram para permitir que ela saísse, Violet Baudelaire tinha duas razões para estar grata por seu uniforme de *concierge* incluir óculos escuros. Para começar, o salão de bronzeamento da cobertura era muito, muito luminoso. A bruma matinal, tão espessa quando os Baudelaire chegaram à Praia de Sal, tinha desaparecido, e os raios do sol da tarde iluminavam a cidade inteira, refletindo-se em cada objeto reluzente, das águas cintilantes do mar, que borrifavam o lado oposto do hotel, à superfície da lagoa, que havia se acalmado desde que Violet atirara a pedra.

Ao longo de toda a borda da cobertura havia grandes espelhos retangulares, que se inclinavam como o próprio hotel, captando a luz ofuscante do sol da tarde e rebatendo-a sobre a pele dos hóspedes que se bronzeavam. Dez hóspedes, com a pele coberta por uma loção espessa e grudenta, jaziam imóveis sobre esteiras lustrosas dispostas em volta de uma piscina aquecida, tão quente que nuvens de vapor flutuavam acima da superfície. Em um canto havia um atendente, os olhos cobertos por óculos

verdes e o corpo coberto por um roupão comprido e largo demais. Segurava duas enormes espátulas, como as que se poderia usar para virar panquecas. De quando em quando ele esticava o braço com uma delas e, com um movimento rápido, virava um dos hóspedes para que sua barriga e suas costas ficassem com o mesmo tom amarronzado. As espátulas, como os espelhos, as esteiras e a piscina, refletiam a luz do sol, e Violet ficou de fato contente por seus olhos estarem protegidos.

Mas havia outra razão para que a mais velha dos Baudelaire estivesse agradecida pelos óculos escuros, e ela tinha a ver com a pessoa que aguardava impaciente junto às portas do elevador. Essa pessoa também estava de óculos escuros, embora de um tipo muito mais inusitado. Em vez de lentes, havia dois cones que se projetavam dos olhos e ficavam cada vez mais largos até parar, grandes como dois pratos, a vários palmos de distância diante do rosto. Um tal par de óculos poderia estar escondendo a identidade daquele que o usava, mas era tão ridículo que Violet percebeu que só alguém tão obcecado em andar na moda portaria um aparato ocular tão ridículo, e ficou agradecida por sua própria identidade estar encoberta.

"Aqui está você afinal", disse Esmé Squalor. "Pensei que jamais a veria aqui."

"Como disse?", perguntou Violet nervosamente.

"Está surda, *concierge?",* replicou Esmé. Sua boca torcida de escárnio estava debruada com batom prateado, como se tivesse bebido metal derretido, e ela apontou um dedo acusador com uma comprida unha prateada. As unhas tinham sido lixadas em formatos individuais, para que cada mão ostentasse a palavra "E-S-M-É", com a unha do polegar esculpida para formar o familiar símbolo de um olho. As letras estavam pintadas de modo a combinar com as sandálias de Esmé, constituídas de longas tiras plissadas que, qual centopéias, envolviam as pernas nuas da notória namorada. O restante da indumentária de Esmé, lamento dizer, consistia de três grandes folhas de alface, grudadas no seu corpo com fita adesiva. Se você já viu o traje de banho conhecido como biquíni, então pode adivinhar onde estavam presos aqueles pedaços de alface, e, caso não possa adivinhar, aconselho que pergunte a alguém de suas relações que não seja tão acanhado como eu para discutir corpos de mulheres vilanescas. "Pessoas glamorosas como eu não têm tempo para ser gentis com os surdos", rosnou

ela. “Eu toquei a sineta da *concierge* há mais de dois minutos, e fiquei esperando esse tempo todo!”

“Já posso ver a manchete”, exultou uma outra VOZ. “'MULHER INACREDITAVELMENTE GLAMOROSA E BELA RECLAMA DO SERVIÇO DO HOTEL!' Aguardem só até os leitores d'O *Pundonor Diário verem* isso!” Violet ficou tão aliviada por não ter sido reconhecida que num primeiro momento nem notou quem estava bem ao lado da traiçoeira namorada do conde Olaf. Geraldine Julienne era a jornalista irresponsável que publicara tantas mentiras sobre os Baudelaire, e Violet não ficou feliz ao reparar, em seguida, que a repórter se tornara mais uma entre os incensadores de Esmé, uma palavra que aqui significa “pessoas que gostam de bajular pessoas que gostam de ser bajuladas”.

“Peço desculpas, madame”, disse Violet no tom mais profissional que conseguiu assumir. “Os *concierges* estão especialmente atarefados hoje. O que a senhora precisa?”

“Não *é* o que *eu* preciso”, disse Esmé, “é o que a adorável menininha na piscina precisa.”

“Eu não sou uma adorável menininha!”, ouviu-se de uma voz familiar que partia da piscina aquecida, e Violet voltou-se para ver Carmelita Spats, uma criança mimada e desagradável que os Baudelaire encontraram pela primeira vez no colégio interno, e que progredira juntando-se ao conde Olaf e a Esmé Squalor para realizar atos traiçoeiros. “Sou um jogador de futebol caubói super-herói e soldado pirata!”, gritou ela, emergindo de uma nuvem de vapor. Estava usando um traje tão ridículo quanto o de Esmé, embora felizmente não tão revelador. Vestia uma jaqueta em azul vivo, coberta de medalhas reluzentes do tipo que se dá aos militares, a qual estava desabotoada para revelar uma camiseta branca que proclamava o nome de um clube esportivo em letras azuis encaracoladas; em seus pés havia um par de brilhantes botas azuis com esporas, que são diminutas rodas de pontas utilizadas para incitar os animais a andar mais depressa do que eles gostariam de fazer. Uma venda azul cobria-lhe um olho, e na cabeça via-se um chapéu triangular azul com a estampa de uma caveira e ossos cruzados — o símbolo que os piratas usam enquanto rondam os altos-mares. Carmelita Spats, é claro, não estava nos altos-mares, mas conseguira arrastar um grande barco de madeira para o salão de bronzeamento da cobertura a fim de rondar uma alta-piscina. Na parte da frente do barco

havia uma figura de proa elaboradamente esculpida, uma expressão que aqui significa “estátua de madeira de um polvo atacando um homem de escafandro”, e um alto mastro prolongando-se em direção ao céu e suportando uma vela enfunada com a insígnia de um olho, para combinar com a tatuagem no tornozelo do conde Olaf. A mais velha dos Baudelaire olhou por um momento para aquela horrenda figura de proa, e então voltou sua atenção para Carmelita. Na última vez em que Violet vira a desagradável capita daquele barco, ela estava toda vestida de cor-de-rosa, anunciando-se como uma princesa bailarina sapateadora e veterinária encantada, porém a mais velha dos Baudelaire não saberia dizer se um jogador de futebol caubói super-herói e soldado pirata era algo melhor ou pior.

“É claro que você é, querida”, ronronou Esmé e voltou-se para Geraldine Julienne com o tipo de sorriso que uma mãe poderia dar a outra em um playground. “Ultimamente Carmelita decidiu ser machona”, disse ela usando uma expressão insultuosa infligida a meninas cujo comportamento algumas pessoas acham inusitado.

“Tenho certeza de que sua filha vai superar essa fase”, replicou Geraldine, que como de costume falava a um microfone.

“Carmelita Spats não é minha filha”, disse Esmé, desdenhosa. “Seria mais fácil eu passar a usar roupas recatadas do que ter meus próprios filhos.”

“Eu pensei que você tivesse adotado três órfãos”, disse Geraldine.

“Quando era *in”,* acrescentou Esmé apressadamente, usando sua palavra costumeira para “da última moda”. “Mas agora os órfãos estão *out.”*

“Então, o que é *in?*” perguntou Geraldine, sem fôlego.

“Planejar coquetéis em hotéis, é claro!”, arrulhou Esmé. “Por que outra razão eu haveria de deixar uma mulher ridícula como você me entrevistar?”

“Que maravilha!”, exclamou Geraldine, que parecia não perceber que acabara de ser insultada. “Já posso ver a manchete: 'ESMÉ SQUALOR, A PESSOA MAIS GLAMOROSA QUE JÁ EXISTIU!'. Aguarde só até os leitores d'*O Pundonor Diário* verem isso! Quando eles lerem sobre a sua carreira como atriz, consultora financeira, namorada e anfitriã de coquetéis,

vão ficar tão emocionados que alguns deles provavelmente terão ataques do coração!"

"Espero que sim", disse Esmé.

"Tenho certeza de que meus leitores vão querer saber tudo sobre suas roupas requintadas", disse Geraldine segurando o microfone embaixo do queixo de Esmé. "Quer nos contar alguma coisa a respeito desses óculos tão diferentes?"

"São binossolares", disse ela acariciando o estranho aparato ocular, "uma combinação de binóculo com óculos de sol. São muito *in,* e desse modo posso observar o céu sem que o sol bata nos meus olhos — ou a lua, se acontecer de alguma coisa chegar à noite."

"Por que você haveria de querer observar o céu?", perguntou Geraldine, curiosa.

Esmé fechou a cara e Violet percebeu que a elegante mulher deixara escapar alguma coisa, uma expressão que aqui significa "disse algo que gostaria de não ter dito".

"Porque observar pássaros é muito *in",* disse ela em um tom muito pouco convincente, uma expressão que aqui significa "claramente mentindo".

"Aguarde só até os leitores d'*O Pundonor Diário* verem isso!", disse Geraldine, ofegante. "Todos os convidados do seu coquetel estarão usando binossolares?"

"Não importa o que os convidados estarão usando", disse Esmé com um sorriso afetado, "não serão capazes de ver as surpresas que preparamos para eles."

"Que surpresas?", perguntou Geraldine ansiosamente.

"Se eu contasse quais são", disse Esmé, "não seriam surpresas."

"Você não poderia me dar uma dica?", perguntou Geraldine.

"Não", respondeu Esmé.

"Nem uma pequenininha?", perguntou Geraldine.

"Não", disse Esmé.

"Por favor!", choramingou Geraldine. "Se eu pedir bonitinho, com cobertura de açúcar?"

Os lábios revestidos de prata de Esmé se encurvaram pensativos.

"Se eu lhe der uma dica", disse ela, "você também terá de me contar alguma coisa. Você é uma repórter, portanto conhece toda sorte de

informações interessantes. Antes de eu revelar o meu *hors d'oeuvres* para o coquetel de quinta-feira, quero que você me conte alguma coisa sobre um certo hóspede neste hotel. Ele anda perambulando furtivamente pelo subsolo, conspirando para estragar a nossa festa. Suas iniciais são J.S."

"Perambulando furtivamente pelo subsolo?", repetiu Geraldine. "Mas J.S. é..."

"Esmé!", berrou Carmelita da piscina, interrompendo a conversa em seu momento crucial. "Aquela *concierge* fica lá parada, quando deveria estar ao meu inteiro dispor! Ela não passa de uma bisbórria!"

Esmé virou-se para Violet, que depois de todo esse tempo já se acostumara a ser chamada de bisbórria.

"O que você está esperando?", rosnou ela. "Vá buscar o que quer que seja que a adorável menininha deseja!"

Esmé rodopiou num pé só e afastou-se marchando, e Violet ficou contente ao ver que o traje da vilanesca namorada incluía mais duas folhas de alface além das que estavam visíveis de frente. A mais velha dos Baudelaire lamentou ter de parar de desempenhar suas incumbências de *flâneur* e começar a cumprir seus deveres de *concierge,* mas foi até a beira da piscina, caminhando cautelosamente pela cobertura inclinada do hotel e espiando em meio às nuvens de vapor.

"O que deseja, senhorita?", perguntou ela, esperando que Carmelita não reconhecesse a sua voz.

"Um lançador de arpões, é claro!", disse Carmelita. "O condinho disse que eu não posso ser um jogador de futebol caubói super-herói e soldado pirata sem um lançador de arpões."

"Quem é o condinho?", perguntou Geraldine.

"O namorado de Esmé", disse Carmelita. "Ele acha que eu sou a menininha mais querida e especial de todo o mundo. Ele disse que, se eu usasse direito o meu lançador de arpões, me ensinaria a cuspir como um verdadeiro jogador de futebol caubói super-herói e soldado pirata!"

"Já posso ver a manchete", disse Geraldine no seu microfone. "'JOGADOR DE FUTEBOL CAUBÓI SUPER-HERÓI E SOLDADO PIRATA APRENDE A CUSPIR!' Aguarde só até os leitores d'*O Pundonor Diário* verem isso!"

"Vou buscar um lançador de arpões, senhorita", prometeu Violet, esquivando-se da espátula do atendente, que estava virando uma mulher que

se bronzeava.

“Pare de me chamar de 'senhorita', sua bisbórria!”, disse Carmelita. “Eu sou um jogador de futebol caubói super-herói e soldado pirata!”

Ir buscar objetos para pessoas que são preguiçosas demais para buscá-los sozinhas nunca é uma tarefa agradável, especialmente quando se está sendo insultado por essas pessoas, mas quando Violet caminhou de volta ao elevador e apertou o botão para chamá-lo não estava pensando no comportamento atroz de Carmelita. Estava por demais apreensiva, uma palavra que aqui significa “perguntando a si mesma o que, exatamente, Esmé Squalor e Carmelita Spats estavam fazendo no Hotel Desenlace”. As duas fêmeas detestáveis estavam muito bem informadas acerca de C.S.C. e dos planos para o encontro de quinta-feira, mas a mais velha dos Baudelaire não acreditou nem por um minuto que tudo o que planejavam era um coquetel. Quando as portas deslizaram e Violet entrou, ela se perguntou por que Esmé estava usando os seus binossolares para observar o céu. Ela se perguntou o que Carmelita queria com um lançador de arpões. Ela se perguntou como Esmé sabia a respeito do impostor J.S., que ao que tudo indica estava perambulando furtivamente pelo subsolo do hotel. Porém, mais que tudo, ela se perguntou onde o conde Olaf — ou, como Carmelita gostava de chamá-lo, o “condinho” — estava escondido, e que perfídia planejava.

Violet estava pensando tão intensamente sobre suas observações como *flâneur* que somente depois de as portas do elevador se fecharem é que se lembrou da sua incumbência como *concierge* e deu-se conta de que não tinha idéia de onde encontrar um lançador de arpões. Os lançadores de arpões não são parte do equipamento usual oferecido por um hotel, e a única vez em que Violet vira um dispositivo desses tinha sido nas próprias mãos de Esmé Squalor, quando ela estava disfarçada de policial na cidade dos Cultores Solidários de Corvídeos. Mesmo se o Hotel Desenlace tivesse se lembrado de manter algo assim no prédio, Violet nem imaginava como poderia encontrá-lo no Sistema Decimal Dewey sem um catálogo. Desejou que Klaus estivesse com ela, pois o único número do Sistema Decimal Dewey que sabia de cor era o 621, que rotulava a sua seção favorita, física aplicada. Com um suspiro abatido, a mais velha dos Baudelaire apertou o botão do *hall.*

“Você está me pedindo ajuda?”, exclamou Frank, ou Ernest, quando Violet conseguiu encontrá-lo.

O *hall* do Hotel Desenlace estava ainda mais apinhado do que quando os Baudelaire chegaram, e Violet precisou de alguns minutos até localizar a figura familiar do voluntário ou seu irmão vilanesco. “Quem precisa de ajuda sou eu”, disse ele. “Um número espantoso de hóspedes chegou mais cedo do que o esperado. Não tenho tempo para bancar o ajudante de *concierge.”*

“Estou ciente de que está ocupado, senhor”, disse Violet. Ela sabia que chamar uma pessoa de “senhor” muitas vezes ajuda a conseguir o que se quer, a não ser, *é* claro, que a pessoa seja uma mulher. “Uma hóspede solicitou um lançador de arpões, e não sei onde encontrar um. Gostaria que o Hotel Desenlace tivesse um catálogo.”

“Você não deveria precisar de um catálogo”, disse o gerente. “Não se você for quem eu penso que é.”

Violet engoliu em seco, e Frank, ou Ernest, avançou um passo na direção dela.

“Você é?”, perguntou ele. “É quem eu penso que é?”

Violet piscou atrás dos seus óculos escuros. Há pessoas neste mundo que dizem que o silêncio *é* de ouro, o que significa simplesmente que elas preferem uma calma e serena quietude ao barulho e ao tumulto do mundo. Não há nada de errado com essa preferência, mas infelizmente há momentos em que uma calma e serena quietude é algo impossível. Se você está admirando o pôr-do-sol, por exemplo, o silêncio pode permitir que você esteja sozinho com seus pensamentos enquanto fita a paisagem que pouco a pouco vai escurecendo, porém pode ser necessário produzir um ruído forte para espantar algum urso-pardo que possa estar se aproximando. Se você está viajando em um táxi, pode preferir o silêncio para poder estudar o seu mapa em paz, mas a ocasião pode exigir que você grite “Por favor, faça meia-volta! Acho que eles atravessaram aquelas sebes!”. E se você perdeu um ente querido, como os Baudelaire perderam no dia fatídico de um incêndio, pode ansiar muito intensamente por um longo período de silêncio, para que você e os seus irmãos possam contemplar a desconcertante e deplorável situação em que se encontram, mas poderá ver-se jogado de uma situação perigosa para outra, e mais outra, e mais outra,

até começar a pensar que nunca mais poderá experimentar uma calma e serena quietude.

Enquanto Violet estava lá em pé no saguão, nada mais queria a não ser permanecer em silêncio, para poder observar melhor o homem que estava diante dela e descobrir se ele era um voluntário, ao qual poderia dizer "Sim, sou Violet Baudelaire", ou um vilão, ao qual poderia dizer "Me desculpe, não sei do que está falando". Mas ela sabia que não poderia ter esperanças de uma calma e serena quietude no caos do Hotel Desenlace, e portanto, em vez de permanecer em silêncio, ela respondeu à pergunta do gerente da melhor maneira possível.

"É claro que sou quem pensa que sou", disse ela, sentindo-se como se estivesse falando em código, só que era um código que ela não conhecia. "Sou uma *concierge."*

"Entendo", disse Frank ou Ernest de modo insondável. "E quem está solicitando o lançador de arpões?"

"Uma menininha na cobertura", disse Violet.

"Uma menininha na cobertura", repetiu o gerente com um sorriso zombeteiro. "Você tem certeza de que convém entregar um lançador de arpões a uma menininha na cobertura?"

Violet não sabia como responder, mas afortunadamente aquele parecia ser um dos momentos em que de fato o silêncio é de ouro, pois, diante do silêncio dela, Frank ou Ernest deu à mais velha dos Baudelaire mais um sorriso e então girou nos calcanhares — uma expressão que aqui significa "virou o corpo para o outro lado de uma maneira algo extravagante" — e fez sinal a Violet para segui-lo até um canto distante do saguão, onde ela viu uma pequena porta identificada como 121.

"Este número representa a epistemologia", explicou ele, usando uma palavra que aqui significa "teorias do conhecimento" e olhando apressadamente em volta do saguão como se estivesse sendo observado. "Acho que seria um bom esconderijo."

Frank ou Ernest tirou uma chave do bolso e destrancou a porta, que se abriu com um leve rangido para revelar um armário pequeno e vazio. A única coisa que havia no armário era um grande objeto de aparência maligna, com um gatilho em vermelho vivo e quatro ganchos longos e afiados. A mais velha dos Baudelaire o reconheceu de sua estada na cidade dos Cultores Solidários de Corvídeos. Sabia tratar-se de um lançador de

arpões, um dispositivo letal que não deveria estar nas mãos de ninguém, que dizer nas de Carmelita Spats. Violet não queria nem tocar naquilo ela mesma, mas, como o gerente continuava em pé junto à porta olhando para ela, não conseguiu pensar em nenhuma outra alternativa e, cuidadosamente, retirou o dispositivo do armário.

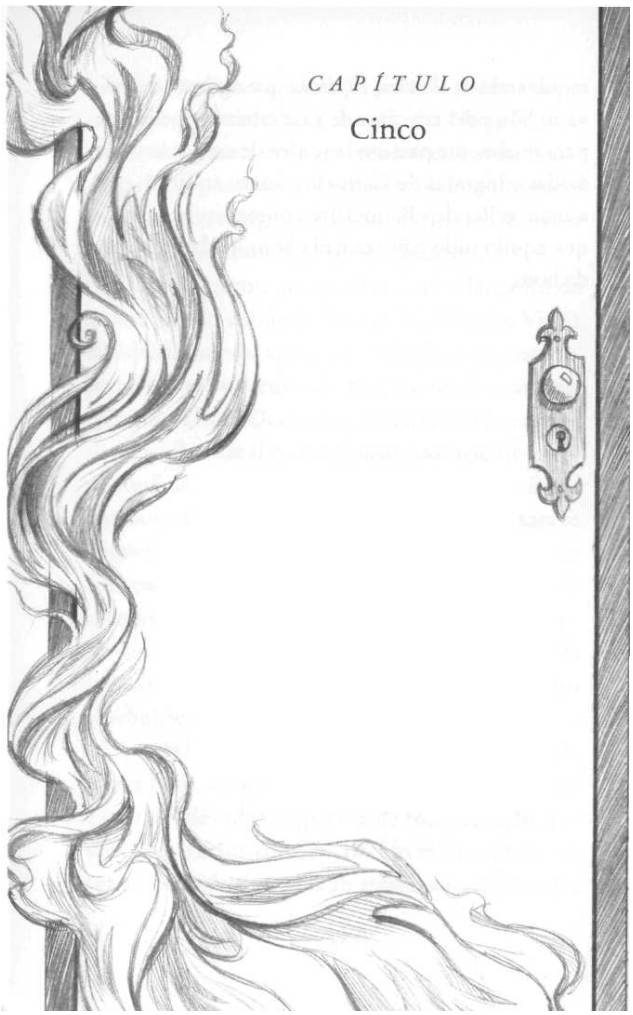
"Tenha muito cuidado com isso", disse o gerente em um tom insondável. "Uma arma como essa só deveria estar nas mãos da pessoa certa. Fico grato pela sua ajuda, *concierge.* Não são muitas as pessoas que têm a coragem de ajudar em um esquema como este."

Violet concordou em silêncio, e em silêncio pegou a pesada arma das mãos de Frank ou Ernest. Em silêncio, ela caminhou de volta aos elevadores, a cabeça girando com as suas misteriosas observações *como flâneur* e sua misteriosa incumbência como *concierge,* e em silêncio permaneceu diante das portas deslizantes do elevador, se perguntando com qual gerente teria falado, e o que precisamente dissera a ele com a sua resposta codificada e serena. Mas logo antes da chegada do elevador, o silêncio de Violet foi quebrado por um ruído impactante.

O relógio do saguão do Hotel Desenlace é de fama legendária, uma expressão que aqui significa "muito conhecido por tocar muito alto". Fica bem no centro do teto, bem no topo da abóbada, e quando ele bate as horas seus sinos ecoam pelo prédio inteiro, produzindo um ruído imenso e profundo que soa como uma estranha palavra pronunciada uma vez para cada hora anunciada. Naquele momento em particular eram três horas, e todo mundo no hotel pôde ouvir o toque estrondoso dos enormes sinos do relógio, emitindo a palavra três vezes seguidas: *Nadabom! Nadabom! Nadabom!*

Quando entrou no elevador, com o lançador de arpões pesado e sinistro nas mãos enluvadas, Violet Baudelaire sentiu como se o relógio a estivesse repreendendo por seus esforços para resolver os mistérios do Hotel Desenlace. *Nadabom! Ela* tentara dar o melhor de si como *flâneur,* mas não observara o suficiente para decodificar o esquema de Esmé Squalor e Carmelita Spats. *Nadabom! Ela* tentara se comunicar com um dos gerentes do hotel, mas não fora capaz de descobrir se era Frank ou Ernest. E — o mais *Nadabom!* de tudo — estava agora levando uma arma letal para o salão de bronzeamento da cobertura, onde serviria a algum propósito sinistro desconhecido.

A cada batida do relógio, Violet sentia que nada estava bom, até que por fim chegou ao seu destino e saiu do elevador. Esperava de todo coração que seus dois irmãos tivessem obtido mais sucesso em suas incumbências, pois ao atravessar a cobertura, esquivando-se de uma espátula que agilmente virava os hóspedes em cima de suas esteiras espelhadas, para finalmente passar o lançador de arpões às mãos ávidas e ingratas de Carmelita Spats, tudo em que a mais velha dos Baudelaire conseguiu pensar foi que aquilo tudo não era nada bom, nada bom, nada bom.



CAPÍTULO CINCO

Quando o elevador atingiu o sexto andar, Klaus se despediu de Violet e entrou em um longo corredor vazio. Ele era ladeado por portas numeradas, números ímpares de um lado e pares do outro, e por grandes vasos ornamentais, grandes demais para conter flores e pequenos demais para esconder espiões. Sobre o piso havia um carpete macio e cinzento que abafava cada passo incerto do Baudelaire do meio. Embora Klaus nunca tivesse pisado no Hotel Desenlace até então, caminhar por aquele corredor provocou nele uma sensação familiar. Era a sensação que ele sempre tinha quando entrava numa biblioteca com um problema importante para resolver, suspeitando que em algum lugar no meio da coleção de livros estivesse a resposta perfeita para qualquer pergunta que se impusesse em

sua mente. Tivera essa sensação quando ele e suas irmãs estavam morando bem perto do Mau Caminho, também chamado de Lousy Lane, e resolveram o caso do assassinato do tio Monty com informações cruciais descobertas em uma biblioteca herpetológica. Tivera essa sensação quando ele e suas irmãs estavam no fundo do oceano e ele conseguira diluir o veneno que infectava Sunny depois de encontrar um fato significativo numa biblioteca micológica pertencente a Fiona, uma jovem que conquistara o coração do garoto. E enquanto ele estava parado naquele corredor, olhando fixamente para todas aquelas portas numeradas que se estendiam até onde a vista podia alcançar, Klaus Baudelaire sentiu novamente a mesma sensação. Oculta em algum lugar naquele hotel, tinha certeza, havia alguma coisa ou alguém que poderia responder a todas as perguntas dos Baudelaire, resolver todos os mistérios dos Baudelaire, e pôr fim, afinal, a todos os sofrimentos dos Baudelaire. Era como se ele pudesse ouvir essa resposta lhe chamando, como um bebê a chorar no fundo de um poço encharcado, ou um despertador a tocar embaixo de uma pilha de cobertores encharcados.

Entretanto, sem um catálogo, Klaus não tinha idéia de onde poderia estar essa solução. Só lhe restava encaminhar-se para a incumbência de *concierge* no quarto 674, na esperança de que qualquer coisa que observasse *como flâneur o* pusesse mais perto de deslindar a lista de desventuras dos Baudelaire. Quando ele parou na frente da porta numerada, parecia que estava apenas somando mais uma desventura à sua lista deplorável. Saindo pela fresta entre a porta e o piso, uma fumaça se espalhava pelo corredor qual mancha sinistra.

"Olá?", gritou Klaus, batendo à porta.

"Olá para você", gritou de volta uma voz que soou ligeiramente familiar e absolutamente despreocupada. "Você é um daqueles concertinas?"

"Sou um *concierge",* disse Klaus, sem se preocupar em explicar que concertina é uma espécie de sanfona. "Posso ajudar?"

"É claro que você pode ajudar!", gritou a voz em resposta. "Foi por isso que eu toquei a sineta! Entre de uma vez!"

Klaus, naturalmente, não queria entrar em um quarto cheio de fumaça, porém trabalhar, mesmo com a finalidade de observar em segredo os mistérios de um hotel, em geral significa fazer coisas que você não quer fazer. Portanto, o Baudelaire do meio abriu a porta, liberando uma enorme

quantidade de fumaça para o corredor, e deu alguns passos vacilantes para dentro do quarto. Através da fumaça, pôde ver um vulto baixo, vestindo um terno de pano verde lustroso, em pé no outro lado do cômodo, de frente para a janela. Atrás das costas, segurava um charuto que era claramente responsável por toda aquela fumaça que passava flutuando por Klaus e invadia o corredor. Mas Klaus não se importou com a fumaça. Mal chegou a notá-la. Ele apenas ficou olhando consternado para a pessoa em pé diante da janela, uma pessoa que ele esperara nunca mais encontrar de novo.

Provavelmente você já ouviu a aborrecida expressão "Que mundo pequeno", que se usa para explicar uma coincidência. Por exemplo, se você entra em um restaurante italiano e encontra lá um garçom que já conhecia, o garçom poderia exclamar "Que mundo pequeno!", como se fosse inevitável que vocês dois estivessem no mesmo restaurante ao mesmo tempo. Mas, se você já deu a mais breve das caminhadas, sabe qual é a verdade. Não é um mundo pequeno. É um mundo grande, e por ele estão disseminados restaurantes italianos, empregando garçons que têm mensagens cruciais para você e garçons que estão tentando garantir que você jamais as receba, e esses pares de garçons estão engajados em uma discussão que começou muitos anos atrás, quando você era tão jovem que não era seguro lhe oferecer nem mesmo o mais macio dos nhoques.

O mundo não é pequeno; ele é enorme, e Klaus tinha esperanças de que esse mundo enorme fosse grande o bastante para que um hóspede do Hotel Desenlace, empregado na indústria madeireira e ocupando o quarto 674, não fosse o homem horroroso que o empregara e a suas irmãs na Serraria Alto Astral. Durante a sua apavorante estada em Paltryville, os Baudelaire nunca viram a cara do homem, que estava sempre encoberta por uma nuvem de fumaça de charuto, e nunca ficaram sabendo qual era seu nome verdadeiro, o qual era tão difícil de pronunciar que todo mundo era obrigado a tratá-lo de "Senhor"; porém ficaram sabendo muita coisa sobre o seu comportamento ganancioso e cruel, e Klaus não ficou feliz em constatar que esse mundo enorme ia servir-lhe mais uma porção do egoísmo de Senhor.

"Bem, não fique aí parado!", bradou Senhor. "Pergunte em que você pode me servir!"

"Em que posso servi-lo, senhor?", perguntou Klaus.

Senhor girou o corpo bruscamente, e a fumaça em volta de sua cabeça girou com ele.

“Como você sabe o meu nome?”, perguntou ele, desconfiado.

“O *concierge* não sabia o seu nome”, disse outra voz pacientemente, e Klaus vislumbrou, através da fumaça, uma segunda pessoa cuja presença não tinha notado, sentada na cama, vestindo um roupão com as palavras HOTEL DESENLACE bordadas nas costas. Esse homem também era conhecido dos tempos dos Baudelaire na Alto Astral, embora Klaus não soubesse se deveria ficar contente ao vê-lo ou não. Por um lado, Charles sempre fora bom com os órfãos, e, apesar de sua bondade não ter sido suficiente para salvá-los do perigo, é sempre um alívio descobrir que no quarto há uma pessoa boa que não tinha sido previamente notada. Por outro lado, Klaus lamentava constatar que Charles ainda era sócio de Senhor, que gostava de ficar dando ordens e contra-ordens a Charles tanto quanto aos Baudelaire. “Tenho certeza de que o *concierge* chama todos os hóspedes do sexo masculino neste hotel de 'senhor'.”

“É claro que chama!”, berrou Senhor. “Não sou nenhum idiota! Muito bem então, concertina, queremos ser levados à sauna imediatamente!”

“Sim, senhor”, disse Klaus, grato por Frank ou Ernest ter mencionado que a sauna ficava na Sala 613. Uma sauna é uma sala feita de madeira e mantida muito, muito quente, em que as pessoas podem sentar-se no meio do vapor, o que acreditam ser benéfico à saúde, e Klaus teria achado muito difícil encontrar um lugar assim no Hotel Desenlace sem um catálogo. “A sauna deve ficar do outro lado do corredor, logo abaixo”, disse Klaus. “Se os cavalheiros me seguirem, vou levá-los até lá.”

“Desculpe termos feito você vir até o nosso quarto só para nos levar logo abaixo no corredor”, disse Charles.

“É um prazer”, disse Klaus. Como tenho certeza que vocês sabem, quando as pessoas dizem “É um prazer”, elas usualmente querem dizer alguma coisa como “Não há coisa no mundo que eu menos quisesse fazer”, mas o Baudelaire do meio esperava poder descobrir por que o antigo tutor dos irmãos órfãos e seu sócio viajaram de Paltryville ao Hotel Desenlace.

“Vamos agora mesmo, neste instante!”, bradou Senhor, marchando para o corredor.

“Você não vai vestir um traje de banho?”, perguntou Charles. “Se estiver totalmente vestido, não vai tirar proveito dos benefícios do vapor

para a saúde.”

“Pouco se me dão os benefícios do vapor para a saúde!”, bradou Senhor. “Não sou nenhum idiota! Apenas adoro o cheiro de madeira quente!”

Charles suspirou e seguiu Klaus, saindo do quarto 674 para o corredor.

“Eu tinha esperança de que o meu sócio relaxasse durante a nossa estada aqui”, disse ele, “mas temo que ele esteja tirando um feriado de motorista de ônibus.”

“Feriado de motorista de ônibus” é uma expressão que se refere ao descanso das pessoas que fazem nos feriados a mesma coisa que em suas vidas cotidianas, como encanadores que visitam o Museu das Pias, ou vilões que se disfarçam até nos seus dias de folga. Mas Klaus não podia acreditar que aqueles dois homens estivessem simplesmente de férias no Hotel Desenlace, apenas dois dias antes do encontro de C.S.C.

“Estão aqui a trabalho?”, perguntou ele, esperando que Charles continuasse falando enquanto se aproximavam da sauna.

“Não conte nada para aquele concertina!”, gritou Senhor, mais uma vez usando a palavra equivalente a “sanfona” no lugar da palavra que designava “empregado do hotel”. “Ele deveria estar ao nosso inteiro dispor, e não bisbilhotando os nossos negócios como um espião!”

“Minhas desculpas, senhor”, disse Klaus, o mais calmamente que pôde. “Chegamos à sauna.”

Sem dúvida, Klaus, Senhor e Charles tinham chegado à Sala 613, de onde uma massa de vapor se derramava pela fresta entre a porta e o piso, como uma imagem espelhada da fumaça do charuto de Senhor se espraiando para fora do quarto 674.

“Você pode esperar do lado de fora, concertina”, disse Senhor. “Gritaremos quando estivermos prontos para ser escoltados de volta ao nosso quarto.”

“Nós não precisamos ser escoltados”, disse Charles timidamente, abrindo a porta. Klaus não pôde ver nada do interior a não ser uma massa de vapor revoluteante. “É logo adiante, no corredor. Tenho certeza de que o *concierge* já está suficientemente ocupado para ficar nos aguardando.”

“Mas alguém precisa ficar segurando o meu charuto!”, bradou Senhor. “Não posso entrar em uma sala cheia de vapor com a cabeça cheia de

fumaça! Não sou nenhum idiota!”

“É claro que não”, disse Charles com um suspiro, e entrou na sauna. Senhor entregou o charuto a Klaus e marchou para dentro da sala antes que a nuvem de fumaça em volta da sua cabeça pudesse se dissipar. Atrás dele, a porta começou a se fechar, mas Klaus pensou depressa e enfiou o pé, fazendo com que restasse uma fresta aberta; e então, o mais silenciosamente que pôde, abriu a porta de novo e deslizou para dentro, parando um instante para equilibrar o charuto de Senhor na beira de um dos vasos ornamentais. Como ele suspeitava, o vapor ali era tão espesso que não dava para distinguir Senhor nem seu sócio, o que significava que os cidadãos de Paltryville sentados conversando na sala aquecida também não podiam vê-lo. Era a oportunidade perfeita para um *flâneur* bisbilhotar uma conversa particular.

“Eu gostaria que você fosse mais educado”, disse Charles, a voz flutuando através do vapor. “Não há razão para acusar aquele *concierge* de ser um espião.”

“Eu estava só tentando ser cauteloso!”, disse Senhor de um jeito desabrido, uma palavra que aqui significa “em um tom que indicava que ele não tinha intenção de ser mais educado”. Klaus ouviu o estralejar do seu terno lustroso e imaginou que o dono da serraria estava encolhendo os ombros. “Foi você quem disse que os inimigos podem estar à espreita neste hotel!”

“Isso é o que me foi contado na carta que recebi”, disse Charles. “De acordo com J.S., precisamos ser muito cautelosos se quisermos encontrar os Baudelaire.”

Klaus sentiu-se grato por sua expressão de perplexidade estar oculta pelo vapor. O Baudelaire do meio não podia imaginar por que o misterioso impostor J.S. estaria ajudando Charles a encontrá-lo e às suas irmãs, e se não estivesse tão quente na sauna ele teria começado a suar frio, uma expressão que aqui significa “sentir-se muito nervoso com a conversa que estava observando”.

“Eu não quero encontrar os Baudelaire!”, disse Senhor. “Aqueles órfãos só causaram problemas para a serraria!”

“Eles não foram a causa dos problemas”, disse Charles. “Foi o conde Olaf. Não está lembrado?”

“É claro que estou lembrado!”, gritou Senhor. “Não sou nenhum idiota! O conde Olaf se disfarçou de uma jovem um tanto atraente, e trabalhou com aquele hipnotizador sinistro para causar acidentes na minha serraria! Se os Baudelaire não tivessem aquela fortuna aguardando por eles no banco, Olaf nunca teria causado tantos malefícios! A culpa é dos órfãos!”

“Presumo que você esteja certo”, disse Charles, “mas ainda assim gostaria de encontrá-los. De acordo com *O Pundonor Diário,* os Baudelaire estão metidos em problemas até as orelhas.”

“De acordo com *O Pundonor Diário',* disse Senhor, “os Baudelaire são assassinos! Até onde sabemos, aquele traça-dos-livros de óculos pode chegar sorrateiramente até nós bem aqui no hotel e nos matar até a morte!”

“As crianças não vão nos assassinar”, disse Charles, “apesar de que, depois do que aconteceu com elas na Alto Astral, eu dificilmente pudesse culpá-las. De fato, se conseguir encontrá-las, a primeira coisa que farei será pedir as minhas sinceras desculpas. Talvez eu possa solicitar um binóculo a um dos *concierges.* J.S. disse que é provável que eles cheguem de submarino, e assim eu poderia ficar atento a um periscópio se erguendo do mar.”

“Eu preferiria que em vez disso o nosso quarto tivesse vista para a lagoa”, disse Senhor. “Quando acabo de fumar um charuto, gosto de deixar cair o toco em um corpo d'água tranqüilo e ficar olhando as graciosas ondinhas.”

“Não estou tão certo de que isso seria bom para a lagoa”, disse Charles.

“Quem se importa com a lagoa?”, demandou Senhor. “Tenho coisas melhores para fazer do que me preocupar com o meio ambiente. As árvores da Floresta Finita estão acabando, portanto os negócios vão mal para a serraria. O último pedido grande que tivemos foi para a construção daquela fábrica de raiz-forte, e foi há muito tempo. Espero que o coquetel de quinta-feira seja uma excelente oportunidade para fechar alguns negócios. Afinal, se não fosse pela minha madeira, este hotel nem existiria!”

“Eu me lembro”, disse Charles. “Tivemos de entregar a madeira no meio da noite. Mas, Senhor, você me disse que nunca mais ouviu falar naquela organização.”

“Não ouvi”, disse Senhor, “até agora. Você não foi o único que recebeu bilhetes desse tal de J.S. Fui convidado para uma festa em que ele *é* o anfitrião na quinta-feira à noite, e ele me disse para levar todos os meus objetos de valor. Isso deve significar que uma grande quantidade de gente rica deverá estar lá — gente rica que pode querer comprar um pouco de madeira.”

“Talvez, se a serraria começar a ser mais bem-sucedida”, disse Charles, “possamos pagar os nossos empregados com dinheiro, em vez de apenas chicletes e cupons.”

“Não seja idiota!”, disse Senhor. “Chiclete e cupons são uma troca justa! Se você passa menos tempo lendo e mais tempo pensando em madeira, você se preocupa mais com dinheiro e menos com pessoas!”

“Não há nada de errado em se preocupar com pessoas”, disse Charles mansamente. “Eu me preocupo com você, Senhor. E me preocupo com os Baudelaire. Se o que J.S. escreveu é verdade, então os pais deles...”

“Com licença.” A porta da sauna se abriu e Klaus viu um vulto alto, indistinto, em meio ao vapor.

“É o meu concertina?”, latiu Senhor. “Eu disse para você esperar lá fora!”

“Não, sou um dos gerentes do hotel”, disse Frank ou Ernest. “Temos uma concertina disponível na Sala 786, caso estejam interessados em instrumentos musicais. Lamento interromper a sua tarde, mas receio que tenho de pedir a todos os hóspedes que liberem a sauna. Surgiu uma situação que requer o uso desta sala. Se os senhores estiverem interessados em vapor, há um bocado na Sala...”

“Quem se importa com vapor!”, gritou Senhor. “Eu apenas gosto de cheirar madeira quente! Onde mais posso cheirar madeira quente, a não ser na sauna?'

“A Sala 547 é dedicada à química orgânica”, retrucou o gerente. “Há toda sorte de coisas fedidas lá.”

Klaus abriu rapidamente a porta da sauna e fingiu entrar.

“Terei prazer em levar os nossos hóspedes à Sala 547”, disse ele, esperando poder ouvir o resto da conversa de Senhor e Charles.

“Não, não”, disse o gerente. “Você *é* necessário aqui, *concierge.* Por uma estranha coincidência, acontece que há uma química aguardando no corredor, a qual terá o prazer de escoltar estes dois cavalheiros.”

“Ora, está bem!”, disse Senhor, e saiu pisando duro da sauna para o corredor, onde os aguardava um vulto usando um jaleco branco comprido e uma máscara, como as que os cirurgiões e químicos usam por cima do nariz e da boca. Senhor esticou o braço para baixo e pegou o seu cigarro de cima do vaso ornamental, devolvendo a nuvem de fumaça à sua cara ao mesmo tempo que a nuvem de vapor se dissipava, e sem mais palavra ele e o sócio seguiram a química afastando-se da sauna e deixando Klaus sozinho com o voluntário ou o vilão.

“Tenha muito cuidado com isto”, disse Frank ou Ernest, entregando a Klaus um objeto grande e rígido. Era uma coisa chata e larga, com a forma de um cilindro grosso, como um saco de dormir. “Depois de desenrolado, a superfície é muito grudenta — tão grudenta que tudo o que encosta nela fica preso. Você sabe como se chama isto?”

“Papel pega-moscas”, disse Klaus, lembrando-se de um livro que lera sobre as aventuras de um exterminador. “O hotel está com algum problema de insetos?”

“Nosso problema não é com os insetos”, disse o gerente. “É com pássaros. Isto é papel pega-pássaros. Preciso que você prenda uma ponta no peitoril da janela desta sala e deixe o resto dependurado do lado de fora, sobre a lagoa. Você é capaz de adivinhar por quê?”

“Para pegar pássaros”, disse Klaus.

“Você obviamente é muito lido”, disse Ernest ou Frank, embora fosse impossível dizer se ele estava impressionado ou enojado com o fato. “Então você sabe que os pássaros podem causar toda sorte de problemas. Por exemplo, ouvi falar de um bando de águias que capturou recentemente um grupo grande de crianças. O que você acha disso?”

Klaus engoliu em seco. É claro que ele sabia exatamente o que achava do numeroso bando de águias que raptara uma tropa de Escoteiros da Neve enquanto os Baudelaire estavam vivendo no Monte Fraught, o Pico das Aflições. Ele achava horrível, mas o rosto do voluntário ou vilão era tão insondável que o Baudelaire do meio não era capaz de dizer se o gerente pensava o mesmo.

“Acho que *é* notável”, disse Klaus por fim, escolhendo cautelosamente uma palavra que aqui pode significar ou maravilhoso ou horrível.

“Uma resposta notável”, retrucou ou Frank ou Ernest, e então Klaus ouviu o gerente dar um suspiro pensativo. “Diga-me”, disse ele, “você é quem eu penso que é?”

Klaus piscou atrás dos próprios óculos e atrás dos óculos escuros que estavam em cima deles. Decidir-se por uma resposta segura a uma pergunta é como decidir-se por um ingrediente seguro em um sanduíche, porque, se você tomar a decisão errada, pode descobrir que algo horrível está saindo da sua boca. Ali parado na sauna, não havia nada que Klaus quisesse mais do que decidir-se por uma resposta segura tal como “Sim, sou Klaus Baudelaire”, caso estivesse falando com Frank, ou “Me desculpe, não sei do que está falando”, caso estivesse falando com Ernest. Mas ele sabia que não havia como dizer se alguma dessas respostas era segura, portanto abriu a boca e pronunciou a única resposta em que foi capaz de pensar.

“É claro que sou quem pensa que sou”, disse ele, sentindo-se como se estivesse falando em código, só que era um código que ele não conhecia. “Sou um *concierge.”*

“Entendo”, disse Frank ou Ernest, tão insondável como sempre. “Fico grato pela sua ajuda, *concierge.* Não são muitas as pessoas que têm a coragem de ajudar em um esquema como este.”

Sem mais palavra, o gerente se afastou e Klaus ficou sozinho na sauna. Cauteloso, ele caminhou através do vapor e, às apalpadelas, encontrou o caminho para a janela; destravou-a e abriu uma veneziana marcada com um ò por cima da lagoa. Como acontece quando um lugar muito quente é exposto ao ar frio, o vapor precipitou-se pela janela e se dissipou. Com o fim do vapor, Klaus pôde ver as paredes e os bancos de madeira que compunham a sauna, e ele só queria que tudo estivesse tão claro na sua cabeça como estava na Sala 613. Em silêncio, prendeu uma das pontas do papel pega-pássaros no peitoril da janela, a cabeça girando com as suas misteriosas observações como *flâneur* e a sua misteriosa incumbência como *concierge;* e em silêncio dependurou o resto do lado de fora, onde aquilo se curvou rigidamente sobre a lagoa como um escorregador em um *playground.* Em silêncio, olhou para aquele estranho arranjo e se perguntou qual gerente solicitara uma tarefa tão insólita. Mas, antes que ele pudesse sair da sauna, seu silêncio foi quebrado por um ruído impactante.

O relógio do saguão do Hotel Desenlace é de fama legendária, uma expressão que aqui significa “muito conhecido por tocar muito alto”. Fica bem no centro do teto, bem no topo da abóbada, e quando ele bate as horas seus sinos ecoam pelo prédio inteiro, produzindo um ruído imenso e profundo que soa como uma estranha palavra dita uma vez a cada hora anunciada. Naquele momento em particular eram três horas, e todo mundo no hotel pôde ouvir o toque estrondoso dos enormes sinos do relógio, emitindo a palavra três vezes seguidas: *Na-daboml Nadabom! Nadabom!*

Quando virou as costas para a janela aberta da sauna e foi andando de volta pelo corredor na direção dos elevadores, Klaus Baudelaire sentiu como se o relógio o estivesse repreendendo por seus esforços para resolver os mistérios do Hotel Desenlace. *Nadabom!* Ele tentara dar o melhor de si *como flâneur,* mas não observara o suficiente para saber exatamente o que Senhor e Charles estavam fazendo no hotel. *Nadabom!* Ele tentara se comunicar com um dos gerentes do hotel, mas não fora capaz de descobrir se era Frank ou Ernest. E — o mais *Nadabom!* de tudo — ele realizara sua incumbência como *concierge,* e agora uma faixa de papel pega-pássaros estava dependurada para fora do Hotel Desenlace, onde serviria a algum propósito sinistro desconhecido. A cada batida do relógio, Klaus sentia que nada estava bom, e quando entrou no pequeno elevador franziu a testa, pensativo. Esperava de todo coração que suas duas irmãs tivessem obtido mais sucesso em suas incumbências, pois ao atravessar as portas deslizantes do elevador e apertar o botão para voltar ao saguão, tudo em que o Baudelaire do meio conseguiu pensar foi que aquilo tudo não era nada bom, nada bom, nada bom.



CAPÍTULO SEIS

Quando o elevador atingiu o terceiro andar, Sunny se despediu dos seus irmãos e entrou em um longo corredor vazio. Ele era ladeado por portas numeradas, números ímpares de um lado e pares do outro, e por grandes vasos ornamentais, que eram mais altos do que Sunny porém nem de longe tão encantadores quanto ela. A mais jovem dos Baudelaire caminhou sobre o macio carpete cinzento com passos nervosos e incertos. Fingir ser uma *concierge* a fim de ser *flâneur,* na esperança de desvendar um mistério que se desenrolava em um hotel enorme e desconcertante, era uma tarefa suficientemente difícil para os seus irmãos mais velhos — imagine para alguém que estava apenas saindo da primeira infância. No decorrer dos últimos poucos meses, Sunny Baudelaire tinha aperfeiçoado suas aptidões locomotoras, adotara um vocabulário mais padronizado e até aprendera a cozinhar, mas ainda se sentia insegura para passar por uma profissional de hotelaria. Ao se aproximar dos hóspedes que tocaram a sineta chamando um ou uma *concierge,* ela decidiu adotar uma postura taciturna, uma expressão que aqui significa "só se comunicar quando absolutamente necessário, a fim de não chamar atenção para a sua juventude e relativa inexperiência no emprego".

Quando Sunny chegou ao quarto 371, de início achou que houvera algum engano. Lá embaixo no saguão, ou Frank ou Ernest havia contado aos Baudelaire que os hóspedes educacionais estavam instalados naquele quarto em particular, mas a mais jovem dos Baudelaire não podia imaginar que propósito educacional poderia explicar os sons estranhos e assustadores que vinham de trás da porta, a não ser, talvez, que um professor estivesse dando uma aula sobre como torturar um pequeno animal. Alguém — ou alguma coisa — no quarto 371 estava soltando guinchos apavorantes,

gemidos insólitos, murmúrios misteriosos, gritos irritantes e, de repente, um ou dois tons melodiosos. Os sons eram tão altos que alguns instantes se passaram antes que alguém ouvisse os punhos enluvados de Sunny batendo na porta.

"Quem se atreve a interromper um gênio quando ele está ensaiando?", disse uma voz forte, retumbante e estranhamente familiar.

"Concierge", gritou Sunny.

"Concierge", arremedou a voz respondendo a Sunny, num tom estridente e guinchado que a Baudelaire mais nova reconheceu imediatamente; para seu desalento, a porta se abriu e lá estava uma pessoa que ela esperara nunca mais encontrar de novo.

Se alguma vez você já trabalhou em algum lugar e, mais tarde, deixou de trabalhar lá, sabe que há três maneiras de fazê-lo: você pode pedir demissão, pode ser demitido, ou pode sair por mútuo acordo. "Pedir demissão", como tenho certeza de que você sabe, é uma expressão que significa que você ficou desapontado com o seu patrão. "Ser demitido", naturalmente, é uma expressão que significa que o seu patrão ficou desapontado com você. E "sair por mútuo acordo" é uma expressão que significa que você queria pedir demissão e o seu patrão queria demiti-lo, então você saiu correndo do escritório, da fábrica ou do monastério, antes que qualquer pessoa pudesse decidir quem iria primeiro. Qualquer que seja o caso, não importa o método usado para deixar um emprego, nunca é agradável cruzar com um ex-patrão, porque isso lembrará a ambos todos os momentos miseráveis que vocês passaram juntos. Certa vez eu me atirei por um lance de escadas para não encarar por um momento sequer uma chapeleira em cuja loja deixei de trabalhar depois de desvendar a verdade sinistra sobre as boinas dela, só para descobrir que o paramédico que reparou o meu braço fraturado me demitira de um emprego de sanfoneiro na sua orquestra depois de apenas uma apresentação e meia de uma certa ópera. Seria difícil dizer se Sunny encerrou o breve lapso de tempo — uma expressão que aqui significa "apavorante período" — em que trabalhou como assistente administrativa na Escola Preparatória Prufrock pedindo demissão, sendo demitida ou saindo por mútuo acordo. Ela trabalhou lá quando foi removida com seus irmãos do colégio interno, depois que um esquema do conde Olaf foi quase bem-sucedido, mas, mesmo depois de

todo esse tempo, ainda era desagradável estar frente a frente com o vice-diretor Nero.

"O que você quer?", perguntou Nero, brandindo o violino que estava fazendo todo aquele barulho horrível. Sunny não ficou feliz em ver que os quatro rabichos-de-cavalo, que eram bem curtos quando ela foi apresentada ao vice-diretor, tinham crescido e se transformado em tranças compridas e ensebadas, e que ele ainda gostava de usar uma gravata decorada com cobras.

"Você tocou", disse Sunny, o mais taciturna que pôde.

"*Você tocou",* arremedou Nero imediatamente. "Bem, e daí que eu toquei? Se toquei para chamá-la, isso não é desculpa para me interromper quando estou praticando o violino. Tenho um recital de violino muito importante na quinta-feira, e meu plano é ensaiar o tempo todo até lá."

"Por favor, patrão", disse outra voz familiar, e Nero se virou, as tranças sebentas balançando atrás dele. Sunny viu, para seu grande desgosto, que Nero estava dividindo o quarto 371 com duas outras figuras do passado dos Baudelaire. "O senhor disse que poderíamos parar para o almoço", continuou o sr. Remora, que tinha sido professor de Violet na Escola Preparatória Prufrock, muito embora fosse difícil dizer exatamente que tipo de professor ele era, pois tudo o que gostava de fazer era contar historinhas curtas e sem sentido, e comer banana após banana, ocasionalmente besuntando de polpa amarela todo o bigode, que era escuro e grosso como um polegar de gorila.

"Estou com tanta fome que seria capaz de comer um decagrama de arroz", disse a sra. Bass, que tinha sido professora de Klaus. Estava claro que o seu entusiasmo por medições de acordo com sistemas métricos exatos continuava o mesmo, mas a mais jovem dos Baudelaire notou que sua aparência mudara um pouco. Cobrindo seus cabelos pretos e desgrenhados havia uma pequena peruca loira, como um pico nevado em uma montanha, e ela usava uma pequena máscara estreita com dois furinhos para os olhos. "Ouvi dizer que há um maravilho restaurante indiano na Sala 954."

Normalmente, Sunny teria respondido "Andiamo", que era o seu jeito de dizer "Terei prazer em levá-los até lá", no entanto teve medo de que o jeito de falar denunciasse a sua verdadeira identidade, portanto, em vez disso, ela continuou com a postura taciturna, inclinando-se ligeiramente para os três hóspedes e fazendo um gesto na direção ao corredor com uma

de suas luvas. O vice-diretor Nero pareceu desapontado, mas então lançou um olhar acompanhado de um sorriso zombeteiro e pôs-se a arremedar os gestos dela de um modo insultuoso, provando assim que era capaz de ridicularizar alguém mesmo sem falar.

"Não acha melhor levar o seu dinheiro, sra. Bass?", perguntou o sr. Remora, apontando para a parede oposta do quarto 371.

"Não, não", disse depressa a sra. Bass, piscando nervosamente através dos furinhos da máscara. "Estará mais seguro no quarto."

Sunny inclinou a cabeça para poder olhar além dos joelhos da professora, e fez a sua primeira observação importante como *flâneur.* Uma avultada pilha de grandes e avultados sacos amontoava-se sobre a mesa, cada um deles com as palavras PROPRIEDADE DA ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA DE MULTAS estampadas em severa tinta preta. A mais jovem dos Baudelaire não era capaz de imaginar por que a sra. Bass estava de posse de algo do banco em que trabalhava o sr. Poe, mas, com dois professores e um vice-diretor aguardando impacientes no corredor, ela não teve tempo de parar para pensar. Com mais um gesto taciturno, levou os hóspedes rapidamente até o elevador, grata pelo fato de a sra. Bass conhecer a localização do restaurante. A mais jovem dos Baudelaire não teria idéia de como encontrar um restaurante indiano no Hotel Desenlace sem um catálogo.

"Estou muito animado com o meu recital", disse o vice-diretor Nero, quando o pequeno elevador começou sua viagem rumo ao nono andar. "Tenho certeza de que os críticos musicais que estarão no coquetel irão adorar a minha apresentação. Assim que eu for reconhecido como um gênio, poderei finalmente largar o meu emprego na Prep Prufrock!"

"Como você sabe que haverá críticos musicais na festa?", perguntou o sr. Remora. "Meu convite só dizia que haveria um bufê de bananas tipo 'tudo o que você agüentar comer'."

"O meu também não dizia nada sobre críticos musicais", disse a sra. Bass. "Ele só dizia que haveria uma festa celebrando o sistema métrico, e que eu deveria levar o maior número possível de objetos de valor para serem medidos. Como professora, não ganho o bastante para comprar objetos de valor, então tive de apelar para uma vida de crimes."

"*Tive de apelar para uma vida de crimes",* arremedou Nero. "Não posso acreditar que um gênio como eu foi convidado para a mesma festa

que vocês dois. Esmé Squalor e seu namorado devem ter mandado os convites para vocês por engano."

Os olhos de Sunny se estreitaram, pensativos, atrás dos seus enormes óculos escuros. O namorado de Esmé Squalor, é claro, era nada menos que o conde Olaf. Depois de tanto tempo lutando contra seus esquemas vilanescos, a mais jovem dos Baudelaire não ficou surpresa ao ouvir que Olaf estava planejando mais perfídias, porém não podia imaginar por que ele atraíra seu antigo patrão para o hotel. Ela teria adorado continuar com as suas observações *como flâneur,* mas quando o elevador se deteve reassumiu seus deveres como *concierge* e pronunciou uma última palavra taciturna.

"Nove", disse ela.

"Nove", arremedou Nero, e forçou passagem para a frente, para poder sair do elevador primeiro. Sunny o seguiu e rapidamente guiou os três hóspedes para a porta com o número 954, que ela abriu com um floreio silencioso.

"Posso ajudar?", perguntou uma voz trêmula, e Sunny ficou atônita ao reconhecer mais uma pessoa do passado dos Baudelaire. Era um homem muito velho, usando óculos minúsculos, cada lente não muito maior que uma ervilha. Quando as crianças encontraram esse homem pela primeira vez, ele não estava usando nenhum tipo de chapéu, mas agora enrolara uma faixa de tecido em volta da cabeça, prendendo-a com uma pedra vermelha brilhante. Sunny lembrou-se de um turbante assim na cabeça do conde Olaf quando ele se disfarçou de professor de ginástica, mas não foi capaz de imaginar por que uma coisa como aquela seria usada pelo homem que os Baudelaire haviam conhecido no Hospital Heimlich.

"Posso ajudar?", arremedou Nero. "É claro que você pode ajudar! Estamos morrendo de fome!"

"Não percebi que era uma ocasião triste", disse Hal, apertando os olhos através dos óculos.

"Não será uma ocasião triste se você nos alimentar", disse o sr. Remora.

Hal franziu o cenho, como se o sr. Remora tivesse dado a resposta errada, mas logo conduziu os três hóspedes para uma mesa de madeira no restaurante, de resto vazio.

"Nós nos orgulhamos de servir uma grande quantidade de pratos indianos", disse ele, entregando os cardápios e servindo a todos um copo

d'água. “Na verdade, a história culinária da região é bem interessante. Quando os ingleses...”

“Eu vou querer dez gramas de arroz”, interrompeu a sra. Bass, “um décimo de hectograma de *vindalu* de camarão, um decagrama de *shana alu masala,* mil centigramas de salmão *tanduri,* quatro *samosas* com uma área de superfície de dezenove centímetros cúbicos, cinco decilitros de *lasside* manga e um *sada rava dosai* com exatamente dezenove centímetros de comprimento.”

Sunny esperava que Hal falasse algo sobre alguns dos pratos que a sra. Bass havia pedido, pois assim suas observações como *flâneur* poderiam servir também para aperfeiçoar suas habilidades de cozinheira, mas ele simplesmente anotou o pedido dela sem comentários e voltou-se para o sr. Remora, que estava franzindo o cenho para o cardápio.

“Vou querer quarenta e oito porções de bananas fritas”, disse ele depois de muito pensar.

“Uma escolha interessante”, comentou Hal. “E o senhor?”

“Um saco de balas!”, ordenou o vice-diretor Nero. Sunny quase se esquecera de que o seu antigo patrão exigia balas de qualquer pessoa sempre que podia.

“Balas não são um prato indiano tradicional”, disse Hal. “Caso não tenha certeza do que pedir, permita-me recomendar o prato combinado.”

“Permita-me recomendar o prato combinado.'“, arremedou Nero lançando um olhar furioso para Hal. “Tudo bem. Eu não vou comer nada! Provavelmente é perigoso chupar balas oferecidas por estrangeiros!”

Hal não reagiu àquele acesso de xenofobia — palavra que indica o medo de culturas estrangeiras ou repulsa por elas; Jerome Squalor a ensinara aos Baudelaire algum tempo atrás —, apenas inclinou a cabeça.

“O seu almoço ficará pronto daqui a pouco”, disse ele. “Estarei na cozinha se precisarem de alguma coisa.”

“Estarei na cozinha se precisarem de alguma coisa', arremedou Nero imediatamente, enquanto Hal atravessava um par de portas de vaivém. Com um suspiro, ele tirou o seu copo d'água de cima da toalha individual e o colocou sobre o tampo de madeira da mesa, onde certamente deixaria marca, e voltou-se para os dois professores. “A cabeça daquele estrangeiro me lembra a daquele homem simpático, o instrutor Genghis.”

“Homem simpático?”, perguntou o sr. Remora. “Se bem me lembro, ele era um vilão notório disfarçado.”

A sra. Bass ergueu as mãos e ajeitou nervosamente a peruca.

“Só porque alguém é criminoso”, disse ela, “isso não quer dizer que não seja uma pessoa simpática. Além disso, quando você é um fugitivo da lei, não tem como evitar o mau humor de vez em quando.”

“Por falar em fugitivo da lei...”, disse o sr. Remora, mas o vice-diretor o interrompeu com um olhar feroz.

“Falaremos disso mais tarde”, ele falou depressa, e então virou-se para Sunny. *“Concierge,* vá buscar guardanapos para nós”, disse Nero, claramente inventando uma desculpa para mandar a mais jovem dos Baudelaire para longe do alcance da sua voz. “Só porque não estou comendo não quer dizer que não posso ficar com o queixo sujo de comida!”

Sunny assentiu, taciturna, e atravessou as portas de vaivém. *Como flâneur,* ela lamentava ter de interromper suas observações, especialmente quando os hóspedes do quarto 371 pareciam prestes a discutir algo importante. Mas, como uma *gourmand* florescente — uma expressão que aqui significa “menininha com forte interesse em cozinha” —, estava ansiosa por dar uma olhada em uma cozinha de restaurante. Desde que a juíza Strauss levara os Baudelaire ao mercado a fim de comprar ingredientes para fazer um molho à *puttanesca,* Sunny começara a se interessar pela arte culinária, embora só recentemente tivesse amadurecido o suficiente para desenvolver esse interesse. Se você nunca deu uma espiada em uma cozinha de restaurante, isso é algo que vale a pena fazer, pois ela é cheia de itens interessantes, e de modo geral é muito fácil entrar em uma sorrateiramente, desde que você não se incomode com os olhares furiosos se for descoberto. Mas quando Sunny atravessou as portas de vaivém não notou nenhum item interessante na cozinha. Para começar, o lugar estava tomado pelo vapor revoluteante proveniente de uma dúzia de panelas que ferviam em todos os cantos. Com o ar enevoado, ficava difícil enxergar muita coisa, contudo essa não era a principal razão por que Sunny estava ignorando o equipamento culinário. Havia uma conversação em curso entre duas figuras insondáveis no recinto, e o que estava sendo dito era muito mais interessante do que quaisquer ingredientes ou dispositivos usados na preparação de pratos indianos tradicionais.

“Tenho notícias de J.S.”, sussurrava Frank ou Ernest para Hal. Ambos os homens estavam em pé, de costas para Sunny e inclinando-se um na direção do outro, de modo que pudessem falar o mais discretamente possível. Sunny manobrou para dentro de uma nuvem de vapor especialmente espessa, procurando não ser flagrada.

“J.S.?”, disse Hal. “Ela está aqui?”

“Está aqui para ajudar”, corrigiu o gerente. “Andou usando os seus Colimadores Simplificados de Clarificação para observar o céu, e receio que vá relatar que todos nós vamos comer corvos.”

“Lamento ouvir isso”, disse Hal. “Corvos são aves difíceis de cozinhar, porque a carne é muito musculosa de tanto que os corvos carregam coisas.”

Sunny coçou a cabeça com uma luva, intrigada.

A expressão “comer corvos” lhe pareceu significar simplesmente a mesma coisa que “engolir sapos”, ou seja, “agüentar humilhação”, e a mais jovem dos Baudelaire aprendera isso com seus pais, que gostavam de provocar um ao outro depois de uma partida de gamão. Sunny lembrou-se da mãe jogando os dados no chão, triunfante, e dizendo “Bertrand, ganhei de novo. Prepare-se para engolir sapos”. Então, com um brilho maroto nos olhos, ela se atirava sobre o pai de Sunny e fazia cócegas nele, enquanto as crianças Baudelaire se amontoavam em cima dos dois numa pilha gargalhante. Mas Hal parecia estar discutindo a expressão comer corvos como se fosse um prato de culinária real, e não uma figura de linguagem, e a mais jovem dos Baudelaire se perguntou se não haveria alguma coisa a mais naquele restaurante indiano, além do que ela pensara.

“É uma pena”, concordou Frank ou Ernest. “Se apenas houvesse algo para deixar o prato um pouco mais doce. Ouvi dizer que certos cogumelos estão disponíveis.”

“Açúcar seria melhor do que cogumelos”, disse Hal de um modo insondável.

“De acordo com os nossos cálculos, o açúcar irá para a lavagem a qualquer momento depois da meia-noite”, retrucou o gerente, de um modo igualmente insondável.

“Fico contente”, disse Hal. “Meu trabalho tem sido suficientemente difícil. Você sabe quantas folhas de alface tive de mandar para a cobertura?”

Frank ou Ernest franziu o cenho.

“Conte-me”, disse ele, em um tom de voz ainda mais baixo “Você é quem eu penso que é?”

“*Você é* quem *eu* penso que é?”, replicou Hal, em tom igualmente baixo.

Sunny se arrastou mais para perto, na esperança de ouvir melhor a conversa e assim descobrir se Frank ou Ernest estava se referindo ao açucareiro. Mas, para desespero da mais jovem dos Baudelaire, o assoalho rangeu de leve e a nuvem de vapor se desfez num turbilhão, e Hal e Ernest, ou talvez Frank, giraram nos calcanhares para olhá-la.

“Você é quem eu penso que é?”, disseram os dois homens em uníssono.

Uma das vantagens de ser taciturno é que assim raramente suas palavras o metem em encrenca. Um escritor taciturno, por exemplo, poderia produzir apenas um poema muito curto a cada dez anos, o que dificilmente incomodaria alguém, ao passo que é provável que alguém que escreve doze ou treze livros em um tempo relativamente curto se veja escondido debaixo da mesa de café de um notório vilão, prendendo a respiração, esperando que ninguém no coquetel repare no trêmulo jogo de gamão, e se perguntando, enquanto a mancha de tinta se espalha pelo carpete, se certos exercícios literários valeram mesmo a pena. Se Sunny tivesse decidido adotar uma postura loquaz, teria sido necessário pensar em uma longa resposta para a pergunta que acabava de ser feita, e ela não conseguia nem imaginar que resposta poderia ser essa. Se soubesse que o gerente na cozinha era Frank, teria dito algo como “Sunny Baudelaire, por favor ajude”, que era o seu jeito de dizer “Sim, eu sou Sunny Baudelaire, e meus irmãos e eu precisamos da sua ajuda para desvendar o esquema misterioso que se desenrola no Hotel Desenlace e transmitir as descobertas por meio de sinais aos membros de C.S.C.”. Se ela soubesse que era Ernest que olhava para ela, diria alguma coisa mais parecida com “No habla esperanto”, que era o seu jeito de dizer “Me desculpe. Não sei do que está falando”. A presença de Hal, é claro, tornava a situação ainda mais complicada, porque as crianças saíram de seus empregos na Biblioteca de Registros do Hospital Heimlich por mútuo acordo, uma vez que Hal acreditava que elas eram os responsáveis por atear fogo à Biblioteca de Registros, e os Baudelaire precisaram fugir do hospital o mais depressa possível, mas Sunny não tinha como saber se Hal continuava a guardar ressentimento — uma expressão

que aqui significa “ser inimigo dos Baudelaire” —, ou se ele estava trabalhando no hotel como voluntário. Entretanto, Sunny adotara uma postura taciturna, e tudo o que precisava era de uma resposta taciturna.

“Concierge”, disse ela, e foi o bastante. Hal olhou para Frank, ou talvez fosse Ernest, e Ernest, ou talvez fosse Frank, olhou de volta para Hal. Os dois homens balançaram a cabeça e depois foram até um armário lustroso do outro lado da cozinha. Hal o abriu e entregou um objeto grande e estranho para Frank ou Ernest, que o examinou e passou para Sunny. Era como uma grande aranha de metal, com fios espiralados se espalhando em todas as direções, mas onde deveria estar a cabeça da aranha havia um teclado de máquina de escrever.

“Você sabe o que é isto?”, perguntou o vilão ou voluntário.

“Sim”, disse a mais jovem dos Baudelaire. Sunny nunca tinha visto um dispositivo como aquele, mas seus irmãos haviam descrito a estranha fechadura que encontraram em uma passagem secreta escondida dentro das Montanhas de Mão-Morta. Não fossem os conhecimentos de ciência de Violet e a notável memória de Klaus a respeito de literatura russa, eles poderiam nunca ter aberto a fechadura, e Sunny ainda seria prisioneira do conde Olaf.

“Tenha muito cuidado com isto”, disse Frank ou Ernest. “Quando você coloca este dispositivo em cima da maçaneta de uma porta comum, e pressiona as letras C, S e C, ele se transforma em uma porta de Cerramento Supravernacular Complexo. Quero que você pegue o elevador até o subsolo e faça o Cerramento Supravernacular Complexo da Sala 025.”

“Trata-se da lavanderia, você sabe”, disse Hal apertando os olhos para Sunny através dos óculos. “Como acontece com muitas portas de lavanderias, há um respiro que canaliza o vapor de todas as máquinas de lavar para o exterior, para que o recinto não fique sobreaquecido.”

“Mas se alguma coisa cair do céu exatamente no ângulo certo”, disse Frank ou Ernest, “poderá cair através do respiro para dentro do recinto. E se essa coisa for muito valiosa, então o recinto terá de ser bem trancado, para que o item não venha a cair nas mãos erradas.”

Sunny Baudelaire não tinha idéia do que aqueles dois adultos estavam falando e desejou estar ainda envolta pelo vapor, para que pudesse observar o resto da conversa deles. Mas ela segurou com firmeza a estranha

fechadura em suas mãos enluvadas e percebeu que não era hora de ser *flâneur.*

"Fico grato por sua ajuda, *concierge",* disse Frank, ou talvez tenha sido Ernest, ou talvez o homem que falava não fosse nenhum dos irmãos. "Não são muitas as pessoas que têm a coragem de ajudar em um esquema como este."

Sunny fez mais um aceno taciturno com a cabeça e voltou-se para sair da cozinha. Em silêncio, atravessou as portas de vaivém e o restaurante sem parar nem para ouvir a conversa sussurrada que o vice-diretor Nero estava tendo com o sr. Remora e a sra. Bass, e em silêncio ela abriu a porta da Sala 954 e caminhou pelo corredor até o elevador. Foi somente quando estava descendo de elevador até o subsolo que o silêncio de Sunny foi quebrado por um ruído impactante.

O relógio do saguão do Hotel Desenlace é de fama legendária, uma expressão que aqui significa "muito conhecido por tocar muito alto". Fica bem no centro do teto, bem no topo da abóbada, e quando ele bate as horas seus sinos ecoam pelo prédio inteiro, produzindo um ruído imenso e profundo que soa como uma estranha palavra pronunciada uma vez para cada hora anunciada. Naquele momento em particular eram três horas, e todo mundo no hotel pôde ouvir o toque estrondoso dos enormes sinos do relógio, emitindo a palavra três vezes seguidas: *Nadabom! Nadabom! Nadabom!*

Enquanto atravessava as portas deslizantes do elevador e caminhava pelo corredor do subsolo, passando pelos vasos ornamentais e as portas numeradas, Sunny Baudelaire sentiu como se o relógio a estivesse repreendendo por seus esforços para resolver os mistérios do Hotel Desenlace. *Nadabom! Ela.* tentara dar o melhor de si para ser uma *flâneur,* mas não observara o suficiente para descobrir o que dois professores e um vice-diretor da Escola Preparatória Prufrock estavam fazendo no hotel. *Nadabom!* Ela tentara se comunicar com um dos gerentes do hotel, mas não fora capaz de descobrir se era Frank ou Ernest, ou se Hal era um voluntário ou um inimigo. E — o mais *Nadabom!* de todos — desempenhava uma incumbência como *concierge,* e estava agora transformando a entrada da lavanderia em uma porta de Cerramento Supravernacular Complexo, para servir a algum propósito sinistro desconhecido.

A cada batida do relógio, Sunny sentia que nada estava bom, até que por fim chegou à Sala 025, onde uma lavadeira com longos cabelos loiros e roupas amarrotadas acabava de fechar a porta ao sair. Com um apressado aceno de cabeça, a lavadeira desceu o corredor em passos silenciosos. Sunny esperava de todo coração que seus dois irmãos tivessem obtido mais sucesso em suas incumbências, pois ao colocar o dispositivo sobre a maçaneta da porta e pressionar as letras C-S-C no teclado de máquina de escrever, tudo em que a mais jovem dos Baudelaire conseguiu pensar foi que aquilo tudo não era nada bom, nada bom, nada bom.



TAMBÉM NÃO É UM CAPÍTULO

Neste ponto, a história dos órfãos Baudelaire retorna ao seu formato seqüencial, e se você está interessado em terminá-la, deve ler os capítulos na ordem em que aparecem, muito embora eu espere sinceramente que você não esteja interessado em terminar a história, não mais do que a história está interessada em terminar com você.



CAPÍTULO SETE

Um bocado de coisas aconteceu naquele dia depois que o relógio bateu três horas e cada *Nadabom!* ecoou por todo o imenso e desconcertante mundo do Hotel Desenlace. No nono andar, uma mulher foi subitamente reconhecida por uma química, e as duas tiveram um ataque de riso. No subsolo, uma estranha visão foi relatada por um homem ambidestra que falava em um *walkie-talkie.*

No sexto andar, uma das governantas tirou o disfarce e abriu um buraco atrás de um vaso ornamental a fim de examinar os cabos que mantinham um dos elevadores no lugar, enquanto ouvia o som longínquo de uma canção muito irritante vindo de um quarto logo acima. No quarto 296, um voluntário subitamente se deu conta de que a língua hebraica deve ser lida da direita para a esquerda e não da esquerda para a direita, o que significa que ela deve ser lida da esquerda para a direita e não da direita para a esquerda no espelho, e no café localizado na Sala 178 um vilão pediu açúcar no seu café e foi imediatamente atirado ao chão para que uma garçonete pudesse verificar se ele tinha uma tatuagem no tornozelo; então, em troca de todo aquele incômodo, recebeu um pedido de desculpas e uma fatia grátis de torta de ruibarbo. No quarto 174, um banqueiro atendeu o telefone apenas para descobrir que não havia ninguém na linha, e no quarto 594, uma família passava despercebida, sentada entre aquários de peixes tropicais tendo por companhia apenas uma mala cheia de roupa suja, sem se dar conta de que embaixo de uma almofada do sofá se encontrava uma toalhinha ornamental que eles procuravam havia mais de nove anos. Do lado de fora do hotel, um motorista de táxi olhava para o respiro que

despejava vapor no céu e se perguntava se um certo homem com as costas com formato incomum iria voltar para reclamar as malas que ainda estavam no porta-malas; do outro lado do hotel, uma mulher de capacete de mergulho e maio lustroso tentava enxergar o fundo escuro do mar iluminando-o com uma lanterna através da água. No lado oposto da cidade, um longo automóvel preto conduzia uma mulher para longe do homem que ela amava, e em uma outra cidade, a quilômetros e quilômetros dos Baudelaire, quatro crianças brincavam na praia, sem se dar conta de que estavam prestes a receber notícias muito assustadoras; ainda em outra cidade, que não era nem aquela onde viveram os Baudelaire nem a que acabo de mencionar, alguma outra pessoa ficou sabendo de alguma coisa e houve algum tipo de confusão, ou pelo menos *é* o que fui levado a acreditar. A cada *Nadabom!* do relógio, enquanto de mansinho a tarde se transformava em noite, um sem-número de coisas acontecia, não apenas no imenso e desconcertante universo do Hotel Desenlace, mas também no imenso e desconcertante universo que jazia para além das suas paredes de tijolos.

No entanto, os órfãos Baudelaire não pensaram em nada disso. Curiosamente, suas incumbências como *concierges* os mantiveram no saguão pelo resto da tarde, e por essa razão eles não tiveram mais oportunidade de se aventurar nos pequenos elevadores e observar o que quer que fosse *como flâneurs,* pois passaram horas levando coisas de um lado para outro no saguão, sem nem pensar nos objetos que carregavam, nem nos hóspedes que aguardavam por eles, tampouco na figura alta e esguia de Frank ou Ernest, que ocasionalmente passava apressada por eles concentrado em suas próprias incumbências. A medida que a noite se aproximava, e as sinetas atrás do balcão tocavam cada vez menos freqüentemente, Violet, Klaus e Sunny pensavam apenas no que tinha acontecido com eles. Pensavam somente no que cada um deles observara, e se perguntavam que diabo aquilo tudo poderia significar. Por fim, exatamente como Frank ou Ernest tinha previsto, a noite chegou e o hotel ficou muito silencioso. Os três irmãos se reuniram atrás do grande balcão de madeira para conversar, com as costas contra a parede e esticando as pernas até quase tocar nas sinetas. Violet contou a história de Esmé Squalor, Carmelita Spats e Geraldine Julienne no salão de bronzeamento da cobertura, e Frank ou Ernest no saguão. Klaus contou a história de Senhor e

Charles no quarto *674,* e Frank ou Ernest na sauna. E Sunny contou a história do vice-diretor Nero, do sr. Remora e da sra. Bass no quarto 371, e Frank ou Ernest e Hal no restaurante indiano da Sala 954. Klaus registrava tudo cuidadosamente no seu livro de lugar-comum; quando chegou a sua vez de falar, ele entregou o livro a Violet, e os três Baudelaire interrompiam-se com perguntas e palpites. Depois que todas as histórias já tinham sido contadas, e examinados os incontáveis detalhes anotados a tinta no papel, tudo o que lhes acontecera continuava tão misterioso quanto era pela manha.

"Isso simplesmente não faz nenhum sentido", disse Violet. "Por que Esmé está planejando uma festa? Por que Carmelita Spats pediu um lançador de arpões?"

"Por que Senhor e Charles estão aqui?", perguntou Klaus. "Por que há um papel pega-pássaros pendurado do lado de fora da janela da sauna?"

"Por que Nero?", perguntou Sunny. "Por que Remora? Por que Bass? Por que Hal?"

"Quem é J.S.?", perguntou Violet. "É um homem à espreita no subsolo, ou é uma mulher observando o céu?"

"Onde está o conde Olaf?", perguntou Klaus. "Por que ele convidou tantos dos nossos antigos tutores aqui para o hotel?"

"Frankernest", disse Sunny, e essa talvez fosse a pergunta mais misteriosa de todas. Violet, Klaus e Sunny tinham, cada um deles, encontrado um dos gerentes momentos antes de o relógio bater as três horas. Kit Snicket lhes dissera que se observassem todas as pessoas que vissem poderiam distinguir os vilões dos voluntários, mas os Baudelaire não sabiam qual irmão se encontrara com qual gerente, e eles simplesmente não podiam imaginar como duas pessoas podiam estar em três lugares ao mesmo tempo. Os Baudelaire ponderaram sobre a situação em um silêncio quebrado apenas por um som estranho, repetitivo, que parecia vir de fora. Por um momento, esse som foi mais um mistério, mas os irmãos logo perceberam que era o coaxar de rãs. Devia haver milhares delas vivendo nas profundezas da lagoa, e agora, com a noite, teriam vindo para a superfície e se comunicavam umas com as outras com o som gutural de sua espécie. Era um som insondável, como se até o mundo natural fosse um código que os Baudelaire não pudessem decifrar.

“Kit disse que nem tudo iria bem”, disse Violet. “Ela disse que as nossas incumbências poderiam ser nobres, mas que não teríamos sucesso.”

“É verdade”, concordou Klaus. “Ela disse que todas as nossas esperanças se transformariam em fumaça, e talvez ela estivesse certa. Cada um de nós observou uma história diferente, mas nenhuma das histórias faz sentido.”

“Elefante”, disse Sunny.

Violet e Klaus olharam para a irmã, curiosos.

“Poema”, disse ela. “Pai.”

Violet e Klaus se entreolharam, intrigados.

“Elefante”, insistiu Sunny, mas essa foi uma das raras ocasiões em que Violet e Klaus não entenderam o que a irmã estava dizendo. Na pequena testa de Sunny podia-se ver um sulco enquanto ela se esforçava em se lembrar de algo que poderia ajudá-la a se comunicar com os irmãos. Por fim, ela ergueu os olhos para Violet e Klaus. “John Godfrey Saxe”, disse ela, e os três Baudelaire sorriram.

O nome John Godfrey Saxe provavelmente não significa nada para você, a não ser que seja um fã de poetas humoristas americanos do século dezenove. Não existem muitas pessoas assim no mundo, mas o pai dos Baudelaire era uma delas, e sabia de cor diversos poemas. De tempos em tempos ele entrava em um estado de ânimo esdrúxulo — a palavra “esdrúxulo”, como você provavelmente sabe, significa “esquisito e impulsivo” —, agarrava no colo a criança Baudelaire mais próxima e a jogava para cima e para baixo enquanto recitava um poema de John Godfrey Saxe sobre um elefante. No poema, seis homens cegos encontraram um elefante pela primeira vez e foram incapazes de entrar num acordo sobre com o que o animal se parecia. O primeiro homem apalpou o alto e macio flanco do elefante e concluiu que um elefante se parecia com uma parede. O segundo homem apalpou a presa do elefante e decidiu que um elefante se parecia com uma lança. O terceiro homem apalpou a tromba do elefante e o quarto apalpou uma de suas pernas, e assim por diante, com todos os cegos discutindo sobre com o que se parecia um elefante. Como acontece com muitas crianças, Violet e Klaus já eram suficientemente crescidos para achar os estados de ânimo esdrúxulos do pai um pouco embaraçosos, e assim, como se tornou o público principal dos recitais de poesia do sr. Baudelaire, Sunny lembrava-se melhor do poema.

“Aquele poema poderia se aplicar a nós”, disse Violet. “Cada um de nós observou uma pequenina parte do quebra-cabeça, mas nenhum de nós viu a coisa inteira.”

“Ninguém poderia ver a coisa inteira”, disse Klaus. “Existe um mistério atrás de cada porta do Hotel Desenlace, e ninguém pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, observando todos os voluntários e todos os vilões.”

“Ainda assim temos de tentar”, disse Violet. “Kit disse que o açucareiro estava a caminho deste hotel. Temos de impedir que ele caia nas mãos do impostor.”

“Mas o açucareiro pode ser escondido em qualquer lugar”, disse Klaus, “e o impostor poderia ser qualquer um. Todos aqueles que observamos falavam sobre J.S., mas ainda não sabemos quem é ele ou ela.”

“'Cada qual estava em parte certo'“, Sunny recitou o penúltimo verso do poema do elefante.

Seus irmãos sorriram e terminaram o verso em coro:

'“E todos estavam errados'“, disseram juntos, mas a última palavra foi abafada por outro som, ou talvez fosse mais apropriado dizer que a palavra “errados” foi abafada por outra palavra. *Nadabom!* anunciou o relógio do Hotel Desenlace. *Nadabom! Nadabom! Nadabom! Nadabom! Nadabom! Nadabom! Nadabom! Nadabom! Nadabom! Nadabom! Nadabom!*

“É tarde”, disse Klaus quando o décimo segundo *Nadabom!* silenciou. “Nem percebi que ficamos conversando tanto tempo.” Ele e suas irmãs se levantaram, se espreguiçaram e viram que o saguão estava vazio e silencioso. A tampa do piano de cauda estava fechada. A fonte em cascata tinha sido desligada. Até mesmo o balcão de recepção estava vazio, como se o Hotel Desenlace não esperasse mais hóspedes até de manhã. A luz da luminária em forma de rã e, é claro, os próprios Baudelaire eram os únicos sinais de vida sob a enorme abóbada do teto.

“Acho que os hóspedes estão dormindo”, disse Violet, “ou então estão passando a noite inteira lendo, como disse Frank.”

“Ou Ernest”, lembrou Sunny.

“Talvez devêssemos tentar dormir também”, disse Klaus. “Temos mais um dia para resolver esses mistérios, e devemos estar bem descansados para quando esse dia chegar.”

“Imagino que não deva haver muita coisa para observar depois que escurece”, disse Violet.

“Sono”, bocejou Sunny.

Os irmãos assentiram, todos os três porém ficaram lá parados. Não parecia certo dormir quando tantos inimigos estavam à espreita no hotel, engendrando planos sinistros. Tais eventos acontecem todas as noites, e não só no Hotel Desenlace, mas em todo o mundo, e até mesmo o mais nobre dos voluntários precisa de uma soneca rápida, uma expressão que aqui significa “deitar atrás de um grande balcão de madeira e esperar que ninguém toque as sinetas dos *concierges* até de manhã”. As crianças teriam preferido circunstâncias mais confortáveis para dormir, é claro, mas um tempo muito longo se passara desde a última vez em que essas circunstâncias estiveram disponíveis; assim, sem mais discussões, eles deram boa-noite um ao outro, e Klaus estendeu a mão para apagar a luminária em forma de rã. Por um momento, as três crianças ficaram deitadas ouvindo o coaxar que vinha da lagoa lá fora.

“Está escuro”, disse Sunny. A mais jovem dos Baudelaire não tinha nenhum medo especial do escuro, apenas sentiu vontade de mencionar isso, para o caso de os seus irmãos estarem nervosos.

“Está *mesmo* escuro”, concordou Violet com um bocejo. “Com os meus óculos escuros, está escuro como... O que foi mesmo que disse Kit Snicket? Tenebroso como um corvo voando em noite escura como breu.”

“É isso”, disse Klaus de repente. Suas irmãs ouviram-no levantar-se no escuro, e então ele tornou a acender a luminária de rã, fazendo ambas piscarem atrás dos óculos escuros.

“O que foi?”, disse Violet. “Pensei que fôssemos dormir.”

“Como podemos dormir”, perguntou Klaus,

“quando o açucareiro está sendo trazido ao hotel exatamente nesta noite?”

“O quê?”, perguntou Sunny. “Como?”

Klaus tirou do bolso o seu livro de lugar-comum e folheou as anotações que fizera sobre o que os Baudelaire tinham observado.

“Por corvos”, disse ele.

“Corvos?”, disse Violet.

“Não seria a primeira vez que os corvos carregam algo de importante”, disse Klaus, lembrando as irmãs dos corvos na cidade dos

Cultores Solidários de Corvídeos, que tinham trazido mensagens dos Quagmire aos Baudelaire. “Era isso que Esmé Squalor estava observando com os seus Colimadores Simplificados de Clarificação.”

“J.S. também”, disse Sunny, lembrando o que ou Frank ou Ernest comentava sobre observar o céu.

“E é por isso que Carmelita Spats me fez ir buscar um lançador de arpões”, disse Violet, pensativa. “A fim de abater os corvos, para que C.S.C. jamais possa chegar ao açucareiro.”

“E é por isso que Frank ou Ernest me fez pendurar papel pega-pássaros do lado de fora da janela da sauna”, disse Klaus. “Se os corvos forem atingidos pelo lançador de arpões, eles cairão no papel pega-pássaros, e ele saberá que a entrega não foi bem-sucedida.”

“Mas foi Frank ou Ernest que fez você pendurar o papel pega-pássaros?”, perguntou Violet. “Se foi Frank, então o papel pega-pássaros serviria como sinal aos voluntários de que eles foram derrotados. Se foi Ernest, então o papel pega-pássaros serviria como sinal aos vilões de que eles triunfaram.”

“E o açucareiro?”, perguntou Klaus. “Os corvos vão largar o açucareiro se forem atingidos pelo ar-pão.” Ele franziu a testa ao olhar para uma página do seu livro de lugar-comum. “Se os corvos deixarem cair um objeto pesado como esse”, disse, “ele vai cair diretamente na lagoa.”

“Talvez não”, disse Sunny.

“Onde mais poderia cair?”, perguntou Violet.

“Giracíclico”, disse Sunny, que era o seu jeito de dizer “lavanderia”.

“Como ele iria parar na lavanderia?”, perguntou Klaus.

“Respiro”, disse Sunny. “Frank disse. Ou Ernest.”

“Então eles mandaram você colocar uma fechadura na porta da lavanderia”, disse Violet, “para que ninguém pudesse pegar o açucareiro.”

“Mas foi Frank ou Ernest que fez Sunny ativar a fechadura?”, perguntou Klaus. “Se foi Frank, então o açucareiro estaria trancado, a salvo das mãos de algum vilão que quisesse se apoderar dele. Se foi Ernest, então o açucareiro estaria trancado, a salvo das mãos de algum voluntário que precisasse se apoderar dele.”

“J.S.”, disse Sunny.

“J.S. é a chave de todo o mistério”, concordou Violet. “Esmé Squalor acha que J.S. está estragando a festa. Senhor acha que J.S. está recebendo

os convidados da festa. Hal acha que J.S. pode estar aqui para ajudar. Kit acha que J.S. pode estar entre os inimigos. E nós ainda nem sequer sabemos se J.S. é homem ou mulher!"

"Que nem cegos", disse Sunny, "com elefante."

"Temos de encontrar J.S.", concordou Klaus, "mas como? Tentar localizar um hóspede num hotel enorme é como tentar encontrar um livro numa biblioteca."

"Uma biblioteca sem catálogo", disse Violet, e os três Baudelaire trocaram olhares tristonhos à luz da luminária em forma de rã. As crianças tinham descoberto incontáveis segredos em bibliotecas sob as mais desesperadas circunstâncias. Elas decodificaram uma mensagem numa biblioteca enquanto um furacão arrasava tudo do lado de fora, e encontraram informações importantes enquanto uma pessoa sinistra as perseguia por uma biblioteca usando calçados malignos. Elas tinham descoberto fatos cruciais em uma biblioteca que só continha três livros, e obtiveram um mapa vital em uma biblioteca que era apenas uma pilha de papéis escondidos debaixo de uma mesa. Os Baudelaire até mesmo encontraram as respostas que estavam procurando em uma biblioteca que havia sido incendiada, deixando apenas uns poucos fragmentos de papel e um mote gravado em um arco de ferro. Violet, Klaus e Sunny ficaram por alguns momentos em pé atrás do balcão dos *concierges* pensando em todas as bibliotecas que tinham visto, e se perguntaram se algum dos segredos por eles descobertos iria ajudá-los a encontrar o que estavam procurando na desconcertante biblioteca do Hotel Desenlace.

"Aqui o mundo é sereno", disse Sunny, recitando o mote que seus irmãos encontraram, e quando as palavras dela ecoaram no saguão, os três ouviram um barulho acima deles, um silencioso arrastar de pés vindo da enorme abóbada, quase imperceptível em meio ao coaxar das rãs. O arrastar de pés ficou mais alto, mas os Baudelaire não conseguiram ver nada no negrume acima de suas cabeças, que era tão tenebroso quanto um corvo voando em noite escura como breu. Violet ergueu a luminária em forma de rã o mais alto que o fio permitia, e as três crianças tiraram os óculos escuros. Vagamente, puderam distinguir um vulto sombrio baixando do mecanismo do relógio por meio do que parecia ser uma corda grossa. Era uma visão fantasmagórica, como a de uma aranha descendo para o centro de uma teia, mas os Baudelaire não puderam deixar de admirar a perícia

com que aquilo era feito. Com apenas um ligeiro roçar, o vulto foi chegando cada vez mais perto até que, finalmente, as crianças conseguiram ver que se tratava de um homem alto e muito magro, com pernas e braços se projetando em ângulos estranhos, como se fosse feito de canudinhos de refresco em vez de carne e osso. O homem descia por uma corda que ele ia desenrolando, o que *é* uma atividade que não recomendo — a não ser que você tenha um treinamento adequado, e infelizmente o melhor treinador fora forçado a se esconder desde que uma certa sede de operações nas montanhas fora destruída em um incêndio criminoso; agora ele ganha a vida fazendo imitações de aranhas em um espetáculo itinerante. Por fim o homem chegou bem perto do chão e, com um floreado elegante, soltou a corda e aterrissou silenciosamente no piso. Então caminhou decidido na direção dos Baudelaire, parando apenas para limpar um grão de poeira da palavra GERENTE, que estava impressa em letras elegantes em cima de um dos bolsos do casaco.

"Boa noite, irmãos Baudelaire", disse o homem. "Perdoem-me por não ter me revelado antes, mas eu precisava ter certeza de que vocês eram quem eu pensava que fossem. Deve ter sido muito desconcertante perambular por este hotel sem um catálogo para ajudá-los."

"Então *existe um* catálogo?", perguntou Klaus.

"É claro que existe um catálogo", disse o homem. "Vocês não pensaram que eu iria organizar este edifício inteiro de acordo com o Sistema Decimal De-wey e então esquecer de acrescentar um catálogo, pensaram?"

"Mas onde está o catálogo?", perguntou Violet.

O homem sorriu.

"Vamos lá fora", disse ele, "e mostrarei a vocês."

"Arapuca", murmurou Sunny para os irmãos, que assentiram, concordando.



“Não vamos segui-lo”, disse Violet, “enquanto não soubermos se você é alguém em quem podemos confiar.”

O homem sorriu.

“Não os culpo por suspeitar”, disse ele. “Quando eu me encontrava com o pai de vocês, irmãos Baudelaire, nós recitávamos a obra de um poeta humorista americano do século dezenove, para que pudéssemos reconhecer um ao outro em nossos disfarces.” Ele se deteve no meio do saguão e, com um gesto de um dos estranhos braços magrelos, começou a recitar um poema em inglês antigo:

So oft in theologic wars,
The disputants, I ween,
Rail on in utter ignorance
Of what each other mean,
And prate about an Elephant
Not one of them has seen!{1}

As palavras dos poetas humoristas americanos do século dezenove são muitas vezes desconcertantes, pois eles são propensos a usar termos como *oft* que é uma abreviatura do século dezenove para *often* (freqüentemente);

disputants, que se refere a pessoas que estão discutindo; *ween,* que significa "pensar"; e *rail on,* que significa "discutir durante horas a fio", do modo como você poderia fazer com um membro da família que é especialmente mandão. Esses poetas podem usar a palavra *prate,* que significa "conversar", e eles podem passar uma estrofe inteira discutindo *theologic wars,* um termo que se refere à discussão sobre coisas em que diferentes pessoas acreditam, do modo como você poderia fazer com um membro da família que é especialmente mandão. Mesmo os Baudelaire, que ouviram obras de poetas humoristas americanos do século dezenove sendo recitadas para eles muitas vezes durante a infância, tinham dificuldade em entender tudo na estrofe, que simplesmente salientava o fato de que todos os homens cegos do poema estavam discutindo à toa. Mas Violet, Klaus e Sunny não precisavam saber exatamente o que significava a estrofe. Só precisavam saber quem a escrevera.

"John Godfrey Saxe", disse Sunny com um sorriso.

"Muito bom", disse o homem, e caminhou através do piso lustroso e silencioso do saguão, puxando a corda do teto e enfiando-a no cinto.

"E quem é você?", perguntou Violet.

"Você não consegue adivinhar?", perguntou o homem, dando uma parada na grande entrada curva. Os Baudelaire se apressaram para alcançá-lo enquanto ele se virava para sair do hotel.

"Frank?", disse Klaus.

"Não", disse o homem, e começou a descer as escadas. Os Baudelaire deram um passo para fora, onde o coaxar das rãs na lagoa era consideravelmente mais alto, embora as crianças não pudessem ver a lagoa através da nuvem de vapor proveniente do respiro. Violet, Klaus e Sunny se entreolharam com cautela e então se puseram a segui-lo.

"Ernest?", perguntou Sunny.

O homem sorriu e continuou descendo as escadas, desaparecendo no vapor.

"Não", disse ele, e os órfãos Baudelaire saíram do hotel e desapareceram em sua companhia.



CAPÍTULO OITO

A palavra “desenlace” não é apenas o nome de um hotel ou da família que o administra, especialmente hoje em dia, quando o hotel e todos os seus segredos foram quase esquecidos, e os membros sobreviventes da família mudaram de nome e estão trabalhando em hospedarias menores e menos glamorosas. “Desenlace” é uma palavra usada para descrever o ato de desamarrar um nó, e se refere ao deslindamento de uma história misteriosa e desconcertante, tal como a dos órfãos Baudelaire, ou de qualquer outra pessoa cuja vida esteja cheia de perguntas não respondidas. O desenlace é o momento em que todos os nós de uma história são desfeitos, e todos os fios são desemaranhados, e tudo *é* exposto claramente para que o mundo veja. Mas o desenlace não deve ser confundido com o fim da história. O desenlace de *Branca de Neve,* por exemplo, ocorre no momento em que a srta. Branca acorda do seu sono encantado e decide deixar os anões para trás e se casar com o bonito príncipe, e a velha misteriosa que lhe deu uma maçã se revela como a pérfida rainha. Mas o final de *Branca de Neve* ocorre muitos anos depois, quando um acidente em um passeio a cavalo mergulha a srta. Branca em uma febre da qual ela nunca mais se recupera. O desenlace de *Cachinhos Dourados e os três ursos* ocorre no momento em que os ursos voltam para casa e encontram Cachinhos Dourados tirando uma pestana em sua propriedade privada; eles ou a enxotam do local, ou a devoram, dependendo de qual versão você tem na sua biblioteca, mas o final de *Cachinhos Dourados e os três ursos* ocorre quando uma tropa de jovens escoteiros se esquece de apagar a fogueira do acampamento e nem mesmo os esforços de um corpo de bombeiros voluntários conseguem salvar de uma morte certa a maior parte da vida selvagem.

Há algumas histórias em que o desenlace e o final ocorrem simultaneamente, como *La forza del destino,* em que as personagens se

reconhecem e se destroem no decurso de uma única canção, mas usualmente o desenlace de uma história não é o último evento na vida dos heróis, ou o último infortúnio que recai sobre eles. Com freqüência é o evento que vem antes do último, ou do penúltimo perigo. Enquanto os órfãos Baudelaire seguiam o homem misterioso para fora do hotel e através da nuvem de vapor até a beira da lagoa refletiva, o desenlace da história deles se aproximava depressa, porém o final ainda aguardava pelos três, como um segredo encoberto pela névoa, ou uma ilha distante no meio de um mar encapelado cujas ondas bramiam contra as praias de uma cidade e as paredes de um hotel desconcertante.

"Vocês devem ter milhares de perguntas a fazer, irmãos Baudelaire", disse o homem. "E vejam só — bem aqui é o lugar onde elas podem ser respondidas."

"Quem é você?", perguntou Violet.

"Sou Dewey Dénouement"[2], respondeu Dewey Dénouement. "O terceiro trigêmeo. Nunca ouviram falar de mim?"

"Não", disse Klaus. "Nós pensamos que só havia Frank e Ernest."

"Frank e Ernest ficam com toda a atenção", disse Dewey. "Eles ficam borboleteando pelo hotel, administrando tudo, enquanto eu apenas me escondo nas sombras e dou corda no relógio." Ele deu um enorme suspiro, e fez uma careta para as profundezas da lagoa. "É disso que eu não gosto em C.S.C.", disse ele. "Toda essa fumaça e espelhos."

"Fumaça?", perguntou Sunny.

"'Fumaça e espelhos'", explicou Klaus, "quer dizer 'truques usados para encobrir a verdade'. Mas o que isso tem a ver com C.S.C.?"

"Antes da cisão", disse Dewey, "C.S.C. era como uma biblioteca pública. Qualquer um podia se juntar a nós e ter acesso a todas as informações que adquirimos. Voluntários de todo o mundo liam as pesquisas uns dos outros, aprendiam com as observações uns dos outros e pegavam livros emprestados uns dos outros. Por algum tempo, pareceu que poderíamos manter o mundo inteiro a salvo, seguro e em ordem."

"Deve ter sido uma época maravilhosa", disse Klaus.

"Eu quase não lembro dela", disse Dewey. "Tinha quatro anos de idade quando a cisão começou. Mal tinha altura suficiente para alcançar a minha prateleira favorita na biblioteca da família — os livros identificados

como 020. Mas uma noite, bem quando nossos pais estavam pendurando balões para a festa do nosso quinto aniversário, meus irmãos e eu fomos levados."

"Levados para onde?", perguntou Violet.

"Levados por quem?", perguntou Sunny.

"Admiro a sua curiosidade", disse Dewey. "A mulher que me levou disse que uma pessoa pode continuar viva muito além da data usual de desintegração caso não tenha medo de mudar, seja insaciável na curiosidade intelectual, esteja interessada em grandes coisas e fique feliz com pequenas coisas. E ela me levou para um lugar no alto das montanhas, onde, segundo ela, tais coisas seriam encorajadas."

Klaus abriu seu livro de lugar-comum e começou a fazer anotações furiosamente.

"A sede de operações", disse Klaus, "no vale das Correntezas que Sopram Constantes."

"Os seus pais devem ter sentido saudade de vocês", disse Violet.

"Eles pereceram naquela mesma noite", disse Dewey, "em um terrível incêndio. Não preciso contar a vocês como me senti mal quando recebi a notícia."

Os Baudelaire suspiraram e olharam para a lagoa. Aqui e ali, sobre aquela superfície calma, podiam ver o reflexo de algumas luzes nas janelas, mas a maior parte do hotel estava às escuras, portanto a maior parte da lagoa também estava escura. O trigêmeo, é claro, não precisava contar aos Baudelaire qual era a sensação de perder os pais tão de repente, ou em tão tenra idade.

"Não foi sempre assim, irmãos Baudelaire", disse Dewey. "Antes havia lugares seguros em todo o globo, e assim os órfãos como vocês não tinham de errar de lugar em lugar tentando encontrar pessoas nobres que pudessem prestar auxílio. A cada geração, a cisão fica pior. Se a justiça não prevalecer, logo não restarão mais lugares seguros, e não restará mais ninguém para se lembrar de como o mundo deveria ser."

"Eu não entendo", disse Violet. "Por que nós não fomos levados, como você?"

"Vocês foram", disse Dewey. "Vocês foram levados à custódia do conde Olaf. E ele tentou mantê-los sob sua custódia, não importa quantas pessoas nobres intendessem."

“Mas por que ninguém nos contou o que estava acontecendo?” perguntou Klaus. “Por que tivemos de decifrar as coisas sozinhos?”

“Receio que sejam esses os caminhos perversos do mundo”, disse Dewey, com um movimento de cabeça. “Tudo está coberto de fumaça e espelhos, jovens Baudelaire. Desde a cisão, todas as pesquisas, todas as observações, e até todos os livros, foram espalhados pelo mundo. É como o elefante do poema de que o seu pai gostava tanto. Todo mundo tem nas mãos um pequenino pedaço da verdade, mas ninguém consegue ver a coisa inteira. Muito em breve, no entanto, tudo isso vai mudar.”

“Quinta-feira”, disse Sunny.

“Exatamente”, disse Dewey, sorrindo para a mais jovem dos Baudelaire. “Finalmente, depois de tanto tempo, todas as pessoas nobres estarão reunidas, com todas as pesquisas que conduziram, todas as observações que fizeram, todas as evidências que coletaram e todos os livros que leram. Assim como o catálogo de uma biblioteca pode dizer onde está localizado um determinado livro, esse catálogo pode dizer qual a localização e o comportamento de cada voluntário e de cada vilão.” Ele fez um gesto para o hotel. “Durante anos”, disse ele, “enquanto as pessoas nobres perambulavam pelo mundo observando traições, minha camarada e eu ficamos bem aqui, reunindo todas as informações. Copiamos cada anotação de cada livro de lugar-comum de cada voluntário, e compilamos tudo em um catálogo. Ocasionalmente, quando voluntários foram perdidos ou lugares seguros foram destruídos, tivemos de ir nós mesmos coletar as informações que foram deixadas para trás. Recuperamos os arquivos de Josephine Anwhistle do Lago Lacrimoso e copiamos cuidadosamente o seu conteúdo. Colamos os fragmentos queimados da biblioteca de arquivos de Madame Lulu e tomamos nota do que encontramos. Revistamos o lar de infância do homem com barba mas sem cabelo, e entrevistamos o professor de matemática da mulher com cabelo mas sem barba. Memorizamos arquivos importantes nas pilhas de jornais em Paltryville e jogamos itens importantes pelas janelas da nossa sede de operações destruída, para que pudessem parar em algum lugar seguro no mar. Pegamos cada crime, cada roubo, cada feito perverso e cada incidente de descortesia desde que começou a cisão, e os catalogamos em toda uma biblioteca de desventuras. Mais cedo ou mais tarde, cada segredo crucial acaba indo parar no meu

catálogo. Esta tem sido a obra da minha vida. Não foi uma vida fácil, mas foi uma vida informativa."

"Você *é* mais que um voluntário", disse Violet. "Você é um bibliotecário."

"Sou mais um sub-sub-bibliotecário", disse Dewey modestamente. "É assim que os seus pais costumavam me chamar, pois o meu trabalho de bibliotecário foi em grande parte clandestino e subterrâneo. Todos os vilões do mundo gostariam de destruir essas evidências, portanto foi necessário ocultar a obra da minha vida."

"Mas onde você poderia ocultar algo tão enorme?", disse Klaus. "Seria como esconder um elefante. Um catálogo assim imenso teria de ser tão grande quanto o próprio hotel."

"Ele é", disse Dewey, com uma expressão marota. "De fato, é *exatamente* tão grande quanto o próprio hotel."

Violet e Klaus desviaram o olhar de Dewey para se entreolhar confusos, mas Sunny não estava olhando nem para o sub-sub-bibliotecário, nem para os seus irmãos, mas para baixo, para a superfície escura da lagoa. "A-rá!", disse ela, apontando um dedinho enluvado para a água calma e quieta.

"Exatamente", disse Dewey. "A verdade estava bem debaixo do nariz de todo mundo, caso alguém se desse ao trabalho de olhar além da superfície. Tanto voluntários como vilões sabem que o último lugar seguro é o Hotel Desenlace, mas ninguém jamais questionou por que a placa foi escrita de trás para diante. Eles estão hospedados no "HOTEL DESENLACE", enquanto o *verdadeiro* último lugar seguro — o catálogo — está escondido em segurança no fundo da lagoa, em recintos subaquáticos organizados como uma imagem de espelho do próprio hotel. Nossos inimigos podem queimar o edifício inteiro até o chão, mas os segredos mais importantes estarão seguros."

"Mas se a localização do catálogo é um segredo tão importante", disse Violet, "por que está nos contando?"

"Porque vocês deviam saber", disse Dewey. "Vocês vagaram pelo mundo observando mais vilanias e reunindo mais evidências do que a maioria das pessoas em uma vida inteira. Tenho certeza de que as observações e evidências que vocês reuniram no seu livro de lugar-comum serão uma contribuição valiosa para o catálogo. Quem melhor que vocês

para guardar os segredos mais importantes do mundo?" Ele olhou para a lagoa, e então para os órfãos, um de cada vez. "Depois de quinta-feira", continuou, "vocês não precisarão mais ser uma nau sem rumo no meio do oceano, irmãos Baudelaire." As crianças sabiam que com a expressão "nau sem rumo no meio do oceano" ele queria dizer "perdidas e confusas", e aquelas palavras lhes trouxeram lágrimas aos olhos. "Espero que vocês decidam fazer deste lugar o seu lar permanente. Preciso de alguém com imaginação inventiva que possa aperfeiçoar o projeto aquático do catálogo. Preciso de alguém com o tipo de habilidade para pesquisa que possa expandir o catálogo até transformá-lo no melhor do mundo. E, naturalmente, vamos precisar comer, e já ouvi maravilhas sobre a culinária de Sunny."

"Efharisto", disse Sunny modestamente.

"As refeições de Hal são atrozes", disse Dewey com um sorriso tristonho. "Não sei por que ele insistiu em abrir o seu restaurante na Sala 954, quando há tantas outras adequadas à disposição. Comida ruim, qualquer que seja o estilo, é desagradável; mas comida indiana ruim é possivelmente a pior."

"Hal é um voluntário?", perguntou Klaus, lembrando-se do que Sunny observara durante as suas incumbências como *concierge.*

"Digamos assim", disse Dewey, usando uma expressão que aqui significa "uma espécie de". "Depois do incêndio que destruiu o Hospital Heimlich, minha camarada chegou à cena do crime para catalogar qualquer informação que pudesse ter sobrevivido. Ela encontrou Hal em uma condição muito agitada. Sua Biblioteca de Registros estava em ruínas, e ele não tinha onde morar. Ela ofereceu-lhe uma posição no Hotel Desenlace, onde ele poderia ajudar-nos em nossas pesquisas e aprender a cozinhar. Infelizmente ele só é bom em uma dessas coisas."

"E quanto a Charles?", perguntou Violet, lembrando-se do que Klaus havia observado durante as suas incumbências.

"Charles andou procurando por vocês desde que deixaram a serraria", disse Dewey. "Ele se preocupa com vocês, jovens Baudelaire, a despeito do comportamento egoísta e pavoroso do seu sócio. Vocês já viram o seu quinhão de pessoas perversas, jovens Baudelaire, mas também já viram o seu quinhão de pessoas tão nobres quanto vocês."

“Não estou tão certo assim de que *sejamos* nobres”, disse Klaus devagarinho, folheando as páginas do seu livro de lugar-comum. “Nós causamos aqueles acidentes na serraria. Somos responsáveis pela destruição do hospital. Ajudamos a provocar o incêndio que destruiu a biblioteca de arquivos de Madame Lulu. Nós...”

“Já basta”, interrompeu Dewey com delicadeza, pondo uma das mãos sobre o ombro de Klaus. “Vocês são suficientemente nobres, irmãos Baudelaire. E isso é tudo o que podemos pedir neste mundo.”

O Baudelaire do meio deixou pender a cabeça, ficando assim encostado no sub-sub-bibliotecário, e suas irmãs se agarraram a ele, e os quatro voluntários se mantiveram em silêncio por um momento, parados no escuro. Lágrimas caíam dos olhos dos órfãos — todos os quatro — e, como acontece com muitas lágrimas derramadas durante a noite, eles não teriam sido capazes de dizer exatamente por que estavam chorando, muito embora eu saiba por que estou chorando enquanto escrevo isto, e não é por causa das cebolas que alguém está cortando no cômodo ao lado, ou por causa do lastimável *curry* que ele pretende fazer com elas. Estou chorando porque Dewey Dénouement estava errado. Ele não estava errado quando disse que os Baudelaire eram suficientemente nobres, muito embora eu acredite que muitas pessoas poderiam considerar esse ponto discutível, se estivessem sentadas juntas em um quarto com um baralho ou alguma coisa boa para ler. Dewey estava errado quando disse que ser suficientemente nobre é tudo o que podemos pedir neste mundo, pois podemos pedir muito mais do que isso. Podemos pedir uma segunda fatia de bolo, apesar de alguém ter deixado muito claro que não vamos ganhar nenhuma. Podemos pedir um novo estojo de aquarela, apesar de saber que nos dirão que nem chegamos a usar o velho e que todas as tintas secaram, transformando-se em uma coisa farelenta. Podemos pedir peixes lutadores japoneses para nos fazer companhia no nosso quarto, e podemos pedir uma câmera especial que nos permita tirar fotografias até no escuro, por razões óbvias, e podemos pedir mais um torrão de açúcar no nosso café-da-manhã, e um travesseiro extra nas nossas camas à noite. Podemos pedir justiça, e podemos pedir um lenço, e podemos pedir bolinhos, e podemos pedir a todos os soldados do mundo que deponham suas armas e juntem-se a nós em um coro comovedor de “Cry me a river”, se essa por acaso for a sua canção favorita.

Mas também podemos pedir uma coisa que teremos muito mais probabilidade de conseguir, que é encontrar uma ou duas pessoas em algum lugar durante as nossas viagens que nos digam que somos suficientemente nobres, seja isso verdade ou não. Podemos pedir que alguém diga "Você é suficientemente nobre" e nos lembre das nossas boas qualidades quando já as esquecemos, ou as colocamos em dúvida. A maior parte de nós tem pais e amigos que nos dizem essas coisas depois que perdemos um torneio de frescobol ou fracassamos em capturar um notório falsário que descobrimos a bordo de uma certa lancha. Mas os órfãos Baudelaire, é claro, não tinham pais vivos, e seus amigos mais próximos estavam bem alto no céu, em uma casa móvel auto-sustentável a ar quente, lutando contra águias e um terrível capanga que tinha ganchos no lugar de mãos, portanto travar conhecimento com Dewey Dénouement, e com as palavras confortadoras que ele pronunciou, fora uma bênção. Os Baudelaire estavam ao lado do sub-sub-bibliotecário, gratos por essa bênção, quando o som de um automóvel que se aproximava chamou sua atenção. Eles olharam e constataram que um táxi trazia mais duas bênçãos, e ficaram gratos mais uma vez.

"Baudelaire!", exclamou uma voz familiar.

"Baudelaire!", exclamou outra voz.

Através da escuridão, os irmãos olharam para os dois vultos que emergiam do táxi, mal acreditando em seus olhos. Eles estavam usando estranhos óculos feitos de dois grandes cones, presos por um emaranhado de cordão enrolado no topo da cabeça. Tais óculos poderiam ter escondido a identidade daqueles que os usavam, mas os Baudelaire não tiveram problema em reconhecer as pessoas que vinham apressadas em sua direção, muito embora não as vissem há muito, muito tempo, e achassem que nunca mais as veriam.

"Juíza Strauss!", exclamou Violet.

"Jerome Squalor!", exclamou Klaus.

"J.S.!", exclamou Sunny.

"Estou tão feliz por encontrá-los", disse a juíza, removendo os seus Colimadores Simplificados de Clarificação para poder enxugar os olhos e abraçar as crianças uma por uma. "Estava com medo de nunca ver vocês de novo. Jamais vou me perdoar por ter deixado aquele banqueiro idiota afastá-los de mim."

“E eu jamais vou me perdoar”, disse Jerome, que tivera a infelicidade de estar casado com Esmé Squalor, “por ter me afastado de vocês, crianças. Receio não ter sido um tutor muito bom.”

“E eu receio não ter sido de fato uma tutora”, disse a juíza Strauss. “Assim que vocês foram levados naquele automóvel, eu soube que tinha feito a coisa errada, e quando ouvi as assustadoras notícias sobre o dr. Montgomery comecei a procurá-los. Finalmente encontrei outras pessoas que também estavam tentando lutar contra os vilões malignos deste mundo, mas sempre tive esperanças de encontrá-los eu mesma, nem que fosse apenas para dizer o quanto estava arrependida.”

“Eu também estou arrependido”, disse Jerome. “Assim que ouvi falar de todos os infortúnios que recaíram sobre vocês na cidade dos Cultores Solidários de Corvídeos, dei início à minha própria busca pelos Baudelaire. Voluntários deixavam mensagens para mim por toda parte — pelo menos, eu achava que as mensagens eram dirigidas a mim.”

“E eu achava que eram dirigidas *a mim*”, disse a juíza Strauss. “Certamente existe uma grande quantidade de pessoas com as iniciais J.S.”

“Eu comecei a me sentir um impostor”, disse Jerome.

“Vocês não são impostores”, disse Dewey. “Vocês são voluntários.” Ele se voltou para os Baudelaire. “Essas duas pessoas nos ajudaram incomensuravelmente”, disse ele, usando uma palavra que aqui significa “de montão”. “A juíza Strauss tinha relatado as minúcias do seu caso aos outros juizes da Corte Suprema. E Jerome Squalor fez uma pesquisa crítica sobre a injustiça.”

“Fui influenciado por minha mulher”, confessou Jerome, removendo os seus Colimadores Simplificados de Clarificação. “Onde quer que eu procurasse por vocês, Baudelaire, encontrava esquemas egoístas para roubar sua fortuna. Devorei livros sobre injustiça em todas as bibliotecas que vocês deixaram para trás e por fim escrevi um livro eu mesmo. *A odiosa avidez pelas finanças* narra a história de vilões gananciosos, namoradas pérfidas, banqueiros incompetentes, e todas as outras pessoas responsáveis por injustiças.”

“Não importa o que façamos”, disse a juíza Strauss, “não podemos apagar o mal que fizemos a vocês, irmãos Baudelaire.”

“Ela tem razão”, disse Jerome Squalor. “Nós devíamos ter sido tão nobres quanto vocês.”

“Vocês são suficientemente nobres”, disse Violet, e seus irmãos concordaram com a cabeça, enquanto a juíza e o perito em injustiça os abraçavam de novo. Depois que alguém nos desapontou, como a juíza Strauss e Jerome Squalor desapontaram os Baudelaire, muitas vezes fica difícil continuar com as relações, mesmo que o desapontador tenha feito coisas nobres nesse meio-tempo. Alguns dizem que devemos perdoar a todos, até mesmo pessoas que nos desapontaram incomensuravelmente. Outros dizem que não devemos perdoar ninguém, e devemos nos retirar ofendidos, batendo os pés, não importa quantas vezes peçam desculpas. Dessas duas filosofias, a segunda, é claro, é muito mais divertida, mas retirar-se ofendido batendo os pés a cada vez que alguém nos desaponta pode acabar se tornando exaustivo, pois todo mundo desaponta todo mundo ocasionalmente, e não é possível retirar-se ofendido batendo os pés em todos os minutos do dia. Quando os Baudelaire pensaram no mal que cada J.S. lhes tinha feito, foi como se eles tivessem se machucado um bom tempo atrás, um machucado que já tinha quase desaparecido mas que ainda doía quando se tocava nele, e quando tocaram no machucado tiveram vontade de retirar-se ofendidos batendo os pés. Naquela noite, porém — ou, mais apropriadamente, bem cedo naquela manhã de quarta-feira —, os irmãos não queriam retirar-se ofendidos para dentro do hotel, onde tantas pessoas malfazejas estavam reunidas, ou para dentro da lagoa, que provavelmente estava muito fria e pegajosa àquela hora da noite. Eles queriam perdoar aqueles dois adultos, e abraçá-los, a despeito da sua decepção.

“Não que eu queira interromper todos esses abraços”, disse Dewey, “mas temos trabalho a fazer, voluntários. Como um dos primeiros voluntários disse muito tempo atrás, 'Embora garotos valentões joguem pedras nas rãs de brincadeira, as rãs não morrem de brincadeira, e sim pra valer'.”

“Por falar em rãs”, disse a juíza Strauss, “receio ter de relatar que não conseguimos ver coisa nenhuma do outro lado da lagoa. Esses Colimadores Simplificados de Clarificação funcionam bem durante o dia, mas olhar através de óculos de sol especiais depois do pôr-do-sol torna tudo tão tenebroso quanto um corvo voando em noite escura como breu — o que é precisamente o que estamos procurando.”

“A juíza Strauss tem razão”, disse Jerome tristemente. “Não pudemos conferir a chegada dos corvos, nem se a sua jornada foi interrompida.”

“Não conseguimos ver se um só corvo que seja caiu na armadilha”, disse a juíza, “nem se o açucareiro caiu no respiro.”

“Respiro?”, repetiu Dewey.

“Sim”, disse a juíza Strauss. “Você nos disse que, se os nossos inimigos abatessem os corvos, eles cairiam no papel pega-pássaros.”

“E se os corvos caíram no papel pega-pássaros”, continuou Jerome, “então o açucareiro deve ter caído dentro da lavanderia, certo?

Dewey olhou com um ar matreiro para o respiro fumegante e depois para a superfície da lagoa.

“É o que poderia parecer”, disse ele. “A captura do açucareiro por nossos inimigos seria tão perturbadora quanto a captura do Mycelium Medusóide.”

“Então você já sabe do plano para abater os corvos e capturar o açucareiro?”, disse Violet, incrédula.

“Sim”, disse Dewey. “A juíza Strauss ficou sabendo que o lançador de arpões foi levado para o salão de bronzeamento da cobertura. Jerome notou que havia papel pega-pássaros pendurado do lado de fora da janela da sauna, na Sala 613. E eu mesmo entreguei a fechadura a Sunny, para que ela pudesse trancar a lavanderia, na Sala 025.”

“Você está a par de todas as pessoas vilanescas que estão à espreita no hotel?”, perguntou Klaus, igualmente incrédulo.

“Sim”, disse a juíza Strauss. “Nós observamos manchas circulares em toda a mobília de madeira, deixadas por pessoas que se recusam a usar os descansos para copos. Obviamente há muitos vilões hospedados no hotel.”

“Mycelium?”, perguntou Sunny, talvez com um só toque de incredulidade a mais que os seus irmãos.

“Sim”, disse Jerome. “Ficamos sabendo que Olaf conseguiu adquirir alguns esporos hermeticamente fechados em um capacete de mergulho.”

Os Baudelaire olharam para o livro de lugar-comum nas mãos de Klaus, e depois de volta para o sub-sub-bibliotecário.

“Acho que nossas observações e evidências não são contribuições tão valiosas assim, afinal”, disse Violet. “Todos os mistérios que encontramos no hotel já foram resolvidos.”

“Isso não importa, jovens Baudelaire”, disse Jerome. “Olaf não se atreverá a liberar o Mycelium Medusóide a não ser que ponha as mãos no açucareiro, e ele jamais o encontrará.”

“Eu sou o único que conhece as palavras que irão destrancar a porta de Cerramento Supravernacular Complexo”, disse Dewey, conduzindo as crianças de volta à entrada do hotel, “e não existe uma só pessoa vilanesca sobre a terra que tenha lido o bastante para adivinhá-las antes de quinta-feira. Até lá, todos os voluntários irão apresentar a pesquisa que fizeram sobre o conde Olaf e seus associados à promotoria, e toda a perfídia finalmente acabará.”

“Jerome Squalor será uma testemunha importante”, disse a juíza Strauss. “Sua história abrangente da injustiça ajudará a Corte Suprema a chegar a um veredicto.”

“Promotoria?”, perguntou Violet.

“Testemunha?”, perguntou Klaus.

“Veredicto?”, disse Sunny.

Os três adultos sorriram um para o outro, e depois para os Baudelaire.

“É o que estávamos tentando contar a vocês”, disse Dewey gentilmente. “C.S.C. pesquisou todo um catálogo das perfídias de Olaf. Na quinta-feira, a juíza Strauss e os outros juizes da Corte Suprema ouvirão todos e cada um dos nossos voluntários. O conde Olaf, Esmé Squalor e todas as outras pessoas vilanescas aqui reunidas serão finalmente levados à justiça.”

“Vocês nunca mais terão de se esconder de Olaf”, disse Jerome, “nem de se preocupar com a possibilidade de alguém roubar a sua fortuna.”

“Só temos de aguardar até amanhã, jovens Baudelaire”, disse a juíza Strauss, “e os seus problemas afinal acabarão.”

“É como a minha camarada sempre diz”, completou Dewey. “O bem temporariamente derrotado é mais forte que o mal triunfante.”

Nadabom! A batida do relógio anunciou que era uma hora da manhã e, sem mais palavra, Dewey tomou a mão de Violet, a juíza Strauss tomou a de Klaus, e Jerome Squalor inclinou-se e tomou a mão de Sunny, e os três adultos acompanharam os três órfãos escada acima rumo à entrada do hotel, passando pelo táxi que ainda estava lá parado, o motor ronronando, a figura do motorista apenas uma sombra na janela. Os três adultos sorriram para as crianças, e as crianças sorriram de volta, mas é claro que os Baudelaire não

tinham nascido ontem, uma expressão que significa que “não eram jovens e inocentes o bastante para acreditar em coisas que certas pessoas dizem a respeito do mundo”. Se os Baudelaire tivessem nascido ontem, talvez fossem inocentes o bastante para acreditar que todos os seus problemas estavam realmente prestes a acabar, que o conde Olaf e todos os seus pérfidos associados iriam ser julgados pela Corte Suprema e condenados à punição apropriada pelos seus feitos ignóbeis, e que as crianças iriam passar o resto dos seus dias trabalhando com Dewey Dénouement em seu enorme catálogo subaquático, se apenas aguardassem até amanhã. Mas os três irmãos não tinham nascido ontem. Violet tinha nascido mais de quinze anos antes daquela quarta-feira em particular, e Klaus tinha nascido aproximadamente dois anos depois dela, e até Sunny, recém-saída da primeira infância, não tinha nascido ontem. E nem você, a não ser, é claro, que eu esteja errado, e neste caso seja bem-vindo ao mundo, bebezinho, e parabéns por ter aprendido a ler tão cedo na vida. Mas se você não nasceu ontem, e se você leu alguma coisa sobre a vida das crianças Baudelaire, então não pode se surpreender com o fato de que esse momento feliz foi quase imediatamente interrompido pelo aparecimento de uma pessoa extremamente indesejável, na hora em que as crianças, através da névoa de vapor proveniente do respiro da lavanderia, cruzavam a entrada do Hotel Desenlace e enquanto o único *Nadabom!* desaparecia no nada. Essa pessoa estava em pé no meio do saguão, seu corpo alto e magro curvado em uma pose teatral como se estivesse esperando os aplausos de uma multidão, e você não se surpreenderia com a tatuagem em seu tornozelo, vista pelas crianças através de um buraco na meia, mesmo à luz pálida do recinto. Você provavelmente não nasceu ontem, portanto não se surpreenderia ao descobrir que esse notório vilão reaparecia na vida dos Baudelaire pela penúltima vez, e os Baudelaire também não nasceram ontem, portanto também não se surpreenderam. Eles não nasceram ontem, mas quando o conde Olaf se voltou para encará-los, e olhou para eles com os seus olhos muito, muito brilhantes, os órfãos Baudelaire desejaram não ter nascido.





CAPÍTULO NOVE

“Rá!”, berrou o conde Olaf, apontando um dedo ossudo para os órfãos Baudelaire, e as crianças ficaram gratas por pequenas bênçãos. Uma pequena bênção é simplesmente uma coisinha pequena que deu certo em um mundo que deu errado, como um raminho de salsa deliciosa ao lado de um sanduíche de atum estragado, ou um adorável dente-de-leão em um jardim que está sendo devorado por bodes malvados.

Uma pequena bênção, como um pequeno mata-moscas, provavelmente não será de nenhuma serventia real; não obstante, os três irmãos, mesmo horrorizados e enojados por ver Olaf novamente, estavam gratos pela pequena bênção de o vilão ter aparentemente perdido o interesse em sua nova risada. Na última vez em que os Baudelaire o viram, ele estava a bordo de um estranho submarino em forma de polvo e tinha desenvolvido uma risada que era igualmente estranha, cheia de fungadelas e guinchos, e palavras que por acaso começavam com a letra H. Mas, enquanto o vilão marchava na direção das crianças e dos adultos que lhes seguravam a mão, ficou claro que ele adotara um estilo de riso sucinto, uma palavra que aqui significa “somente a palavra 'rá'“. “Rá!”, ele gritou. “Eu sabia que ia encontrar vocês, órfãos, de novo! Rá! E agora vocês estão nas minhas garras! Rá!”

“Nós não estamos nas suas garras”, disse Violet. “Apenas aconteceu de estarmos no mesmo recinto.”

“Isso é o que você pensa, órfã”, escarneceu ele. “Receio que o homem que está segurando a sua mão seja um dos meus associados. Entregue-a para mim, Ernest. Rá!”

“Rá para você também, Olaf”, disse Dewey Dénouement. Sua voz era firme e confiante, mas Violet sentiu a mão dele tremer na sua. “Não sou Ernest, e não vou entregá-la!”

“Bem, então entregue-a, Frank!”, disse Olaf. “Você devia pensar em pentear o seu cabelo de um jeito diferente, para que eu pudesse distingui-

lo.”

“Também não sou Frank”, disse Dewey.

“Você não pode me enganar!”, rosnou o conde Olaf. “Não nasci ontem, você sabe! Você é um daqueles gêmeos idiotas! É claro que eu sei disso! Graças a mim, vocês dois são os únicos sobreviventes de toda a família!”

“Trigêmeos estão no sangue da minha família”, disse Dewey, “e não gêmeos. Sou Dewey Dénouement.”

Com isso, a sobrancelha única do conde Olaf ergueu-se de espanto.

“Dewey Dénouement”, murmurou ele. “Então você é uma pessoa real! Eu sempre achei que você fosse uma figura lendária, como unicórnios ou Giuseppe Verdi.”

“Giuseppe Verdi não é uma figura lendária”, disse Klaus, indignado. “É um compositor operístico!”

“Silêncio, traça-dos-livros!”, ordenou Olaf. “Crianças não devem falar quando adultos estão discutindo! Entreguem os órfãos, adultos!”

“Ninguém vai entregar os Baudelaire!”, disse a juíza Strauss, apertando a mão de Klaus. “Você não tem direitos legais sobre eles, nem sobre a fortuna deles!”

“Você não pode simplesmente agarrar crianças como se fossem frutas numa fruteira!”, exclamou Jerome Squalor. “É injustiça, e não vamos tolerar isso!

“É melhor vocês se cuidarem”, disse o conde Olaf estreitando os olhos brilhantes. “Tenho associados à espreita por toda parte neste hotel.”

“Nós também”, disse Dewey. “Muitos voluntários chegaram cedo, e em poucas horas as ruas serão invadidas por táxis que trarão pessoas nobres aqui para este hotel.”

“Como você pode ter certeza de que são pessoas nobres?”, perguntou o conde Olaf. “Um táxi pode pegar qualquer um que lhe faça sinal.”

“Essas pessoas são nossas associadas”, disse Dewey com veemência. “Elas não vão nos desapontar.”

“Rá!”, disse o conde Olaf. “Não se pode confiar em associados. Meus camaradas me desapontaram mais vezes do que sou capaz de contar. Ora, Ganchinho e Fiona me traíram ainda ontem, e deixaram vocês pirralhos escapar! Então me traíram de novo e roubaram o meu submarino!”

“Nós podemos confiar em nossos amigos”, disse Violet mansamente, “mais do que você pode confiar nos seus.”

“É mesmo?”, perguntou Olaf e inclinou-se para as crianças com um sorriso voraz. “Vocês não aprenderam nada depois de todas as suas aventuras?”, insistiu ele. “Todas as pessoas nobres desapontaram vocês, órfãos Baudelaire. Ora, vejam só os idiotas ao seu lado! Uma juíza que permitiu que eu me casasse com você, um homem que desistiu de vocês por completo, e um sub-sub-bibliotecário que passa a vida se esgueirando por aí, preocupado em fazer anotações. Dificilmente poderíamos chamá-los de um bando de gente nobre.”

“Charles, da Serraria Alto Astral, está aqui”, disse Klaus. “Ele se preocupa conosco.”

“Senhor está aqui”, retorquiu Olaf. “Ele não se preocupa. Rá!”

“Hal”, disse Sunny.

“Vice-diretor Nero e sr. Remora”, replicou Olaf, contando cada pessoa detestável nos seus dedos imundos. “E aquela reporterzinha irritante d'*O Pundonor Diário,* que está aqui para escrever matérias bobas elogiando o meu coquetel. E o ridículo senhor Poe, que chegou horas atrás para investigar um assalto a banco. Rá!”

“Essas pessoas não contam”, disse Klaus. “Não são suas associadas.”

“Poderiam bem ser”, replicou o conde Olaf. “Foram de enorme ajuda. E, a cada segundo, mais associados meus vão chegando cada vez mais perto.”

“Nossos amigos também”, disse Violet. “Eles estão voando através do oceano enquanto falamos, e até amanhã a casa móvel auto-sustentável a ar quente deles irá pousar na cobertura.”

“Somente se eles conseguiram sobreviver às minhas águias”, disse o conde Olaf com um grunhido.

“Vão sobreviver”, disse Klaus. “Exatamente como nós sobrevivemos a você.”

“E como vocês sobreviveram a mim?”, perguntou Olaf. “O *Pundonor Diário* está repleto dos seus crimes. Vocês mentiram para as pessoas. Vocês roubaram. Vocês abandonaram pessoas em perigo. Vocês provocaram incêndios. Por vezes seguidas vocês dependeram de traições para sobreviver, exatamente como todo mundo. Não existem pessoas verdadeiramente nobres.”

“Nossos pais”, disse Sunny, enfática.

O conde Olaf pareceu surpreso por Sunny ter falado, e então lançou aos três Baudelaire um sorriso que os fez estremecer.

“Acho que o sub-sub-bibliotecário não contou a vocês a história de seus pais”, disse ele, “e uma caixa de dardos envenenados. Por que não perguntam a ele, órfãos? Por que não perguntam a esse bibliotecário legendário sobre aquela noite fatídica na ópera?”

Os Baudelaire viraram-se para Dewey, que começara a corar. Mas, antes que eles pudessem lhe perguntar qualquer coisa, foram interrompidos por uma voz vinda de um par de portas deslizantes que se abriram silenciosamente.

“Não lhe perguntem isso”, disse Esmé Squalor. “Tenho uma pergunta muito mais importante.”

Com uma risada zombeteira, a pérfida namorada emergiu do elevador, as sandálias prateadas batendo pesadamente no chão e as folhas de alface farfalhando contra sua pele. Atrás dela vinha Carmelita Spats, que vestia sua roupa de jogador de futebol caubói super-herói e soldado pirata e carregava o lançador de arpões que Violet lhe entregara; atrás dela mais três pessoas emergiram do elevador. Primeiro veio o atendente do salão de bronzeamento da cobertura, ainda usando óculos de sol verdes e um roupão comprido e largo demais. Logo depois, a química misteriosa que estava do lado de fora da sauna, usando um jaleco branco comprido e uma máscara cirúrgica; a última pessoa a sair do elevador foi a lavadeira da lavanderia, com longos cabelos loiros e roupas amarrotadas. Os Baudelaire reconheceram essas pessoas de suas observações *como flâneurs,* mas então o atendente tirou o roupão e revelou suas costas, e ele tinha uma pequena corcova no ombro; a química tirou a máscara cirúrgica, não com uma das mãos, mas com um dos pés; e a lavadeira se desfez da longa peruca loira com ambas as mãos exatamente ao mesmo tempo, e os três irmãos reconheceram os três asseclas mais uma vez.

“Hugo!”, exclamou Violet.

“Colette!”, exclamou Klaus.

“Kevin!”, exclamou Sunny.

“Esmé!”, exclamou Jerome.

“Por que ninguém exclama o meu nome?”, perguntou Carmelita, batendo contra o chão uma das suas brilhantes botas azuis. Ela avançou

empertigada para Violet, que observou que na arma faltavam dois dos quatro longos e afiados arpões. Esse tipo de observação pode ser importante para *um flâneur,* mas é assustador para qualquer leitor deste livro, que provavelmente não quer saber onde irão parar os arpões remanescentes. "Eu sou um jogador de futebol caubói super-herói e soldado pirata", tripudiou ela para a mais velha dos Baudelaire, "e você não passa de uma bisbórria. Exclame o meu nome, senão eu atiro em você com este lançador de arpões!

"Carmelita!", disse Esmé, sua boca prateada se contorcendo numa expressão de choque. "Não aponte essa arma para Violet!"

"Esmé tem razão", disse o conde Olaf. "Não desperdice os arpões. Podemos precisar deles."

"Sim!", exclamou Esmé. "Sempre há trabalho importante a fazer antes de um coquetel, especialmente se você quer que ele seja o mais *in* do mundo! Precisamos pôr capas nos sofás e esconder os nossos associados embaixo delas! Precisamos pôr vasos de flores sobre o piano e enguias elétricas na fonte! Precisamos pendurar no teto bandeirolas e voluntários! Precisamos pôr música para que as pessoas possam dançar, e bloquear as saídas para que elas não possam sair! E mais do que tudo, temos de cozinhar comida *in* e preparar coquetéis *in*! Comes e bebes são o aspecto mais importante de todas as ocasiões sociais, e nossas receitas *in..."*

"O aspecto mais importante de todas as ocasiões sociais não são os comes e bebes!", interrompeu Dewey, indignado. "É a conversa!"

"Você é quem devia fugir!", disse a juíza Strauss. "O seu coquetel será cancelado, devido ao fato de o anfitrião e a anfitriã estarem sendo levados à justiça na Corte Suprema!"

"Você continua tão tola como quando éramos vizinhos", disse o conde Olaf. "A Corte Suprema não pode nos deter. C.S.C. não pode nos deter. Escondido em algum lugar neste hotel está um dos cogumelos mais mortíferos de todo o mundo. Quando chegar a quinta-feira, o cogumelo sairá do seu esconderijo e destruirá todos os que tocarem nele! Por fim estarei livre para roubar a fortuna dos Baudelaire e realizar qualquer outro ato pérfido que me venha à cabeça!"

"Você não se atreverá a liberar o Mycelium Medusóide", disse Dewey. "Não enquanto eu estiver com o açucareiro."

"Engraçado você mencionar o açucareiro", disse Esmé Squalor, muito embora os Baudelaire pudessem ver que ela não achava aquilo nem um

pouco engraçado. “É exatamente sobre ele que queríamos perguntar.”

“O açucareiro?”, perguntou o conde Olaf com os olhos brilhando muito. “Onde está ele?”

“As aberrações lhe dirão”, disse Esmé.

“É verdade, patrão”, disse Hugo. “Posso ser apenas um corcunda, mas vi Carmelita abater os corvos usando o lançador de arpões que Violet levou para ela.”

A juíza Strauss voltou-se para Violet, atônita.

“Você entregou o lançador de arpões a Carmelita?”, ela perguntou ofegante.

“Bem, sim”, disse Violet. “Eu tinha de desempenhar incumbências de *concierge* como parte do meu disfarce.”

“O lançador de arpões deveria ser mantido longe dos vilões”, disse a juíza, “e não entregue a eles. Por que Frank não a deteve?”

Violet lembrou-se de sua insondável conversa com Frank.

“Acho que ele tentou”, disse ela mansamente, “mas eu tinha de levar o lançador de arpões para a cobertura. O que mais poderia fazer?”

“Eu acertei dois corvos!”, bravateou Carmelita Spats. “Isso quer dizer que o condinho vai ter de me ensinar a cuspir como um verdadeiro jogador de futebol caubói super-herói e soldado pirata!”

“Não se preocupe, querida”, disse Esmé. “Ele vai ensinar. Não vai, Olaf?”

O conde Olaf suspirou, como se tivesse coisas melhores para fazer em vez de ensinar uma menininha a propelir saliva pela boca.

“Sim, Carmelita”, disse ele. “Eu vou ensiná-la a cuspir.”

Colette veio para o centro do palco, uma expressão que aqui significa “deu um passo à frente e contorceu o corpo de uma forma inusitada”. “Até mesmo uma contorcionista como eu”, disse ela, a boca se mexendo embaixo do cotovelo, “pôde ver o que aconteceu quando Carmelita atirou nos corvos. Eles caíram diretamente no papel pega-pássaros que Klaus dependurou do lado de fora da janela.”

“*Você* dependurou o papel pega-pássaros do lado de fora da janela?”, Jerome perguntou ao Baudelaire do meio.

“Ernest mandou fazer isso”, disse Klaus, finalmente se dando conta de qual gerente falara com ele na sauna. “Tive de obedecer, como parte do meu disfarce.”

“Você não pode simplesmente fazer o que qualquer um lhe diz para fazer”, disse Jerome.

“O que mais poderia fazer?”, disse Klaus.

“Quando os corvos atingiram o papel pega-pássaros”, disse Kevin, gesticulando com uma das mãos e depois com a outra, “eles deixaram cair o açucareiro. Não vi onde ele foi parar, nem com o olho direito nem com o esquerdo, e me entristece dizer que ambos são igualmente fortes. Mas vi Sunny transformar a porta da lavanderia em uma porta de Cerramento Supravernacular Complexo.”

“A-rá!”, exclamou o conde Olaf. “O açucareiro deve ter caído dentro do respiro!”

“Ainda não vejo por que tive de me disfarçar de lavadeira”, disse Kevin timidamente. “Eu poderia ter sido simplesmente um lavadeiro, sem ter de usar esta peruca humilhante.”

“Ou poderia ter sido uma pessoa nobre”, Violet não pôde deixar de acrescentar, “em vez de espionar um valente voluntário.”

“O que mais poderia fazer?”, perguntou Kevin, encolhendo ambos os ombros de modo exatamente igual.

“Você poderia ser um voluntário”, disse Klaus, olhando para todos os seus antigos colegas do parque de diversões. “Todos vocês poderiam estar conosco agora, em vez de ajudar o conde Olaf.”

“Eu jamais poderia ser uma pessoa nobre”, disse Hugo tristemente. “Tenho uma corcunda nas costas.”

“E eu sou uma contorcionista”, disse Colette. “Alguém que pode vergar o corpo em formas inusitadas jamais poderia ser um voluntário.”

“C.S.C. jamais aceitaria uma pessoa ambidestra”, disse Kevin. “E meu destino ser uma pessoa pérfida.”

“Galimatias!”, exclamou Sunny.

“Bobagem!”, disse Dewey, que entendera imediatamente o que Sunny tinha dito. “Eu mesmo sou ambidestra e consegui fazer algo que preste na vida. Ser pérfido não é o seu destino! É a sua escolha!”

“Fico feliz por você sentir-se assim”, disse Esmé Squalor. “Você tem uma escolha neste exato momento, Frank. Diga-me onde está o açucareiro, senão...!”

“Isto não é uma escolha”, disse Dewey, “e eu não sou Frank.”

Esmé fechou uma carranca.

“Então você tem uma escolha neste exato momento, Ernest. Diga-me onde está o açucareiro, senão...!”

“Dewey”, disse Sunny.

Esmé piscou para a mais jovem dos Baudelaire, que notou que os cílios da vilanesca mulher também tinham sido pintados de prateado.

“O quê?”, perguntou ela.

“É verdade”, disse Olaf. “Ele é o verdadeiro sub-sub. Tudo indica que ele não é legendário, como Verdi.”

“É mesmo?”, disse Esmé Squalor. “Então alguém andou realmente catalogando tudo o que aconteceu conosco?”

“Foi a obra da minha vida”, disse Dewey. “Mais cedo ou mais tarde, todo segredo crucial acaba indo parar no meu catálogo.”

“Então você sabe tudo a respeito do açucareiro”, disse Esmé, “e do que está dentro dele. Você sabe como aquela coisa era importante, e quantas vidas foram perdidas na missão de achá-lo. Você sabe como foi difícil encontrar um recipiente que pudesse contê-lo de modo a protegê-lo e a mantê-lo seguro e atraente. Você sabe o que ele significa para os Baudelaire, e o que ele significa para os Snicket.” Ela deu um passo para mais perto de Dewey e esticou uma unha prateada — a que tinha forma de S — até quase cutucar seu olho. “E você sabe”, disse em uma voz terrível, “que ele é *meu.”*

“Não mais”, disse Dewey.

“Beatrice o roubou *de mim!”,* exclamou Esmé.

“Existem coisas piores”, disse Dewey, “do que roubar.”

Com isso, a namorada deu uma risadinha que gelou o sangue dos Baudelaire na veia.

“Certamente existem”, disse ela, e marchou na direção de Carmelita Spats. Com uma unha pontuda — a que tinha a forma de M —, ela desviou o lançador de arpões e o apontou para o trigêmeo. “Conte-me como se faz para abrir aquela porta”, disse ela, “senão esta menininha vai arpoá-lo.”

“Eu não sou uma menininha!”, Carmelita lembrou Esmé com um jeito antipático. “Sou um jogador de futebol caubói super-herói e soldado pirata! E não vou lançar mais arpões até o condinho me ensinar a cuspir.”

“Você vai fazer o que nós mandamos, Carmelita”, rosnou Olaf. “Eu já comprei aquele traje ridículo para você, e aquele barco para você ficar à espreita na piscina. Aponte essa arma para Dewey neste instante!”

“Me ensine a cuspir!”, disse Carmelita.

“Aponte a arma!”

“Me ensine a cuspir!”

“Aponte a arma!”

“Me ensine a cuspir!”

“Arma!”

“Cuspir!”

“Arma!”

“Cuspir!”

Com um rugido roufenho, o conde Olaf arrancou brutalmente o lançador de arpões das mãos de Carmelita, derrubando-a no chão.

“Nunca vou ensinar você a cuspir, enquanto for vivo!”, urrou ele. “Rá!”

“Querido!”, arfou Esmé. “Você não pode quebrar a sua promessa para a nossa querida menininha!”

“Eu não sou uma querida menininha!”, berrou Carmelita. “£« *sou um jogador de futebol caubói super-herói e soldado pirata!* “

“Você é uma criancinha mimada!”, corrigiu Olaf. “De um jeito ou de outro, eu nunca quis uma pirralha como você por perto! Já é hora de você aprender um pouco de disciplina!”

“Mas disciplina é *out!*”*,* disse Esmé.

“Tanto se me dá o que é *out e* o que é *in*!”, gritou Olaf. “Estou cansado de ter uma namorada obcecada com modismos! Você só quer ficar sentada em salões de bronzeamento em coberturas enquanto eu corro de um lado para outro fazendo todo o trabalho!”

“Se eu não estivesse na cobertura”, retorquiu Esmé, “o açucareiro teria sido entregue a C.S.C.! Além disso, eu estava guardando...”

“Tanto se me dá o que você estava fazendo”, disse Olaf. “Você está demitida!”

“Você não pode me demitir!”, rugiu Esmé. “Eu peço demissão!”

“Bem, você pode sair por acordo mútuo”, resmungou Olaf, e então, com mais um sucinto “Rá!”, ele ergueu o lançador de arpões e o apontou para Dewey Dénouement. “Conte-nos quais são as três frases que precisamos digitar na fechadura a fim de abrir a porta de Cerramento Supravernacular Complexo e revistar a lavanderia!”

“Você não vai encontrar nada na lavanderia”, disse Dewey, “a não ser pilhas de lençóis sujos, algumas máquinas de lavar e secar e alguns produtos químicos extremamente inflamáveis.”

“Eu posso irradiar um belo ardor juvenil”, rosnou Olaf, “mas não nasci ontem! Rá! Se não há nada na lavanderia, então por que vocês puseram uma fechadura C.S.C. na porta?”

“Talvez seja apenas um engodo”, disse Dewey, sua mão ainda trêmula na de Violet.

“Engodo?”, disse Olaf.

“'Engodo' é uma palavra com diversos significados”, explicou o trigêmeo. “Pode se referir a um canto em uma lagoa onde patos podem ser capturados, ou à imitação de um pato ou outro animal com o intuito de atrair um espécime real. Ou pode significar alguma coisa usada para distrair pessoas, como uma fechadura em uma porta que não encerra um certo açucareiro.”

“Se a fechadura é um engodo, sub-sub”, escarneceu o conde Olaf, “então você não vai se importar de me contar como abri-la.”

“Muito bem”, disse Dewey, ainda lutando para parecer calmo. “A primeira frase é a descrição de uma condição médica que todos os três Baudelaire compartilham.”

Os Baudelaire compartilharam um sorriso.

“A segunda frase é a arma que o deixou órfão, Olaf”, disse Dewey.

Os Baudelaire compartilharam uma carranca.

“E a terceira”, disse Dewey, “é a famosa pergunta insondável no muito conhecido romance de Richard Wright.”

As irmãs Baudelaire compartilharam um olhar desnorteado e depois olharam esperançosas para Klaus, que balançou a cabeça lentamente.

“Não disponho de tempo para examinar os Baudelaire do ponto de vista médico”, disse Olaf, “ou para mergulhar em qualquer romance famoso!”

“As pessoas malignas nunca têm tempo para leituras”, disse Dewey. “É uma das razões para a sua malignidade.”

“Já me enchi dos seus joguinhos!”, rugiu o conde Olaf. “Rá! Se eu não ouvir as frases exatas usadas para abrir o dispositivo assim que Esmé contar até dez, vou disparar o lançador de arpões e picar vocês em pedacinhos! Esmé, conte até dez!”

“Não vou contar até dez”, disse Esmé, fazendo beicinho. “Não vou fazer nada para você nunca mais!”

“Eu sabia!”, disse Jerome. “Eu sabia que você voltaria a ser uma pessoa nobre, Esmé! Você não precisa desfilar em um biquíni indecente no meio da noite ameaçando sub-sub-bibliotecários! Você pode ficar conosco, em nome da justiça.”

“Não vamos exagerar”, disse Esmé. “Só porque estou descartando o meu namorado, não quer dizer que vou ser boazinha como você. Justiça é *out.* Injustiça é *in.* É por isso que se chama /«-justiça.”

“Você devia fazer o que é certo neste mundo”, disse a juíza Strauss, “e não o que está na moda. Entendo a sua situação, Esmé. Quando eu tinha a sua idade, passei anos como ladra de cavalos antes de me dar conta...”

“Não quero ouvir as suas histórias chatas”, rosnou o conde Olaf. “A única coisa que quero ouvir são três frases exatas da boca de Dewey, ou o seu destino será a morte por arpoação, assim que eu disser o número dez. *Um?”*

“Pare!”, exclamou a juíza Strauss. “Em nome da lei!”

“Dois.”

“Pare!”, implorou Jerome Squalor. “Em nome da injustiça!”

“Três!”

“Pare!”, ordenou Violet, e seus irmãos balançaram a cabeça concordando enfaticamente. Os Baudelaire perceberam, como tenho certeza que você percebeu, que os adultos que estavam com eles não iriam fazer nada para impedir que o conde Olaf chegasse a dez e puxasse o gatilho do lançador de arpões, e que a juíza Strauss e Jerome Squalor iriam desapontá-los, como tantas pessoas nobres já os tinham desapontado antes. Mas os irmãos também sabiam que esse desapontamento não iria feri-los — pelo menos não imediatamente. Iria ferir Dewey Dénouement, e sem mais palavra as três crianças soltaram as mãos dos adultos e se postaram na frente do sub-sub-bibliotecário, protegendo-o do mal.

“Você não pode arpoar este homem”, disse Klaus para o conde Olaf, mal acreditando no que estava dizendo. “Terá de nos arpoar primeiro.”

“Ou”, disse Sunny, “abaixar arma.”

Dewey Dénouement parecia perplexo demais para falar, mas o conde Olaf apenas desviou seu olhar desdenhoso do sub-sub-bibliotecário para as três crianças.

“Eu não me importaria de arpoar vocês também, órfãos”, disse ele, os olhos brilhando fortemente. “Quando o assunto é abater pessoas, sou muito flexível! Rá! *Quatro!”*

Violet deu um passo na direção do conde, que segurava o lançador de arpões e que assim passou a apontar para o peito dela. “Abaixe a arma, Olaf”, disse a mais velha dos Baudelaire. “Você não quer cometer essa perversidade.”

O conde Olaf piscou, mas não moveu a arma.

“É claro que eu quero”, disse ele. “Se o sub-sub não me contar como pegar o açucareiro, vou puxar o gatilho, não importa quem estiver na minha frente! Rá! *Cinco!”*

Klaus deu um passo à frente, juntando-se à irmã.

“Você tem uma escolha”, disse ele. “Você pode escolher não puxar esse gatilho!”

“E você pode escolher a morte por arpoação!”, exclamou o conde Olaf. *“Seis!”*

“Por favor”, disse Sunny, juntando-se aos irmãos. O vilão não se moveu, porém os três Baudelaire, sempre juntos, foram chegando cada vez mais perto do lançador de arpões, o tempo todo protegendo Dewey.

“Sete!”

“Por favor”, disse de novo a mais jovem dos Baudelaire. Os irmãos avançaram em passos lentos mas firmes na direção do lançador de arpões, e o som re-verberado de suas passadas era a única coisa que se ouvia no saguão silencioso, além dos gritos de Olaf anunciando números cada vez mais altos.

“Oito!”

Eles chegaram mais perto.

“Nove!”

As crianças deram um último passo e, sem dizer uma palavra, puseram as mãos sobre o lançador de arpões, que parecia gelado mesmo através das luvas brancas. Tentaram puxar a arma das mãos de Olaf, mas o seu primeiro tutor não a soltou, e durante um longo momento os jovens e o adulto ficaram reunidos em silêncio em torno da arma terrível. Violet olhava para a afiada ponta em gancho do arpão pressionada contra o seu peito, Klaus olhava diretamente para o gatilho vermelho vivo que podia ser

pressionado a qualquer momento, e Sunny olhava nos olhos muito, muito brilhantes de Olaf, procurando o menor sinal que fosse de nobreza.

"O que mais posso fazer?", perguntou o vilão, tão mansamente que as crianças não puderam ter certeza se tinham ouvido direito.

"Dê-nos a arma", disse Violet. "Cometer esse ato pérfido não é o seu destino."

"Dê-nos a arma", disse Klaus. "Ser uma pessoa maligna não é o seu destino."

"La forza del destino", disse Sunny, e então ninguém mais disse nada. O salão estava tão silencioso que os Baudelaire podiam ouvir Olaf inspirando antes de gritar a palavra "dez".

Mas, num instante eles ouviram outro som, especificamente uma tossida muito forte, e num instante tudo mudou, pois esses são os caminhos perversos do mundo. Num instante, você pode acender um fósforo e começar um incêndio que pode destruir a vida de incontáveis pessoas. Num instante, você pode tirar um bolo do forno e prover sobremesa para incontáveis outras. Num instante, você pode mudar algumas palavras em um poema de Robert Frost e se comunicar com os seus associados através de um código conhecido como Clarificação de Sibilinos Cantares, e num instante você pode se dar conta de onde alguma coisa está escondida e decidir se vai buscá-la ou se vai mantê-la escondida em um lugar em que nunca mais poderá ser encontrada e então será esquecida por todos menos algumas figuras lidas e muito perturbadas, que por sua vez são esquecidas, e assim por diante, *et cetera* e tal, e mais alguns *et cetera* e tal de quebra. Tudo isso pode acontecer num instante, como se um único instante fosse um enorme recipiente capaz de conter incontáveis segredos protegidos e em segurança, e de modo atraente, tal como os incontáveis segredos contidos no Hotel Desenlace, ou no catálogo subaquático oculto, em seu ondulante reflexo.

Naquele instante, contudo, no enorme saguão do hotel, os órfãos Baudelaire ouviram uma tossida tão forte quanto familiar, e naquele instante o conde Olaf virou-se para ver quem vinha caminhando pelo saguão, e apressadamente empurrou o lançador de arpões para as mãos dos Baudelaire ao reconhecer a figura usando um pijama com desenhos de dinheiro por toda parte e com uma expressão desnorteada no rosto. Naquele instante, os três irmãos agarraram a arma, sentindo o seu peso pesado e

escuro nas mãos, e naquele instante o lançador de arpões escorregou das mãos deles e caiu ruidosamente no piso de madeira verde, e naquele instante eles ouviram o gatilho vermelho fazer *dic!,* e naquele instante o penúltimo arpão foi disparado com um *vupt!* e saiu voando através do enorme recinto abobadado, atingindo alguém com um golpe letal, uma frase que aqui significa "matando uma das pessoas que estavam no recinto".

"O que está acontecendo?", perguntou o sr. Poe, pois não era o seu destino ser aniquilado por um arpão, pelo menos não naquela noite em particular. "Pude ouvir gente discutindo lá do quarto 174. Que diabo...", e naquele instante ele parou e olhou horrorizado para os três irmãos. "Órfãos Baudelaire!", ele arfou, mas não foi a única pessoa a arfar. Violet arfou, e Klaus arfou, e Sunny arfou, e a juíza Strauss e Jerome Squalor arfaram, e Hugo, Colette e Kevin — que estavam acostumados com a violência desde o seu tempo como empregados de um parque de diversões e como asseclas de um vilão — arfaram, e Carmelita Spats arfou, e Esmé Squalor arfou, e até o conde Olaf arfou, muito embora não seja usual um vilão arfar a não ser que esteja descobrindo um segredo crucial, ou sofrendo uma dor muito grande. Mas foi Dewey Dénouement quem arfou mais alto, mais alto até do que os *Nadabons!* que reboaram por todo o hotel quando o relógio bateu duas horas. *Nadabom! Nadabom!,* soou o relógio, porém tudo o que os Baudelaire ouviram foi a arfada doída e sufocada de Dewey quando ele recuou tropicando pelo saguão, uma das mãos no peito e a outra agarrando a extremidade do ar-pão que se projetava do seu corpo em um ângulo bizarro, como um canudinho de refresco, ou um reflexo de um dos braços magrelos de Dewey.

"Dewey!", gritou Violet.

"Dewey!", gritou Klaus.

"Dénouementr, gritou Sunny, mas o sub-sub-bibliotecário não respondeu e saiu cambaleando em silêncio do hotel. Por um momento as crianças ficaram chocadas demais para se mexer enquanto o observavam desaparecer na nuvem de vapor que se erguia do respiro da lavanderia, mas então saíram correndo atrás dele, disparando escada abaixo, quando ouviram um *tchibum!* vindo da beira da lagoa. No momento em que os Baudelaire alcançaram Dewey, ele já estava afundando, seu corpo trêmulo causando pequenas ondulações na água. Já disseram que o mundo é uma lagoa calma, e que toda vez que alguém faz uma coisa, por mais ínfima que

seja, é como se uma pedra caísse nessa lagoa e espalhasse círculos de ondulações cada vez mais distantes, até que o mundo inteiro ficasse alterado por uma minúscula ação, no entanto os Baudelaire não agüentaram pensar na ínfima ação do gatilho do lançador de arpões, ou em como o mundo mudara em apenas um instante. Em vez disso, correram freneticamente para a beira da lagoa, enquanto o sub-sub-bibliotecário afundava. Klaus agarrou uma das mãos, Sunny agarrou a outra, e Violet estendeu a mão para o rosto dele, como se estivasse consolando alguém que começara a chorar.

"Você vai ficar bem", exclamou Violet. "Vamos tirá-lo da água."

Dewey sacudiu a cabeça e fez uma carranca terrível para as crianças, como se estivesse tentando falar mas não conseguisse encontrar as palavras.

"Você vai sobreviver", disse Klaus, muito embora soubesse, tanto por suas leituras sobre eventos pavorosos como por eventos pavorosos em sua própria vida, que isso simplesmente não era verdade.

Dewey sacudiu a cabeça de novo. Aquela altura, estavam acima da superfície da água somente a sua cabeça e as duas mãos trêmulas. As crianças não podiam ver o corpo, nem o arpão, o que era uma pequena bênção.

"Nós desapontamos você", disse Sunny.

Dewey sacudiu a cabeça uma vez mais, agora muito forte, em violento desacordo. Ele abriu a boca e estendeu a mão para fora da água, apontando para além dos Baudelaire, para o céu muito, muito escuro enquanto lutava para pronunciar a palavra que mais queria dizer. "Kit", sussurrou ele afinal, e então, escorregando das mãos das crianças, desapareceu na água escura. E os órfãos Baudelaire choraram sozinhos pelas bênçãos que lhes foram negadas e pelos perversos, perversos caminhos do mundo.



CAPÍTULO DEZ

"O que foi aquilo?", gritou uma voz.

"Soou como um lançador de arpões sendo disparado!", gritou outra voz.

"Um lançador de arpões?", perguntou uma terceira voz. "Isto aqui deveria ser um hotel, e não uma galeria de tiro!"

"Eu ouvi alguma coisa caindo na água!", gritou alguém.

"Eu também!", concordou um outro. "Soou como se alguém tivesse caído na lagoa!"

Os órfãos Baudelaire olharam para a superfície da lagoa que se acalmava e viram o reflexo de venezianas e janelas se abrindo em todos os andares do Hotel Desenlace. Luzes se acenderam e silhuetas debruçaram na janela e apontaram para as crianças que choravam lá embaixo, as quais estavam perturbadas demais para prestar atenção na gritaria.

"Que gritaria é essa?", perguntou outra voz. "Eu estava no sétimo sono!"

“Estamos no meio da noite!”, queixou-se uma outra. “Por que todo mundo está berrando?”

“Eu vou lhe dizer por que estão berrando!”, gritou alguém. “Uma pessoa foi alvejada por um lançador de arpões e depois caiu na lagoa!”

“Volte para a cama, Bruce”, disse outro alguém.

“Não posso dormir com assassinos à solta!”, gritou mais um hóspede.

“Amém, irmão!”, disse outro. “Se um crime foi cometido, então é nosso dever ficar por aí de pijama em nome da justiça!”

“Não consigo dormir de um jeito ou de outro!”, reclamou alguém. “Aquela comida indiana nojenta me manteve acordado a noite toda!”

“Alguém me diga o que está acontecendo!”, exclamou uma voz. “Os leitores d'*O Pundonor Diário* vão querer saber o que se passou.”

O som da voz de Geraldine Julienne e a menção à sua negligente publicação forçaram as crianças a parar de chorar, mesmo que só por um momento. Elas sabiam que seria sensato protelar o seu luto — uma frase que aqui significa “chorar a morte de Dewey Dénouement em uma ocasião futura” — e se certificar de que o jornal publicaria a verdade.

“Houve um acidente”, exclamou Violet, sem desviar os olhos da superfície da lagoa. “Um acidente horrível.”

“Um dos gerentes do hotel morreu”, disse Klaus.

“Qual deles?”, perguntou uma voz vinda de uma das janelas de cima. “Frank ou Ernest?”

“Dewey”, disse Sunny.

“Dewey não existe”, disse outra voz. “É uma figura lendária.”

“Ele não é uma figura lendária!”, disse Violet indignada. “Ele *é* um sub...”

Klaus pousou a mão sobre a da irmã, e a mais velha dos Baudelaire parou de falar.

“O catálogo de Dewey é um segredo”, sussurrou ele. “Não podemos permitir que seja anunciado n'*O Pundonor Diário.”*

“Mas verdade”, murmurou Sunny.

“Klaus tem razão”, disse Violet. “Dewey nos pediu para guardar o seu segredo, e não podemos desapontá-lo.” Ela olhou tristemente para a lagoa e enxugou as lágrimas dos olhos. “É o mínimo que podemos fazer.”

“Não percebi que era uma ocasião triste”, disse outro hóspede do hotel. “Temos de observar tudo com cuidado e nos intrometer só se for

absolutamente necessário.”

“Eu discordo!”, disse alguém com um grito roufenho. “Temos de nos intrometer agora mesmo, e observar só se for absolutamente necessário!”

“Temos de chamar as autoridades!”, disse alguém.

“Temos de chamar o gerente!”

“Temos de chamar a *concierge!”*

“Temos de chamar a minha mãe!”

“Temos de procurar pistas!”

“Temos de procurar armas!”

“Temos de procurar a minha mãe!”

“Temos de procurar suspeitos!”

“Suspeitos?”, repetiu outra voz. “Mas supostamente este é um hotel distinto!”

“Hotéis distintos estão pululando de gente suspeita”, alguém comentou. “Eu vi uma lavadeira que estava usando uma peruca suspeita!”

“Eu vi uma *concierge* carregando um item suspeito!”

“Eu vi um táxi carregando um passageiro suspeito!”

“Eu vi um cozinheiro preparando uma comida suspeita!”

“Eu vi um atendente segurando uma espátula suspeita!”

“Eu vi um homem com uma nuvem de fumaça suspeita!”

“Eu vi um bebê com uma fechadura suspeita!”

“Eu vi um gerente usando um uniforme suspeito!”

“Eu vi uma mulher usando alfaces suspeitas!”

“Eu vi a minha mãe!”

“Eu não vi nada!”, berrou alguém. “Está tão tenebroso quanto um corvo voando em noite escura como breu!”

“Eu estou vendo uma coisa bem agora!”, gritou uma voz. “Há três pessoas suspeitas em pé à beira da lagoa!”

“São as pessoas que estavam falando com a repórter!”, gritou outra pessoa. “Estão se recusando a mostrar a cara!”

“Devem ser os assassinos!”, gritou ainda outra pessoa. “Ninguém mais agiria de modo tão suspeito!”

“É melhor corrermos para lá”, disse mais um hóspede, “antes que eles escapem!”

“Uau!”, guinchou outra voz. “Aguardem só até os leitores d'*O Pundonor Diário* lerem a manchete: 'ASSASSINATO MÓRBIDO NO

HOTEL DESENLACE!'. ISSO é muito mais empolgante que um acidente!"

"Psicologia das multidões", disse Sunny, lembrando-se de um termo que Klaus lhe ensinara logo antes de ela dar os primeiros passos.

"Sunny tem razão", disse Klaus, enxugando os olhos. "Essa multidão está ficando cada vez mais enfurecida. Num momento todos vão acreditar que nós somos assassinos."

"Talvez sejamos", disse Violet Pensativamente.

"Leréia!", disse Sunny enfática, o que queria dizer alguma coisa como "Bobagem". "Acidente!"

"Foi um acidente", disse Klaus, "mas foi culpa nossa."

"Parcialmente", disse Sunny.

"Não cabe a nós decidir", disse Violet. "Devíamos entrar e conversar com a juíza Strauss e os outros. Eles saberão o que fazer."

"Talvez", disse Klaus. "Ou, quem sabe, devíamos correr."

"Correr?", perguntou Sunny.

"Não podemos correr", disse Violet. "Se corrermos, todo mundo vai pensar que somos assassinos."

"Talvez sejamos", ressaltou Klaus. "Todas as pessoas nobres naquele saguão nos desapontaram. Não podemos ter certeza de que nos ajudarão agora."

Violet suspirou fundo, arquejante, a respiração ainda irregular por causa das lágrimas.

"Para onde iríamos?", sussurrou ela.

"Para qualquer lugar", disse Klaus. "Poderíamos ir para algum lugar onde ninguém jamais ouviu falar do conde Olaf, ou de C.S.C. Devem existir outras pessoas nobres no mundo. Poderíamos encontrá-las."

"Existem outras pessoas nobres", disse Violet. "Estão a caminho daqui. Dewey nos disse para esperar até amanhã. Acho que devemos ficar."

"Amanhã poderá ser tarde demais", disse Klaus. "Acho que devemos correr."

"Indefinita", disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa do gênero de "Posso ver as vantagens e as desvantagens de ambos os planos de ação", mas, antes que Violet e Klaus pudessem responder, as crianças sentiram uma sombra sobre elas e ergueram os olhos para ver uma figura alta e magra que surgia. Na escuridão, não foi possível ver nada de suas feições, apenas a ponta incandescente de um cigarro magro em sua boca.

“Vocês três precisam de um táxi?”, perguntou ele, fazendo um sinal para o automóvel que trouxera a juíza Strauss e Jerome Squalor à entrada do hotel.

Os irmãos se entreolharam e depois olharam de soslaio para o homem. As crianças acharam que a voz talvez fosse familiar, mas tal familiaridade podia ser decorrente do tom insondável que já tinham ouvido tantas vezes desde que chegaram ao hotel, de tal modo que tudo ficava parecendo familiar e misterioso ao mesmo tempo.

“Não temos certeza”, disse Violet depois de um momento.

“Vocês não têm certeza?”, perguntou o homem. “Sempre que vocês vêem alguém em um táxi, ele provavelmente está sendo levado para desempenhar alguma incumbência. Com certeza deve haver alguma coisa que vocês precisam fazer, ou algum lugar aonde precisam ir. Uma grande romancista americana escreveu que as pessoas viajam mais depressa agora, embora não pudesse afirmar que elas fazem coisas melhores. Talvez vocês fizessem coisas melhores se viajassem neste exato momento.”

“Nós não temos dinheiro”, disse Klaus.

“Vocês não precisam se preocupar com dinheiro”, disse o homem, “não se forem quem eu penso que são.” Ele se inclinou para os Baudelaire. “Vocês são?”, perguntou ele. “São quem eu penso que são?”

As crianças se entreolharam novamente. Não tinham como saber se aquele homem era um voluntário ou um inimigo, um homem nobre ou uma pessoa pérfida. Falando genericamente, um estranho que tenta fazer você entrar em um automóvel é tudo menos nobre, e falando genericamente, uma pessoa que cita grandes romancistas americanas é tudo menos pérfida, e falando genericamente, um homem que diz que você não precisa se preocupar com dinheiro, ou um homem que fuma cigarros, está em algum lugar entre as duas coisas. Mas os órfãos Baudelaire não estavam falando genericamente. Eles estavam falando do lado de fora do Hotel Desenlace, na beira de uma lagoa onde um grande segredo estava escondido, enquanto uma multidão de hóspedes ficava cada vez mais desconfiada a respeito da coisa terrível que acabara de acontecer. As crianças pensaram em Dewey e se lembraram da terrível, terrível visão dele afundando na lagoa, e se deram conta de que não tinham como saber se elas mesmas eram boas ou más, que dizer o homem misterioso que se postara acima delas.

“Nós não sabemos”, disse Sunny por fim.

“Órfãos Baudelaire!”, ouviu-se uma voz cortante do topo das escadas, seguida por um acesso de tosse, e os irmãos se viraram para ver o sr. Poe, que olhava para as crianças cobrindo a boca com um lenço branco. “O que aconteceu?”, perguntou ele.

“Onde está o homem que vocês atingiram com o arpão?”

Os Baudelaire estavam exaustos demais e infelizes demais para contestar a descrição do sr. Poe do que havia acontecido.

“Ele está morto”, disse Violet e descobriu que, mais uma vez, havia lágrimas em seus olhos.

Mais uma vez, o sr. Poe tossiu de perplexidade; então ele desceu as escadas e postou-se diante das crianças cujo bem-estar tinha sido de sua responsabilidade.

“Morto!”, disse ele. “Como isso foi acontecer?”

“É difícil dizer”, disse Klaus.

“Difícil dizer?”, o sr. Poe fechou a cara. “Mas eu vi vocês. Estavam segurando a arma. Vocês com certeza podem me contar o que aconteceu.”

“Henribergson”, disse Sunny, o que queria dizer “É mais complicado que isso”, mas o sr. Poe só sacudiu a cabeça, como se já tivesse ouvido o suficiente.

“É melhor vocês entrarem”, disse ele com um suspiro cansado. “Devo dizer que estou muito desapontado com vocês, crianças. Quando eu estava encarregado dos seus assuntos, não importava quantos lares eu encontrasse, coisas terríveis aconteciam. Então, quando vocês decidiram cuidar dos seus próprios assuntos, a cada dia que passava *O Pundonor Diário* trazia mais notícias sobre a sua perfídia. E, agora que os encontrei de novo, vejo que ocorreu mais uma desventura em série, e mais um tutor está morto. Vocês deviam se envergonhar.”

Os Baudelaire não responderam. Dewey Dénouement não era seu tutor oficial no Hotel Desenlace, mas tinha cuidado deles, mesmo quando não sabiam disso, e fizera o melhor possível para protegê-los das pessoas vilanescas que circulavam furtivamente pelo seu lar. Muito embora não fosse um tutor adequado, era um bom tutor, e as crianças estavam envergonhadas da sua participação na desafortunada morte de Dewey. Em silêncio, elas aguardaram enquanto o sr. Poe tinha outro acesso de tosse. Na seqüência o banqueiro pôs as mãos sobre os ombros dos Baudelaire e os empurrou em direção à entrada do hotel.

“Há quem diga que um comportamento criminoso é o destino de crianças oriundas de um lar desfeito”, disse ele. “Talvez essas pessoas estejam certas.”

“Esse não é o nosso destino”, disse Klaus, mas sua voz não soou muito segura, e o sr. Poe meramente lançou-lhe um olhar triste e severo, e continuou empurrando. Se alguém mais alto que você já se abaixou para empurrá-lo pelo ombro, então você sabe que esse não é um jeito agradável de andar, entretanto os Baudelaire estavam perturbados e confusos demais para se importar com isso. Escadas acima eles seguiram, o banqueiro se arrastando atrás deles em seu feio pijama, e foi somente quando chegaram à nuvem de vapor que ainda flutuava através da entrada é que pensaram em olhar para trás, para o homem misterioso que lhes oferecera uma corrida de táxi. Aquela altura o homem já tinha voltado para dentro do veículo e se afastava lentamente do Hotel Desenlace. Assim como as crianças não tinham como saber se ele era ou não uma boa pessoa, também não tinham como saber se estavam tristes ou aliviadas por vê-lo partir, e mesmo depois de meses de pesquisa e muitas noites sem dormir, e muitas tardes enfadonhas passadas na frente de uma enorme lagoa, jogando pedras na esperança de que alguém reparasse nas ondulações que eu estava provocando, tampouco tenho como saber se os Baudelaire deviam ter ficado tristes ou aliviados ao vê-lo partir. Sei quem era o homem, e sei aonde ele foi depois, e sei o nome da mulher que estava escondida no porta-malas, e que tipo de instrumento musical fora colocado cuidadosamente no banco de trás, e os ingredientes do sanduíche enfiado no porta-luvas, e até mesmo o que era o pequeno item que jazia sobre o banco do passageiro, ainda molhado por causa do local onde estava escondido, mas não sou capaz de dizer a vocês se os Baudelaire teriam ficado mais felizes na companhia daquele homem, nem se foi melhor ele ter se afastado dos três irmãos, olhando para eles através do espelho retrovisor e apertando um guardanapo com monograma na mão trêmula. Sei que, se as crianças tivessem entrado no táxi, seus infortúnios no Hotel Desenlace não teriam sido o seu penúltimo perigo, e elas teriam de enfrentar mais um bocado de eventos lastimáveis em suas vidas, os quais provavelmente exigiriam mais treze livros para descrever; porém, não tenho como saber se isso teria sido melhor para os órfãos, não mais do que sei se teria sido melhor para mim se eu tivesse decidido continuar a obra da minha vida em vez de pesquisar a

história dos Baudelaire, ou se teria sido melhor para a minha irmã se ela tivesse decidido juntar-se às crianças no Hotel Desenlace em vez de ir de esqui aquático ao encontro do capitão Andarré e, mais tarde, ir de esqui aquático para longe dele, ou se teria sido melhor para você entrar naquele táxi que você viu não faz tanto tempo e embarcar na sua nova série de eventos em vez de continuar com a vida que você tem. Não há como saber. Quando não há como saber, pode-se apenas imaginar, e eu imagino que os órfãos Baudelaire ficaram realmente muito assustados quando atravessaram a entrada do hotel e viram a multidão que os aguardava no saguão.

"Aí estão eles!", rugiu alguém no fundo do recinto. As crianças não puderam ver quem era porque o saguão estava lotado como na primeira vez em que puseram os pés no desconcertante hotel. Fora estranho caminhar através do enorme salão abobadado naquela manhã, passando despercebidas em seus uniformes de *concierge,* mas desta vez todos no saguão olhavam diretamente para elas. Os irmãos ficaram espantados em ver incontáveis caras familiares de cada capítulo de suas vidas, e viram muitas, muitas pessoas que não tinham certeza se reconheciam ou não. Todas estavam de pijama, camisola ou qualquer outro traje de dormir, e fulminavam os Baudelaire com olhos semicerrados de sono por terem sido acordadas no meio da noite. É sempre interessante observar o que as pessoas estão vestindo no meio da noite, muito embora haja meios mais agradáveis de fazer tais observações sem ser acusado de assassinato. "Aqueles são os assassinos!"

"Eles não são assassinos comuns!", gritou Geraldine Julienne, que estava usando uma camisola amarelo-clara e uma touca de banho sobre os cabelos. "São os órfãos Baudelaire!"

Uma onda de perplexidade tomou conta da multidão de pijama, e as crianças desejaram ter pensado em pôr de volta os óculos escuros.

"Os órfãos Baudelaire?", exclamou Senhor, cujo pijama ostentava sobre o bolso as iniciais A.A., presumivelmente de "Alto Astral". "Eu me lembro deles! Causaram acidentes na minha serraria!"

"Os acidentes não foram culpa deles!", disse Charles, cujo pijama combinava com o do seu sócio. "A culpa foi do conde Olaf!"

"O conde Olaf é mais uma de suas vítimas!", gritou uma mulher vestindo um roupão de banho rosa-claro. Os Baudelaire a reconheceram

como a sra. Morrow, uma das moradoras da cidade dos Cultores Solidários de Corvídeos. “Ele foi assassinado bem na minha cidade!”

“Aquele era o conde Omar”, disse outro morador da cidade, um homem chamado sr. Lesko, que aparentemente dormia com as mesmas calças xadrezes que usava durante o dia.

“Tenho certeza de que os Baudelaire não são assassinos”, disse Jerome Squalor. “Eu fui tutor deles, e sempre achei que eram educados e gentis.”

“Eles eram estudantes muito bons, se estou corretamente lembrado”, disse o sr. Remora, que estava usando uma touca de dormir em forma de banana.

“Eles eram estudantes muito bons, se estou corretamente lembrado”, arremedou o vice-diretor Nero. “Eles não eram nada disso. Violet e Klaus levaram bomba em todos os tipos de prova, e Sunny foi a pior assistente administrativa que já vi!”

“Eu digo que são criminosos”, completou a sra. Bass ajeitando a peruca, “e os criminosos precisam ser punidos.”

“Sim!”, disse Hugo. “Os criminosos são aberrantes demais para ficarem soltos por aí!”

“Eles não são criminosos”, disse Hal com firmeza, “e eu sei o que estou dizendo.”

“Eu também”, retorquiu Esmé Squalor, “e digo que eles são culpados como o pecado.” Suas unhas compridas e prateadas repousavam sobre o ombro de Carmelita Spats, que fulminava os três órfãos com o olhar enquanto o sr. Poe os empurrava para dentro.

“Eu acho que eles são mais culpados que isso!”, disse um dos mensageiros do hotel.

“Eu acho que eles são ainda mais culpados do que você pensa!”, gritou um outro.

“Eu acho que eles parecem ser boas crianças!”, disse alguém que as crianças não reconheceram.

“Eu acho que eles parecem criminosos cruéis!”, disse outra pessoa.

“Eu acho que eles parecem nobres voluntários!”, disse outra.

“Eu acho que eles parecem vilões traiçoeiros!”

“Eu acho que eles parecem *concierges!”*

“Uma deles se parece um pouquinho com a minha mãe!”

Nadabom! Nadabom! Nadabom! O saguão pareceu tremer quando o relógio bateu três horas da manhã. Aquela altura, o sr. Poe tinha escoltado os Baudelaire para um canto distante do saguão, onde Frank ou Ernest aguardava junto à porta identificada como 121, com uma expressão severa no rosto, enquanto o último *Nadabom!* reverberava no enorme salão.

"Senhoras e senhores!" As crianças se voltaram para a juíza Strauss, que para ser vista estava em pé sobre um dos bancos de madeira e batia palmas chamando a atenção. "Por favor, acalmem-se! Não cabe a vocês decidir a questão da culpa ou inocência dos Baudelaire."

"Isso não me parece justo", observou um homem que vestia um pijama estampado com um padrão de salmões nadando contra a corrente. "Afinal, eles nos acordaram no meio da noite."

"O quesito é de competência da Corte Suprema", disse a juíza Strauss. "As autoridades já foram notificadas, e os demais juizes estão a caminho. Poderemos começar o julgamento em questão de horas."

"Pensei que o julgamento fosse na quinta-feira", disse uma mulher que vestia uma camisola adornada com palhaços dançarinos.

"Chegar cedo é um dos sinais de uma pessoa nobre", disse a juíza Strauss. "Assim que os demais nobres juizes chegarem, tomaremos as decisões relativas a este assunto — e a outros assuntos igualmente importantes — de uma vez por todas."

Houve um murmúrio de debate na multidão.

"Acho que tudo bem", resmungou alguém.

"Tudo bem?", disse Geraldine Julienne. "É maravilhoso! Já posso ver a manchete: 'CORTE SUPREMA CONSIDERA OS BAUDELAIRE CULPADOS'!"

"Ninguém é culpado até o julgamento acabar", disse a juíza Strauss, e pela primeira vez ela olhou para as crianças e sorriu gentilmente. Era um pequena bênção aquele sorriso, e os assustados Baudelaire sorriram de volta. A juíza Strauss desceu do banco e atravessou a multidão murmurante, seguida por Jerome Squalor.

"Não se preocupem, crianças", disse Jerome. "Parece que vocês não terão de esperar até amanha para que a justiça seja feita."

"Assim espero", disse Violet.

"Pensei que os juizes não tivessem permissão de proferir veredictos sobre pessoas que conhecem", disse Klaus.

“Isso em geral é verdade”, disse a juíza Strauss. “A lei deve ser imparcial e justa. Mas eu acho que posso ser justa no que concerne ao conde Olaf.”

“Além disso”, disse Jerome, “há mais dois juizes na Corte Suprema. A opinião da juíza Strauss não é a única que importa.”

“Confio nos meus colegas juizes”, disse a juíza Strauss. “Eu os conheço há anos, e eles demonstravam interesse sempre que eu fazia relatos sobre o caso de vocês. Enquanto aguardamos a chegada deles, no entanto, pedi aos gerentes do hotel que os pusessem no quarto 121, para mantê-los longe da multidão irada.”

Sem dizer uma palavra, Frank ou Ernest destrancou a porta e revelou o pequeno armário vazio onde Violet encontrara o lançador de arpões.

“Nós vamos ficar trancados?”, disse Klaus, nervoso.

“Só para mantê-los em segurança”, disse a juíza Strauss, “até começar o julgamento.”

“Sim!”, gritou uma voz que as crianças jamais esqueceriam. A multidão se dissociou para revelar o conde Olaf, que caminhou até os Baudelaire com um brilho de triunfo nos olhos. “Podem trancafiá-los!”, disse ele. “Não podemos permitir que pessoas traiçoeiras fiquem circulando pelo hotel! Há pessoas nobres e decentes aqui.”

“Há mesmo?”, perguntou Colette.

“Rá!”, disse o conde Olaf. “Quero dizer, é claro! A Corte Suprema decidirá quem é nobre e quem é maligno. Nesse meio-tempo, os órfãos devem ficar trancados em um armário.”

“Ouçam! Ouçam!”, disse Kevin, erguendo um braço e depois o outro em uma saudação ambidestra.

“Eles não são os únicos. O senhor foi igualmente acusado de altas perfídias, e a Corte Suprema também está muito interessada no seu caso. Será trancado no quarto 165 até começar o julgamento”, disse o homem que não era Frank, mas Ernest, ou vice-versa, destacando-se implacável da multidão e segurando o braço de Olaf.

“Muito justo”, disse Olaf. “Ficarei feliz em aguardar o veredicto da Corte Suprema. Rá!”

Os três irmãos se entreolharam, depois olharam em torno do saguão, onde a multidão os encarou de volta ferozmente. Eles não queriam ser trancados em um quartinho, não importa qual a razão, e não conseguiam

entender por que a idéia de a Corte Suprema pronunciar um veredicto sobre o conde Olaf o fez rir. Entretanto, sabiam que discutir com a multidão seria improdutivo, uma expressão que aqui significa "provavelmente iria envolver os irmãos em ainda mais problemas", e assim, sem mais palavra, os três Baudelaire entraram no armário. Jerome e a juíza Strauss fizeram um pequeno aceno para eles, o sr. Poe deu uma pequena tossida, e Frank ou Ernest deu um passo à frente para fechar a porta. Ao ver o gerente, as crianças de repente pensaram não em Dewey, mas na família que ele deixara para trás, assim como Violet, Klaus e Sunny foram todos deixados para trás depois daquele primeiro dia na Praia de Sal e das assustadoras notícias que ali receberam.

"Sentimos muito", disse Sunny, e o gerente baixou os olhos para os Baudelaire e piscou. Talvez ele fosse Frank e achasse que os Baudelaire fizeram algo de maligno, ou talvez ele fosse Ernest, e achasse que os Baudelaire fizeram algo de nobre, mas, qualquer que fosse o caso, o gerente pareceu surpreso com o fato de as crianças sentirem muito. Por um momento, hesitou e lançou-lhes um pequenino aceno de cabeça, porém em seguida fechou a porta e os irmãos ficaram sozinhos. A porta do quarto 121 era surpreendentemente compacta, e apesar de a luz do saguão brilhar claramente através da fresta embaixo dela, o barulho da multidão se transformara num ligeiro zumbido, como um enxame de abelhas ou o mecanismo de algum aparelho. Os órfãos jogaram-se no chão, exaustos depois de um dia atarefado e de uma noite terrível, terrível. Eles tiraram os sapatos e encostaram uns nos outros naquele espaço apertado, tentando achar uma posição confortável e ouvindo o zumbido da multidão que discutia no saguão.

"O que vai acontecer conosco?", perguntou Violet.

"Não sei", disse Klaus.

"Talvez devêssemos ter corrido", disse Violet, "como você sugeriu, Klaus."

"Talvez em um julgamento", disse o Baudelaire do meio, "os vilões sejam finalmente levados à justiça."

"Olaf", perguntou Sunny, "ou nós?"

O que Sunny perguntou, é claro, foi se o conde Olaf era o vilão que seria levado à justiça ou os três Baudelaire, mas seus irmãos não tinham resposta para ela. Em vez disso, a mais velha dos Baudelaire inclinou-se

para baixo e beijou o alto da cabeça da irmã, e Klaus inclinou-se para cima para beijar a de Violet, e Sunny virou a cabeça primeiro para a direita e depois para a esquerda, para beijar os dois. Se você tivesse estado no saguão do Hotel Desenlace, não teria ouvido nada atrás da compacta porta do quarto 121 quando os Baudelaire encerraram sua conversa com um grande e trêmulo suspiro e se aninharam bem juntinhos no pequeno espaço. Teria sido preciso que você estivesse do outro lado da porta, se apoiando nas crianças, para ouvir o som baixinho e contido dos Baudelaire chorando até adormecer, incapazes de responder à pergunta de Sunny.



CAPÍTULO ONZE

Uma antiga expressão, usada ainda antes da cisão, diz que as pessoas não deveriam ver a criação das leis e das salsichas. Isso faz sentido, pois a criação de salsichas envolve misturar diferentes partes de diferentes animais e moldá-las até que fiquem apresentáveis para o café-da-manhã, e a criação de leis envolve misturar diferentes partes de diferentes idéias e moldá-las até que fiquem apresentáveis para o café-da-manhã, e a maioria das pessoas prefere passar o café-da-manhã comendo comida e lendo o jornal sem ter de se expor a criações de absolutamente nenhum tipo.

A Corte Suprema, como a maioria das cortes, não estava envolvida na criação de leis, e sim na interpretação de leis, o que é tão desconcertante e insondável quanto a sua criação e, como a interpretação de salsichas, é algo que também não deve ser visto. Se você pusesse este livro de lado e viajasse até a lagoa que agora nada reflete a não ser alguns pedaços de madeira queimada e o céu vazio, e se você encontrasse a passagem secreta que leva ao catálogo subaquático que permaneceu secreto e seguro durante todos esses anos, poderia ler o relato de uma interpretação de salsichas que deu horrivelmente errado e levou à destruição de um batiscafo muito importante, tudo porque eu, equivocadamente, achei que as salsichas estavam arrumadas de modo a formar um K, quando na realidade o garçom tinha tentado formar um R. E poderia ler também o relato de uma interpretação da lei que deu horrivelmente errado, porém acho difícil a viagem valer a pena por causa dele, já que esse relato está contido nos capítulos remanescentes deste livro. Mas, se você for uma pessoa sensata, deve proteger os olhos de tais interpretações, pois são assustadoras demais

para se ler. Enquanto Violet, Klaus e Sunny tentavam pregar os olhos — uma expressão que aqui significa "dormiam um sono agitado dentro do armário que era o quarto 121" —, arranjos eram feitos para o julgamento, durante o qual os três juizes da Corte Suprema iriam interpretar as leis e decidir sobre a nobreza ou a perfídia do conde Olaf e dos Baudelaire. No entanto, as crianças ficaram surpresas quando souberam, assim que uma forte batida na porta as despertou, que não iriam ver essa interpretação elas mesmas.

"Aqui estão suas vendas", disse um dos gerentes, abrindo a porta e entregando às crianças três pedaços de pano preto. Os Baudelaire suspeitaram que fosse Ernest, pois não tinha se dado ao trabalho de dizer "Olá".

"Vendas?", perguntou Violet.

"Todo mundo usa vendas em um julgamento da Corte Suprema", respondeu o gerente, "exceto os juizes, é claro. Vocês nunca ouviram a expressão 'justiça cega'?"

"Sim", disse Klaus, "mas eu sempre achei que o significado disso *é* que a justiça deve ser imparcial e livre de preconceitos."

"O veredicto da Corte Suprema foi tomar a expressão ao pé da letra", disse o gerente, "portanto todos, exceto os juizes, devem cobrir os olhos antes de o julgamento começar."

"Scalia", disse Sunny. Ela queria dizer alguma coisa como "Não me parece que a interpretação literal faça algum sentido", mas seus irmãos não acharam prudente traduzir aquilo.

"Eu também trouxe um pouco de chá para vocês", disse ele, revelando uma bandeja que continha uma chaleira e três xícaras. "Achei que poderia fortificá-los para o julgamento."

Com "fortificá-los" o gerente queria dizer que alguns goles de chá poderiam dar às crianças um pouco da força tão necessária para enfrentar a sua provação, e os irmãos acharam que devia ser Frank quem estava lhes fazendo tal favor.

"Você é muito gentil", disse Violet.

"Sinto muito, mas não temos açúcar", disse ele.

"Tudo bem", disse Klaus, e então folheou apressadamente o seu livro de lugar-comum até encontrar suas anotações sobre a conversa das crianças

com Kit Snicket. “'O chá deve ser amargo como absinto'“, ele leu, “'e pungente como uma espada de dois gumes.'“

O gerente lançou a Klaus um sorrisinho insondável.

“Bebam o seu chá”, disse ele. “Daqui a alguns minutos vou voltar para acompanhá-los ao julgamento.”

Frank, a não ser que fosse Ernest, fechou a porta e deixou os Baudelaire sozinhos.

“Por que você disse aquilo sobre o chá?”, perguntou Violet.

“Achei que ele poderia estar falando em código conosco”, disse Klaus. “Achei que, se déssemos a resposta certa, alguma coisa poderia acontecer.”

“Insondável”, disse Sunny.

“Tudo parece ser insondável”, disse Violet com um suspiro, servindo chá para os irmãos. “Está ficando de um jeito tal que não posso mais distinguir uma pessoa nobre de uma pessoa maligna.”

“Kit disse que o único modo de diferenciar um vilão de um voluntário é observar todo mundo, e julgarmos nós mesmos”, disse Klaus, “mas isso não nos ajudou em nada.”

“Hoje a Corte Suprema vai julgar por nós”, disse Violet. “Talvez eles provem ser favoráveis a nós.”

“Ou nos desapontem”, disse Sunny.

A mais velha dos Baudelaire sorriu e ajudou a irmã a calçar os sapatos.

“Gostaria que os nossos pais pudessem ver como você cresceu”, disse ela. “Mamãe sempre disse que assim que você aprendesse a andar, Sunny, iria longe.”

“Duvido que um armário no Hotel Desenlace era o que ela tinha em mente”, disse Klaus, soprando o chá para esfriá-lo.

“Quem sabe o que *é* que eles tinham em mente?”, perguntou Violet. “Este é mais um mistério que provavelmente nunca resolveremos.”

Sunny tomou um gole de chá, que de fato estava amargo como absinto e pungente como uma espada de dois gumes, muito embora a mais jovem dos Baudelaire tivesse pouca experiência com armas brancas ou antigas plantas aromáticas da família das compostas, usadas em certos tônicos prazerosos.

“Mama e papá”, ela disse hesitante, “e dardos envenenados?”

Seus irmãos não tiveram tempo de responder, pois ouviram outra batida na porta.

"Acabem seu chá", gritou Frank ou Ernest, "e ponham suas vendas. O julgamento já vai começar."

Os Baudelaire se apressaram a seguir as instruções, fossem elas do voluntário ou do vilão; tomaram alguns goles apressados de chá, amarraram os sapatos e enrolaram o pano preto em volta da cabeça para cobrir os olhos. Um momento depois ouviram a porta do quarto 121 se abrir e perceberam Frank ou Ernest se aproximando deles.

"Onde estão vocês?", ele perguntou.

"Estamos bem aqui", disse Violet. "Não está nos vendo?"

"É claro que não", respondeu o gerente. "Também estou usando uma venda. Estendam a mão para mim, e os levarei ao julgamento."

A mais velha dos Baudelaire estendeu o braço para a frente e encontrou uma grande mão áspera aguardando pela sua. Klaus segurou a outra mão de Violet, e Sunny segurou a de Klaus, e assim as crianças foram levadas para fora do quarto 121. A expressão "um cego liderando outro cego", como a expressão "justiça cega", normalmente não é levada ao pé da letra, pois se refere apenas a uma situação confusa em que as pessoas na liderança não sabem de nada além do que sabem as pessoas que as seguem. Mas, como os Baudelaire aprenderam enquanto eram levados através do *hall,* um vendado conduzindo outro vendado resulta no mesmo tipo de confusão. As crianças não podiam ver nada através das suas vendas, porém o salão estava tomado pelos sons de pessoas à procura de seus acompanhantes, colidindo umas com as outras e indo de encontro a paredes e móveis. Violet foi cutucada no olho pelo dedo rechonchudo de alguém. Klaus foi confundido com alguém chamado Jerry por um homem que lhe deu um enorme abraço antes de perceber o engano. E alguém tropeçou na cabeça de Sunny, presumiu que ela era um vaso ornamental e tentou enfiar um guarda-chuva na sua boca. Sobrepondo-se ao ruído da multidão, os Baudelaire ouviram o relógio bater doze insistentes *Nadabons!* e se deram conta de que tinham dormido por um belo tempo. A tarde de quarta-feira já começava, o que significava que a quinta-feira, bem como a chegada dos seus nobres amigos e associados, estava realmente muito próxima.

"Atenção!" A voz da juíza Strauss também estava realmente muito próxima e ressoou acima da multidão, juntamente com repetidas pancadas

de um martelo de juiz, expressão que aqui se refere ao martelete usado pelos juizes quando querem chamar a atenção de alguém. “Atenção todo mundo! O julgamento está para começar! Todos, por favor, tomem seus lugares!”

“Como podemos tomar nossos lugares”, perguntou um homem, “se não podemos vê-los?”

“Vá apalpando em volta com as mãos”, disse a juíza Strauss. “Mais para a sua direita. Um pouco mais. Um pouco mais. Um pouco mais. Um pouco...”

“Ai!”

“Também, nem tanto”, disse a juíza. “Aí! Sente-se! Agora o resto de vocês pode fazer o que ele fez!”

“Como vamos fazer o que ele fez”, perguntou um outro, “se não podemos vê-lo?”

“Podemos dar uma espiada?”, perguntou outra pessoa.

“Nada de espiadas!”, disse, severa, a juíza Strauss. “Nosso sistema de justiça não é perfeito, mas é o único que temos. Lembro a vocês que todos os três juizes da Corte Suprema estão de olhos nus, e se vocês espiarem serão acusados de desacato ao tribunal! Aliás, 'desacato' *é* uma palavra usada para designar alguma coisa desprezível e vergonhosa.”

“Eu sei o que significa a palavra 'desacato'“, rosnou uma voz que as crianças não conseguiram reconhecer.

“Eu defini a palavra para os Baudelaire”, disse a juíza Strauss, e as crianças agradeceram com um movimento de cabeça na direção da voz dela, muito embora os três irmãos soubessem o significado de “desacato” desde uma noite, muito tempo atrás, em que o tio Monty os levara ao cinema. “Órfãos Baudelaire, dêem três passos para a direita. Mais três. Mais um. Aí! Vocês chegaram ao seu banco. Por favor, sentem-se.”

Os Baudelaire sentaram-se em um dos bancos de madeira do saguão e ouviram os passos do gerente que os conduzira e agora cambaleava de volta à multidão que se acomodava. Por fim, tinha-se a impressão de que todo mundo encontrara um tipo ou outro de lugar e, com mais algumas batidas do martelo de juiz e chamados de atenção, a multidão se aquietou e a juíza Strauss começou o julgamento.

“Boa tarde, senhoras e senhores”, disse ela, a voz vindo da direita em frente aos Baudelaire, “e quaisquer outros que acaso estejam presentes.

Chegou ao conhecimento da Corte Suprema que certos feitos perversos ficaram impunes, e que essa perversidade vem crescendo em um ritmo alarmante. Planejávamos realizar um julgamento na quinta-feira, mas depois da morte do senhor Dénouement ficou claro que temos de fazê-lo mais cedo, nos interesses da justiça e da nobreza. Ouviremos o que cada testemunha tem a dizer e determinaremos de uma vez por todas quem é responsável. Os réus serão entregues às autoridades, que estão aguardando do lado de fora, para garantir que ninguém tente escapar enquanto o julgamento está em andamento."

"E por falar em réus", acrescentou o conde Olaf, "quando o julgamento acabar, estão todos convidados para um coquetel muito *in,* no qual eu serei o anfitrião! As mulheres ricas são especialmente bem-vindas!"

"Eu é que sou a anfitriã!", rosnou a voz de Esmé

Squalor, "e os homens elegantes ganharão um presente grátis."

"Todos os presentes são grátis", disse ou Frank ou Ernest.

"Ordem no tribunal!", pediu severamente a juíza Strauss, batendo o seu martelo. "Estamos discutindo justiça social, e não compromissos sociais. Agora, os réus queiram por favor ficar em pé e declarar seus nomes e ocupações para registro."

Os Baudelaire se levantaram, hesitantes.

"Você também, conde Olaf", disse com firmeza a juíza Strauss. O banco de madeira rangeu ao lado dos Baudelaire, e eles perceberam que o notório vilão também estivera sentado naquele banco e agora se encontrava em pé ao lado deles.

"Nome?", perguntou a juíza.

"Conde Olaf", respondeu o conde Olaf.

"Ocupação?"

"Empresário teatral", disse ele, usando uma expressão elegante para designar alguém que encena espetáculos de teatro.

"Você é inocente ou culpado?", perguntou a juíza Strauss.

As crianças imaginaram ter ouvido os dentes imundos de Olaf roçando contra os lábios quando ele sorriu.

"Sou inqualificavelmente inocente", disse ele, e um murmúrio se espalhou pela multidão como uma ondulação na superfície de uma lagoa.

"Você pode se sentar", disse a juíza Strauss batendo o martelo. "Crianças, vocês são as próximas. Por favor, declarem seus nomes."

“Violet Baudelaire”, disse Violet Baudelaire.

“Klaus Baudelaire”, disse Klaus Baudelaire.

“Sunny Baudelaire”, disse Sunny Baudelaire.

As crianças ouviram o raspar de uma pena no papel e perceberam que a juíza estava anotando tudo o que era dito.

“Ocupações?”

Os Baudelaire não sabiam como responder a essa pergunta. A palavra “ocupação”, como tenho certeza que você sabe, usualmente se refere a um emprego, mas o trabalho dos Baudelaire era esporádico, uma palavra que aqui significa “consistindo de um grande número de ocupações, exercidas durante um período curto e sob circunstâncias muito inusitadas”. A palavra também pode se referir a como a pessoa passa o seu tempo, no entanto os irmãos raramente gostavam de pensar em todas as coisas pavorosas que as ocuparam recentemente. E, por fim, a palavra “ocupação” pode se referir ao estado em que está a pessoa, como ser o marido de uma mulher, ou o tutor de uma criança, mas os jovens não tinham certeza de como tal termo poderia se aplicar à atordoante história de suas vidas. Os Baudelaire pensaram e pensaram, e finalmente cada qual deu a sua resposta do modo que achou apropriado.

“Voluntária”, disse Violet.

“Concierge”, disse Klaus.

“Criança”, disse Sunny.

“Objeção!”, disse Olaf ao lado deles. “A ocupação certa deles é órfãos, ou herdeiros de uma grande fortuna!”

“Sua objeção está registrada”, disse firmemente a juíza Strauss. “E agora, jovens Baudelaire, me respondam se vocês são culpados ou inocentes.”

Mais uma vez os Baudelaire hesitaram antes de responder. A juíza Strauss não tinha perguntado às crianças especificamente a respeito do que eram inocentes ou culpadas, e o silêncio de expectativa no saguão não lhes deu vontade de pedir à juíza para esclarecer a pergunta. De modo geral, é claro, as crianças Baudelaire acreditavam ser inocentes, muito embora fossem culpadas, como todos nós, de certos atos que são qualquer coisa menos nobres. Mas os Baudelaire não estavam em pé de um modo geral. Eles estavam em pé ao lado do conde Olaf. Foi Klaus quem encontrou as palavras para comparar a inocência e a culpa dos irmãos com a inocência e

a culpa de um homem que dissera ser inqualificavelmente inocente; e depois de uma pausa o Baudelaire do meio respondeu à pergunta da juíza.

"Somos comparativamente inocentes", disse ele, e uma ondulação de novo tomava conta da multidão. As crianças ouviram mais uma vez o arranhar da pena da juíza Strauss, e o som da voz entusiástica de Geraldine Julienne.

"Já posso ver a manchete!", exclamou ela. "'TODO MUNDO É INOCENTE!' Aguardem só até os leitores d'*O Pundonor Diário* lerem isso!"

"Ninguém é inocente", disse a juíza Strauss, batendo o martelo. "Pelo menos, não ainda. E, agora, todos os presentes no tribunal que possuem evidências que desejam submeter à corte, por favor se aproximem dos juizes e façam isso."

O salão irrompeu em um pandemônio, uma palavra que aqui significa "uma multidão de pessoas vendadas tentando submeter evidências a três juizes". Os Baudelaire sentaram-se no banco e ouviram as pessoas tropeçando umas nas outras enquanto tentavam submeter sua pesquisa à Corte Suprema.

"Eu submeto estas matérias de jornal!", anunciou a voz de Geraldine Julienne.

"Eu submeto estes estudos ambientais!", anunciou Charles.

"Eu submeto estes livros escolares!", anunciou o sr. Remora.

"Eu submeto estes projetos de bancos!", anunciou a sra. Bass.

"Eu submeto estes registros administrativos!", anunciou o vice-diretor Nero.

"Eu submeto esta papelada!", anunciou Hal.

"Eu submeto estes registros financeiros!", anunciou o sr. Poe.

"Eu submeto estes livros de regras!", anunciou o sr. Lesko.

"Eu submeto estas constituições!", anunciou a sra. Morrow.

"Eu submeto estes cartazes de parque de diversões!", anunciou Hugo.

"Eu submeto estes desenhos anatômicos!", anunciou Colette.

"Eu submeto estes livros", anunciou Kevin, "com ambas as mãos, a direita e a esquerda!"

"Eu submeto estas páginas em branco cravejadas de rubis!", disse Esmé Squalor.

“Eu submeto este livro sobre como eu sou maravilhosa!”, anunciou Carmelita Spats.

“Eu submeto este livro de lugar-comum!”, anunciou Frank ou Ernest.

“Eu também!”, anunciou Ernest ou Frank. “Eu submeto a minha mãe!” A última voz foi a primeira no desfile de vozes que os Baudelaire não reconheceram. Parecia que todos no saguão tinham algo para submeter à Corte Suprema; para os Baudelaire, era como se estivessem no meio de uma avalanche de observações, pesquisas e outras evidências, algumas das quais soavam exculpatórias — uma palavra que aqui significa “que provavelmente podem provar a inocência dos Baudelaire” —, e algumas das quais soavam condenatórias, uma palavra que fazia as crianças tremerem só de pensar.

“Eu submeto estas fotografias!”

“Eu submeto estes registros hospitalares!”

“Eu submeto estes artigos de revistas!”

“Eu submeto estes telegramas!”

“Eu submeto estes dísticos!”

“Eu submeto estes mapas!”

“Eu submeto estes livros de culinária!”

“Eu submeto estes retalhos de papel!”

“Eu submeto estes roteiros de cinema!”

“Eu submeto estes dicionários de rimas!”

“Eu submeto estas cartas de amor!”

“Eu submeto estes resumos de óperas!” “Eu submeto estes dicionários analógicos!” “Eu submeto estas licenças de casamento!” “Eu submeto estes comentários talmúdicos!” “Eu submeto estes legados e testamentos!” “Eu submeto estes catálogos de leilões!” “Eu submeto estes livros de códigos!” “Eu submeto estas enciclopédias micológicas!” “Eu submeto estes cardápios!” “Eu submeto estas tabelas de horários de balsas!” “Eu submeto estes programas de teatro!” “Eu submeto estes cartões comerciais!” “Eu submeto estes memorandos!” “Eu submeto estas novelas!” “Eu submeto estes biscoitos!” “Eu submeto estas provas sortidas que não quero categorizar!”

Por fim os Baudelaire ouviram um vigoroso *bum!,* e a voz triunfante de Jerome Squalor.

“Eu submeto esta história abrangente da injustiça!”, anunciou ele, e o saguão encheu-se de sons de aplausos e vaias, quando voluntários e vilões reagiram. A juíza Strauss teve de bater o seu martelo uma porção de vezes até que a multidão se acalmasse.

“Antes que a Corte Suprema examine estas evidências”, disse a juíza, “pedimos a cada um dos acusados que faça uma declaração explicando os seus atos. Podem levar o tempo que quiserem para contar a sua história, mas não deixem de fora nada de importante. Conde Olaf, você pode ser o primeiro.”

O banco de madeira rangeu de novo quando o vilão se levantou. Os Baudelaire ouviram o conde Olaf suspirar e sentiram o seu hálito fétido.

“Senhoras e senhores”, disse ele, “eu sou tão incrivelmente inocente que a palavra 'inocente' deveria ser escrita na minha cara em letras maiúsculas. A letra I representaria 'indubitavelmente inocente'. A letra N representaria 'nada de errado', que é o que fiz. A letra A representaria...”

“Não *é* assim que se escreve 'inocente'“, interrompeu a juíza Strauss.

“Eu não acho importante como se escreve”, resmungou o conde Olaf.

“Como se escreve é importante, sim”, disse a juíza, severa.

“Bem, 'inocência' deveria se escrever O-L-A-F”, disse o conde Olaf, “e aqui termina o meu discurso.”

O banco rangeu quando Olaf se sentou de novo.

“Isso é tudo o que você tem a dizer?”, perguntou surpresa a juíza Strauss.

“Isso aí”, disse o conde Olaf.

“Eu recomendei que nada de importante fosse deixado de fora”, lembrou a juíza.

“Eu sou a única coisa importante”, insistiu o conde Olaf, “e sou muito inocente. Tenho certeza de que naquela enorme pilha de evidências há mais provas da minha inocência do que da minha culpa.”

“Ora, tudo bem”, disse a juíza, incerta. “Órfãos Baudelaire, agora vocês podem nos contar o seu lado da história.”

Cambaleantes, os Baudelaire se puseram de pé, as pernas trêmulas em nervosa antecipação, e eles mais uma vez não sabiam muito bem o que dizer.

“Prossigam”, disse gentilmente a juíza Strauss. “Estamos ouvindo.”

Os órfãos Baudelaire se deram as mãos. Apesar de terem sido recém-notificados do julgamento, havia umas poucas horas apenas, as crianças se sentiam como se estivessem esperando há uma eternidade para poder levantar-se e contar a sua história a quem quisesse ouvir. Embora grande parte da história tivesse sido contada ao sr. Poe, anotada no livro de lugar-comum de Klaus e discutida com os trigêmeos Quagmire e outras pessoas nobres que encontraram em suas viagens, eles nunca tiveram a oportunidade de contar a história inteira, desde o pavoroso dia na Praia de Sal, em que o sr. Poe lhes dera a terrível notícia sobre os seus pais, até esta mesma tarde, em que estavam ali perfilados perante a Corte Suprema, esperando que todos os vilões de suas vidas fossem finalmente levados à justiça.

Talvez eles não tivessem tido tempo bastante para sentar e contar sua história exatamente como queriam contá-la, ou talvez sua história fosse tão desventurada que eles não ousavam compartilhar todos os deploráveis detalhes com ninguém. Ou talvez os Baudelaire simplesmente não tivessem encontrado ninguém que os ouvisse tão bem quanto os pais deles costumavam ouvir. Os irmãos, ali perfilados perante a Corte Suprema, foram capazes de visualizar o rosto da mãe e do pai, assim como as expressões que mostravam enquanto ouviam os filhos. Ocasionalmente, enquanto um dos Baudelaire contava uma história aos pais, ocorria algum tipo de interrupção — o telefone tocava, ou ouvia-se o ruído estridente de uma sirene lá fora, ou mesmo um dos outros irmãos fazia um comentário. “Psiu!”, diziam os pais Baudelaire para a interrupção. “Você não está com a palavra”, explicavam, e então se viravam de novo para o Baudelaire que estava falando e, com um movimento de cabeça, indicavam que a história devia continuar.

Então, no julgamento, os órfãos se puseram em pé ao mesmo tempo, provocando um ranger do banco de madeira atrás deles, e começaram a contar a história de suas vidas, o que há muito desejavam fazer.

“Bem”, disse Violet, “uma tarde meus irmãos e eu estávamos na Praia de Sal. Eu estava pensando em uma invenção que pudesse recuperar uma pedra que tinha sido atirada no oceano. Klaus examinava criaturas em poças de maré. E Sunny notou que o senhor Poe estava caminhando em nossa direção.”

“Humm”, disse a juíza Strauss, mas não era o tipo de “humm” de quem está pensativo. A mais velha dos Baudelaire pensou que talvez a juíza estivesse dizendo “humm” do mesmo jeito que ela, Violet, tinha dito “humm” para Frank ou Ernest, como uma resposta segura.

“Prossiga”, disse uma voz grave e profunda que pertencia a um dos outros juizes. “A juíza Strauss só estava pensativa.”

“O senhor Poe nos contou que tinha ocorrido um incêndio terrível”, continuou Klaus. “Que a nossa casa fora destruída, e que os nossos pais haviam morrido.”

“Humm”, disse novamente a juíza Strauss, mas não era o tipo de “humm” de quem estava demonstrando compaixão. Klaus pensou que talvez a juíza estivesse tomando um gole de chá, para fortalecer-se enquanto os irmãos contavam sua história.

“Por favor, continue”, disse outra voz. Esta era muito rouca, como se o terceiro juiz tivesse ficado aos gritos durante horas e agora mal pudesse falar. “A juíza Strauss só estava demonstrando compaixão.

“Bildungsroman”, disse Sunny. Ela queria dizer alguma coisa nos moldes de “A partir daquele momento, nossa história foi uma longa, apavorante educação nos perversos caminhos do mundo e nos misteriosos segredos escondidos em todos os cantos”, mas, antes que seus irmãos pudessem traduzir, a juíza Strauss emitiu mais um “humm”, e esse foi o mais estranho de todos. Não era o “humm” de quem está pensativo, não soava como uma resposta segura, certamente não demonstrava compaixão, tampouco era o ruído que alguém pudesse fazer ao tomar um gole de chá. Para Sunny, o “humm” soou como um ruído que ela ouvira muito tempo atrás, não muito depois daquele dia na Praia de Sal que as crianças estavam descrevendo. A mais jovem dos Baudelaire ouvira o mesmo ruído vindo da sua própria boca, quando estava pendurada do lado de fora do quarto da torre do conde Olaf dentro de uma gaiola, com um pedaço de fita adesiva cobrindo-lhe a boca. Sunny engoliu em seco ao reconhecer o som, assim como Klaus reconhecera a voz do segundo juiz e Violet reconhecera a voz do terceiro. Às cegas, os Baudelaire estenderam os braços para segurar as mãos uns dos outros, em pânico.

“O que vamos fazer?”, sussurrou Violet o mais baixo possível.

“Espiar”, sussurrou Sunny em resposta.

“Se espiarmos”, sussurrou Klaus, “seremos acusados de desacato ao tribunal.”

“O que vocês estão esperando, órfãos Baudelaire?”, perguntou a voz grave e profunda.

“Sim”, disse a voz rouca. “Continuem a história.”

Mas os órfãos Baudelaire sabiam que não poderiam continuar sua história, não importava o tempo que estiveram aguardando para contá-la. Ao som daquelas vozes familiares, eles não tiveram escolha senão remover suas vendas. As crianças não se importavam de serem acusadas de desacato ao tribunal, porque sabiam que se os outros dois juizes fossem quem pensavam que eram, então a Corte Suprema era de fato uma coisa que consideravam desprezível e vergonhosa; sem mais discussão elas desataram os pedaços de pano preto que lhes cobriam os olhos e espiaram.

O que aguardava os Baudelaire era uma espiada chocante e perturbadora. Apertando os olhos por causa da luz súbita, eles espiaram direto em frente, de onde tinham vindo as vozes da juíza Strauss e dos outros juizes. As crianças viram-se espiando o balcão dos *concierges,* onde estavam empilhadas todas as evidências que a multidão submetera, inclusive matérias de jornal, estudos ambientais, livros escolares, projetos de bancos, registros administrativos, papelada, registros financeiros, livros de regras, constituições, cartazes de parque de diversões, desenhos anatômicos, livros, páginas em branco cravejadas de rubis, um livro alegando o quanto Carmelita Spats era maravilhosa, livros de lugar-comum, fotografias, registros hospitalares, artigos de revistas, telegramas, dísticos, mapas, livros de culinária, retalhos de papel, roteiros de cinema, dicionários de rimas, cartas de amor, resumos de óperas, dicionários analógicos, licenças de casamento, comentários talmúdicos, legados e testamentos, catálogos de leilões, livros de códigos, enciclopédias micológicas, cardápios, tabelas de horários de balsas, programas de teatro, cartões comerciais, memorandos, novelas, biscoitos, provas sortidas que uma certa pessoa não queria categorizar e a mãe de alguém, tudo isso coisas que Dewey Dénouement tinha esperança de catalogar. No entanto, o que faltava no balcão era a juíza Strauss, e quando os Baudelaire deram uma espiada em volta no saguão, viram que outra pessoa também estava faltando, pois não havia ninguém no banco de madeira, apenas algumas marcas circulares deixadas por pessoas que depositavam ali suas taças sem usar descansos

para copos. Freneticamente, eles espiaram a multidão vendada que aguardava impaciente a continuação da história, e por fim avistaram o conde Olaf no extremo oposto do salão. A juíza Strauss também estava lá, enfiada na dobra do antebraço de Olaf do modo como você poderia carregar um guarda-chuva se as suas duas mãos estivessem ocupadas. Nenhuma das mãos imundas do conde Olaf estava ocupada — estavam ambas comprometidas com outras tarefas, uma expressão que aqui significa que uma das mãos cobria a boca da juíza Strauss com fita adesiva para que ela só pudesse dizer "humm", e a outra apertava apressadamente o botão do elevador. O lançador de arpões, com seu último gancho pontiagudo faiscando de um jeito maligno, estava encostado na parede, ao alcance fácil do pérfido vilão.

Tudo isso foi uma espiada chocante e perturbadora, é claro, mas ainda mais chocante e perturbador foi o que as crianças viram quando seu olhar retornou ao balcão dos *concierges.* Sentados nas duas extremidades, com os cotovelos apoiados na pilha de evidências, havia dois vilões nos quais as crianças esperavam jamais ter de dar uma espiada de novo, vilões de tamanha perversidade que seria chocante e perturbador demais para mim escrever seus nomes. Posso unicamente descrevê-los como o homem com barba mas sem cabelo e a mulher com cabelo mas sem barba — entretanto, para os órfãos Baudelaire, aqueles dois juizes vilanescos eram mais uma espiada nos perversos caminhos do mundo.



CAPÍTULO DOZE

O homem com barba mas sem cabelo levantou-se do balcão dos *concierges,* batendo os joelhos nas sinetas que na véspera haviam mandado os órfãos Baudelaire para suas incumbências. A mulher com cabelo mas sem barba apontou para as três crianças um dedo tão tortuoso quanto ela própria. O dedo se quebrara muito tempo atrás, em uma briga por causa de um jogo de gamão, o que é uma outra história que levaria pelo menos treze livros para ser descrita, mas na história dos Baudelaire o dedo fez somente esta rápida aparição ao apontar para as crianças alarmadas.

"Os Baudelaire tiraram as vendas!", gritou a vilanesca mulher com sua voz grave e profunda.

"Sim!", concordou o homem vilanesco com sua voz rouca. "Eles são culpados de desacato ao tribunal!"

"Certamente somos", concordou Violet ferozmente. "Este tribunal *é* desprezível e vergonhoso!"

"Dois dos juizes são vilões notórios", anunciou Klaus por cima dos gritos sufocados da multidão.

"Espiem!", gritou Sunny.

"Ninguém espia!", ordenou o homem com barba mas sem cabelo. "Quem espiar será entregue às autoridades!"

"Tirem as suas vendas!", Violet implorou à multidão. "O conde Olaf está raptando a juíza Strauss neste exato momento!"

"Humm!", gritou a juíza Strauss atrás da fita adesiva, concordando.

"A juíza Strauss está saboreando um puxa-puxa!", disse depressa a mulher com cabelo mas sem barba. "É por isso que ela só consegue falar humm!"

“Ela não está saboreando coisa nenhuma!”, gritou Klaus. “Se houver voluntários nesta multidão, tirem as suas vendas e nos ajudem!”

“As crianças estão tentando enganar vocês!”, disse o homem com barba mas sem cabelo. “Continuem com as vendas!”

“Sim!”, gritou a mulher com cabelo mas sem barba. “Elas estão tentando fazer com que todas as pessoas nobres sejam presas pelas autoridades!”

“Lidimidade!”, berrou Sunny.

“Eu acho que as crianças podem estar dizendo a verdade”, disse Jerome Squalor, hesitante.

“Aqueles pirralhos são mentirosos!”, retrucou Esmé bruscamente. “Eles são piores do que o meu ex-namorado!”

“Eu acredito neles!”, disse Charles, mexendo em sua venda. “Eles têm experiência prévia com vila-mas!

“Eu não acredito!”, anunciou Senhor. As crianças não saberiam dizer se ele estava usando uma venda embaixo da nuvem de fumaça que ainda pairava por cima da sua cabeça. “Eles são sinônimo de encrenca!”

“Eles estão dizendo a verdade!”, gritou Frank, provavelmente, a não ser que tenha sido Ernest.

“Eles estão mentindo!”, gritou Ernest, muito possivelmente, embora eu imagine que poderia ter sido Frank.

“Eles são bons alunos!”, disse o sr. Remora.

“Eles são uma droga de assistentes administrativos!”, disse o vice-diretor Nero.

“Eles são assaltantes de bancos!”, disse a sra. Bass, cuja venda cobria a sua pequena máscara estreita.

“Assaltantes de bancos?”, perguntou o sr. Poe. “Cáspite! Quem disse isso?”

“Eles são culpados!”, gritou o homem com barba mas sem cabelo, muito embora a Corte Suprema não devesse chegar a um veredicto até que todas as evidências fossem analisadas.

“Eles são inocentes!”, gritou Hal.

“Eles são aberrações!”, berrou Hugo.

“Eles são deformados!”, guinchou Colette.

“Eles são destros!”, rugiu Kevin.

“Eles são manchetes!”, vociferou Geraldine Julienne.

“Eles estão fugindo!”, disse a mulher com cabelo mas sem barba, e essa, pelo menos, era uma afirmação verdadeira. Violet, Klaus e Sunny se deram conta de que a multidão não iria fazer nada que impedisse o conde Olaf de arrastar a juíza Strauss para fora do tribunal e de que as pessoas no saguão iriam desapontá-los, como tantas pessoas nobres os desapontaram antes. Enquanto voluntários e vilões discutiam, as crianças abriram caminho rápida e sub-repticiamente em meio à multidão, afastando-se do banco na direção da juíza Strauss e do conde Olaf, que estava se apossando do lançador de arpões. Se você alguma vez já quis um biscoito além do que disseram que você podia pegar, então sabe como é difícil se mover rápida e sub-repticiamente ao mesmo tempo; mas, se você já teve tanta experiência quanto os Baudelaire em se esquivar das atividades de pessoas que estavam gritando com você, sabe que, com a prática, torna-se possível mover-se rápida e sub-repticiamente em qualquer lugar e situação, inclusive quando se deve atravessar um enorme saguão abobadado onde uma multidão clama pela sua captura.

“Temos de capturá-los!”, bradou uma voz na multidão.

“É preciso uma cidade para capturar os Baudelaire!”, guinchou a sra. Morrow. “Não podemos vê-los através das nossas vendas!”

“Não queremos ser culpados de desacato ao tribunal!”, berrou o sr. Lesko. “Vamos andar tateando até a entrada do hotel para que eles não possam escapar!”

“As autoridades estão guardando a entrada!”, lembrou o homem com barba mas sem cabelo à multidão. “Os Baudelaire estão correndo para os elevadores! Capturem-nos!”

“Mas não capturem mais ninguém que por acaso esteja perto dos elevadores!”, acrescentou a mulher com cabelo mas sem barba, olhando apressadamente para Olaf. As portas deslizantes de um elevador se abriram, e os Baudelaire se moveram o mais rápida e sub-repticiamente que puderam em meio à multidão que tateava às cegas em todas as direções.

“Procurem no hotel inteiro”, disse o homem vilanesco, “e tragam para nós qualquer um que acharem suspeito!”

“Nós diremos se eles são vilões ou não”, afirmou a mulher vilanesca. “Afinal, seria bom vocês evitarem fazer esse tipo de julgamento sozinhos, não seria?”

“Nadabom!”

O enorme e legendário relógio do Hotel Desenlace anunciou uma hora, reboando através do salão dos vendados liderando os vendados, bem quando os três irmãos chegaram aos elevadores. O conde Olaf já tinha arrastado a juíza Strauss para dentro e estava apertando apressadamente o botão que faz as portas se fecharem, mas Sunny enfiou um pé entre elas mantendo-as abertas, o que é uma coisa que só as pessoas destemidas ousam fazer. Olaf se inclinou para a frente a fim de sussurrar ameaçadoramente no ouvido dos Baudelaire.

"Deixem-me partir", ele sussurrou ameaçadoramente, "ou então vou anunciar ao mundo todo onde vocês estão."

Olaf, contudo, não era a única pessoa capaz de sussurrar ameaçadoramente.

"Deixe-nos entrar", Violet sussurrou ameaçadoramente, "ou então vamos anunciar ao mundo todo onde *você está."*

"Humm!", disse a juíza Strauss.

O conde Olaf arrostou as crianças com um olhar furibundo e as crianças arrostaram de volta, até que por fim o vilão se afastou de lado e deixou os Baudelaire se juntarem a ele e a sua prisioneira no elevador.

"Vão descer?", perguntou ele, e as crianças piscaram. Estavam tão determinadas a escapar da multidão e chegar até a juíza que nem cogitaram exatamente aonde poderiam ir depois.

"Vamos aonde você for", disse Klaus.

"Tenho algumas incumbências a realizar", disse Olaf. "Rá! Primeiro vou descer ao subsolo para resgatar o açucareiro. Rá! Depois vou subir à cobertura para resgatar o Mycelium Medusóide. Rá! Depois vou descer ali para expor ao fungo todo mundo que estiver ali. Rá! E depois, por fim, vou subir à cobertura para escapar sem ser visto pelas autoridades."

"Vai malograr", disse Sunny, e Olaf lançou um olhar furioso para a mais jovem dos Baudelaire.

"A sua mãe me disse a mesma coisa", disse ele. "Rá! Mas um dia, quando eu tinha sete anos de idade..."

As portas se abriram deslizando quando o elevador chegou ao subsolo, e o vilão interrompeu-se e arrastou rapidamente a juíza Strauss para o corredor.

"Sigam-me!", gritou para os Baudelaire. As crianças, é claro, não tinham vontade de seguir aquele homem horroroso, não mais do que tinham

vontade de passar requeijão nos cabelos, mas elas se entreolharam e não conseguiram imaginar o que mais poderiam fazer.

"Você não pode resgatar o açucareiro", disse Violet. "Jamais conseguirá abrir a porta de Cerramento Supravernacular Complexo."

"É mesmo?", perguntou Olaf, parando diante da Sala 025. A fechadura ainda estava trancando a porta, do mesmo jeito que Sunny a deixou. "Este hotel é como uma enorme biblioteca", disse o vilão, "mas é possível encontrar qualquer item em uma biblioteca se você tiver uma coisa."

"Catálogo?", perguntou Sunny.

"Não", respondeu o conde Olaf e apontou o lançador de arpões para a juíza. "Um refém." Com isso, voltou-se para a juíza Strauss e arrancou a fita adesiva da sua boca bem devagarinho, que era para doer o máximo possível. "Você vai me ajudar a abrir essa fechadura", informou a ela com um sorriso malevolente.

"Não vou fazer nada do gênero!", retrucou a juíza Strauss. "Os Baudelaire me ajudarão a arrastá-lo de volta ao saguão, onde a justiça pode ser servida!"

"A justiça não está sendo servida no saguão", rosnou Olaf, "nem em nenhum outro lugar do mundo!"

"Não tenha tanta certeza disso!", disse a juíza Strauss, enfiando a mão atrás das costas. Os Baudelaire olharam esperançosos para o que ela estava segurando, mas suas esperanças desmoronaram quando viram o que era. *"A odiosa avidez pelas finanças',* leu ela em voz alta, mostrando a história abrangente da injustiça, escrita por Jerome Squalor. "Aqui há evidências suficientes para mandá-lo para a cadeia pelo resto da sua vida!"

"Juíza Strauss", disse Violet, "os seus colegas juizes da Corte Suprema são associados do conde Olaf.

Aqueles vilões jamais mandariam Olaf para a cadeia."

"Não pode ser!", arquejou a juíza Strauss. "Eu os conheço há anos! Contei a eles tudo o que estava acontecendo com vocês, crianças, e eles sempre se mostraram muito interessados!"

"É claro que se mostraram interessados, sua palerma", disse o conde Olaf. "Eles me passaram todas aquelas informações para eu ficar sabendo tudo sobre os órfãos! Você me ajudou o tempo todo, mesmo sem saber de nada! Rá!"

A juíza Strauss se encostou em um vaso ornamental e seus olhos se encheram de lágrimas.

"Desapontei vocês outra vez, órfãos Baudelaire", disse ela. "Por mais que eu tenha tentado ajudá-los, só consegui metê-los em perigos. Eu pensava que a justiça seria servida se vocês contassem a sua história à Corte Suprema, mas..."

"Ninguém está interessado na história deles", disse o conde Olaf, desdenhoso. "Mesmo se você escrevesse até o último detalhe, ninguém leria uma coisa tão horrível. Eu triunfei sobre os órfãos e sobre qualquer outra pessoa que tivesse sido tola ou nobre o bastante para atravesssar o meu caminho. É o desenlace da minha história, ou, como dizem os franceses, o *noblesse oblige."*

"Dénouement", corrigiu Sunny, mas Olaf agiu como se não tivesse ouvido e voltou sua atenção para a fechadura na porta.

"Aquele idiota do sub-sub disse que a primeira frase é uma descrição da condição médica compartilhada por todas as três crianças Baudelaire", resmungou ele, e voltou-se para a juíza Strauss. "Conte-me qual é, ou prepare-se para comer arpão."

"Nunca", disse a juíza Strauss. "Eu posso ter desapontado essas crianças, mas não vou desapontar C.S.C. Você nunca terá o açucareiro, não importa que ameaças terríveis possa fazer."

"Eu vou lhe dizer qual é a primeira frase", disse Klaus calmamente, e suas irmãs olharam para ele atônitas. A juíza Strauss olhou para ele perplexa. Até o conde Olaf pareceu um pouco intrigado.

"Você vai?", perguntou.

"Certamente", disse Klaus. "É bem como você disse, conde Olaf. Todas as pessoas nobres nos desapontaram. Por que haveríamos de proteger o açucareiro?'

"Klaus!", exclamaram Violet e Sunny, em simultânea perplexidade.

"Não!", exclamou a juíza Strauss, em solitária perplexidade.

O conde Olaf pareceu um pouco intrigado de novo, mas então encolheu os seus ombros poeirentos.

"Oquei", disse ele, "conte-me qual *é* a condição médica compartilhada por você e suas irmãs órfãs."

"Nós temos alergia a balas de hortelã-pimenta", disse Klaus, e rapidamente teclou A-L-E-R-G-I-A-A-B-A-L-A-S-D-E-H-O-R-T-E-L-Ã-P-

I-M-E-N- T-A na fechadura. Imediatamente ouviu-se o som de cliques abafados vindos do teclado de máquina de escrever.

"Está aquecendo", disse o conde Olaf, com um chiado de deleite. "Saia da frente, quatro-olhos! A segunda frase *é* a arma que me deixou órfão, e posso teclar eu mesmo. D-A-L-D..."

"Espere!", disse Klaus antes que o conde Olaf tocasse no teclado. "Isso não pode estar certo. Essas letras não significam nada."

"Significado não conta", disse o conde.

"Conta, sim", disse Klaus. "Conte-me qual *é* a arma que o deixou órfão, e eu escreverei para você."

O conde Olaf deu a Klaus um sorriso vagaroso que fez os Baudelaire estremecerem.

"Vou contar, sim, *é* claro", disse ele. "Foram 'daldos' envenenados."

Klaus olhou para as irmãs e então, em silêncio soturno, teclou D-A-R-D-O-S-E-N-V-E-N-E-N-A-D-O-S no dispositivo, que começou a zumbir de mansinho. Os olhos do conde Olaf brilharam enquanto ele olhava fixamente para os fios da fechadura, que tremiam ao mesmo tempo que se estendiam em volta das dobradiças da porta da lavanderia.

"Está funcionando", disse ele, e passou a língua pelos dentes imundos. "O açucareiro está tão perto que já posso sentir o gosto!"

Klaus tirou do bolso o seu livro de lugar-comum e leu suas anotações atentamente por um momento. Então se voltou para a juíza Strauss.

"Por favor, me passe aquele livro", disse ele apontando para o livro de Jerome Squalor. "A terceira frase é a famosa pergunta insondável no romance mais conhecido de Richard Wright. Richard Wright foi um romancista americano da escola realista cujos escritos iluminaram as disparidades nas relações inter-raciais. É provável que a sua obra seja citada em uma história abrangente da injustiça."

"Você não pode ler aquele livro inteiro!", disse o conde Olaf. "A multidão nos encontrará antes que você termine o primeiro capítulo!"

"Vou procurar no índice", disse Klaus, "exatamente como fiz na casa da tia Josephine quando decodificamos o seu bilhete e encontramos o seu esconderijo."

"Eu sempre me perguntei como você fez aquilo", disse o conde Olaf, soando quase como se admirasse as habilidades de pesquisador do Baudelaire do meio. Klaus folheou o livro até a parte final, onde o índice

pode normalmente ser encontrado. Um índice, como tenho certeza de que você já sabe, é uma lista de tudo o que o livro contém, e onde cada item pode ser encontrado.

"Wright, Richard", Klaus leu em voz alta. "Pergunta insondável em *Native son* [Filho nativo], página 581."

"Trata-se da qüingentésima octogésima primeira página", explicou o conde Olaf para ninguém em particular, uma expressão que aqui significa "muito embora aquilo estivesse claro para todos os que estavam no corredor".

Klaus folheou apressadamente até encontrar a página certa e deu uma lida rápida, os olhos piscando atrás dos óculos.

"Encontrei", disse ele calmamente. "Na verdade, é uma pergunta bem interessante."

"Ninguém está interessado em perguntas interessantes!", disse Olaf. "Tecle aí, rápido!"

Klaus sorriu e começou a teclar furiosamente no teclado de máquina de escrever. Suas irmãs deram um passo à frente e cada uma delas pôs uma das mãos sobre o ombro do irmão.

"Por que faz isso?", perguntou Sunny.

"Sunny tem razão", disse Violet. "Por que você está ajudando Olaf a entrar na lavanderia?"

O Baudelaire do meio teclou a última palavra no teclado — e ela era "D-E-R-R-O-C-A-D-A" — e depois olhou para as irmãs. "Porque o açucareiro não está lá dentro", disse ele e empurrou a porta, abrindo-a.

"O que você está dizendo?", perguntou o conde Olaf. "É claro que o açucareiro está lá dentro!"

"Receio que Olaf esteja certo", disse a juíza Strauss. "Você ouviu o que Dewey disse. Quando os corvos foram abatidos com o lançador de arpões, eles caíram no papel pega-pássaros e derrubaram o açucareiro no funil."

"É o que aparentemente teria acontecido", disse Klaus com ironia.

"Já basta de disparates!", gritou o conde Olaf agitando no ar o lançador de arpões e marchando para dentro da lavanderia. Em apenas alguns momentos, no entanto, ficou claro que o Baudelaire do meio falara a verdade. A lavanderia do Hotel Desenlace era muito pequena, continha apenas umas poucas máquinas de lavar e secar, algumas pilhas de lençóis

sujos e uns poucos potes de plástico, presumivelmente com produtos químicos extremamente inflamáveis, bem como Dewey tinha dito. Um tubo metálico pendia de um canto do teto, permitindo que o vapor das máquinas flutuasse pelo tubo acima e para o lado de fora, mas não havia indício de que um açucareiro tivesse despencado através do funil e caído para fora do tubo metálico sobre o piso de madeira da sala. Com um rugido rouco e furioso, o conde Olaf abriu e fechou as portas das máquinas de lavar e secar, batendo-as com fúria, depois ergueu as pilhas de lençóis sujos e jogou-as de trambolhada no chão.

"Onde está ele?", rosnou, lançando perdigotos pela boca furibunda. "Onde está o açucareiro?"

"É segredo", disse Klaus. "Um segredo que morreu com Dewey Dénouement."

Olaf voltou-se para encarar os órfãos Baudelaire, que nunca haviam visto o conde com uma expressão tão assustadora. Seus olhos nunca brilharam tão forte, e seu sorriso nunca fora tão iníquo, uma palavra que aqui significa "tão faminto de ações malfazejas que chegava a ser mórbido". Não era muito diferente da expressão de Dewey enquanto afundava na água, como se a própria malvadeza do vilão lhe causasse grandes dores.

"Ele não será o único voluntário a morrer hoje", disse o conde num sussurro terrível. "Eu destruirei cada alma neste hotel, com ou sem açucareiro. Liberarei o Mycelium Medusóide e tanto voluntários como vilões morrerão em agonia. Meus camaradas me desapontaram tão freqüentemente quanto os meus inimigos, e estou ansioso por me livrar deles. Então empurrarei aquele barco para fora da cobertura e sairei navegando com..."

"Você não pode empurrar aquele barco para fora da cobertura", disse Violet. "Ele nunca sobreviveria à queda, devido à força da gravidade."

"Presumo que vou ter de acrescentar a força da gravidade à minha lista de inimigos", resmungou Olaf.

"Eu vou tirar aquele barco da cobertura", disse Violet calmamente, e seus irmãos olharam para ela atônitos. A juíza Strauss olhou para ela perplexa. Até o conde Olaf pareceu um pouco intrigado.

"Você vai?", perguntou.

“Certamente”, disse Violet. “É bem como você disse, conde Olaf. Todas as pessoas nobres nos desapontaram. Por que não haveríamos de ajudá-lo a escapar?”

“Violet!”, exclamaram Klaus e Sunny, em simultânea perplexidade.

“Não!”, exclamou a juíza Strauss, em solitária perplexidade.

O conde Olaf ainda parecia intrigado, mas encolheu os ombros para a mais velha dos Baudelaire. “Oquei”, disse ele. Você precisa do quê?”

“De alguns daqueles lençóis sujos”, disse Violet. “Vou amarrá-los uns nos outros e fazer um *drag chute,* exatamente como fiz nas Montanhas de Mão-Morta, quando impedi o carroção de despencar da montanha.”

“Eu sempre me perguntei como você fez aquilo”, disse o conde Olaf, olhando para a mais velha dos Baudelaire como se respeitasse as suas habilidades de inventora. Violet entrou na lavanderia e apanhou alguns lençóis, cuidando para escolher os menos sujos do monte.

“Vamos para a cobertura”, disse ela mansamente. Seus irmãos deram um passo à frente, e cada um deles pôs uma das mãos sobre o ombro da irmã.

“Por que faz isso?”, perguntou Sunny.

“Sunny tem razão”, disse Klaus. “Por que você está ajudando Olaf a escapar?”

A mais velha dos Baudelaire olhou para os lençóis em suas mãos, depois olhou para os irmãos.

“Porque ele vai nos levar com ele”, disse.

“Por que eu faria isso?”, perguntou Olaf.

“Porque você precisa de uma tripulação de mais de uma pessoa”, disse Violet ironicamente, “e nós precisamos sair deste hotel sem sermos vistos pelas autoridades.”

“Imagino que isso seja verdade”, disse Olaf. “Bem, vocês teriam acabado nas minhas garras de um jeito ou de outro. Venham comigo.”

“Ainda não”, disse Sunny. “Mais uma coisa.”

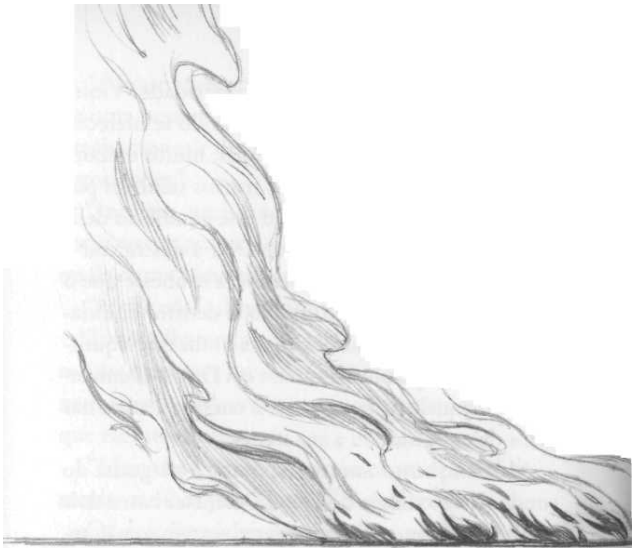
Todos olharam para a mais jovem dos Baudelaire, que ostentava uma expressão tão insondável que nem mesmo seus irmãos seriam capazes de dizer o que ela estava pensando.

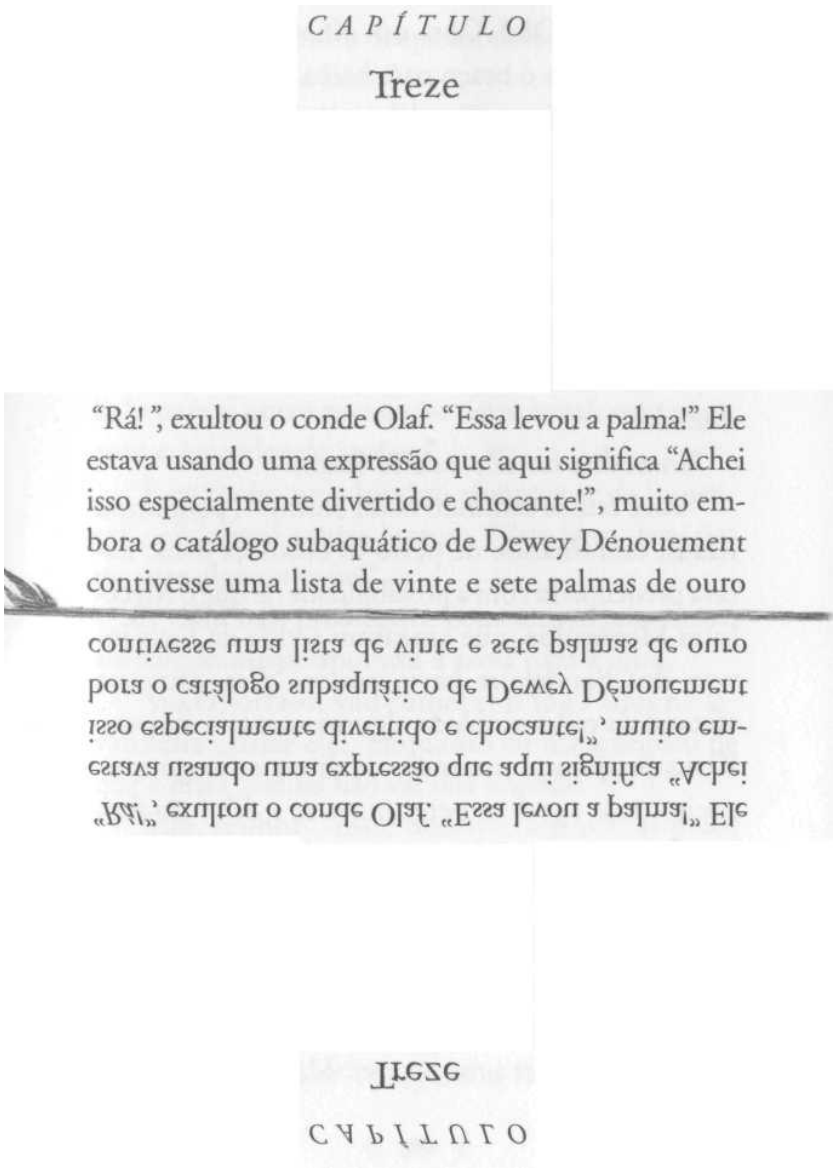
“Mais uma coisa?”, repetiu o conde Olaf, baixando os olhos para Sunny. “E qual seria ela?”

Os dois Baudelaire mais velhos olharam para a irmã e sentiram ondulações no estômago, como se, de algum modo, uma pedra tivesse caído diretamente dentro deles. É muito difícil abrir caminho neste mundo sem ser perverso em uma ou outra ocasião, já que, para começar, os caminhos do mundo são tão perversos. Quando situações insondáveis surgiam na vida dos Baudelaire, e eles não sabiam o que fazer, com freqüência se sentiam como se estivessem se equilibrando muito delicadamente em cima de alguma coisa muito frágil e muito perigosa e, caso não se cuidassem, poderiam cair muito fundo dentro de um mar de perversidade. Violet sentiu esse equilíbrio delicado quando se ofereceu para ajudar o conde Olaf a escapar, muito embora isso significasse que ela e seus irmãos também poderiam escapar, e Klaus sentiu esse equilíbrio delicado quando ajudou o conde Olaf a destrancar a porta da lavanderia, muito embora soubesse que o açucareiro não seria encontrado lá dentro. E, é claro, os três órfãos Baudelaire sentiram esse equilíbrio delicado quando pensaram em Dewey Dénouement e naquele instante terrível em que a arma nas mãos deles ocasionou a sua morte.

Mas, enquanto Sunny respondia à pergunta do conde Olaf, o relógio do Hotel Desenlace bateu dois *Nadabons!,* e seus irmãos se perguntaram se não teriam por fim perdido o equilíbrio, se não estariam se afastando aos trambolhões de todas as pessoas nobres do mundo.

"Incendiar hotel", disse Sunny, e todos os três órfãos Baudelaire se sentiram como se estivessem caindo.




CAPÍTULO
Treze
"Rá!", exultou o conde Olaf. "Essa levou a palma!" Ele estava usando uma expressão que aqui significa "Achei isso especialmente divertido e chocante!", muito embora o catálogo subaquático de Dewey Dénouement contivesse uma lista de vinte e sete palmas de ouro

CAPÍTULO TREZE

"Rá!", exultou o conde Olaf. "Essa levou a palma!" Ele estava usando uma expressão que aqui significa "Achei isso especialmente divertido e chocante!", muito embora o catálogo subaquático de Dewey Dénouement contivesse uma lista de vinte e sete palmas de ouro roubadas por Olaf. Com um olhar de pérfida alegria, ele esticou o braço para baixo e fez um agrado na cabeça de Sunny Baudelaire, usando a mão que não estava agarrando o lançador de arpões. "Depois de todo esse tempo, a órfã menorzinha quer

seguir o meu exemplo!", exclamou ele. "Eu sabia que tinha sido um bom tutor, afinal!"

"Você não é um bom tutor", disse Violet, "e Sunny não *é* incendiaria. Minha irmã não sabe o que está dizendo."

"Incendiar hotel", insistiu Sunny.

"Você está se sentindo bem, Sunny?", perguntou Klaus, examinando de perto os olhos da irmã. Estava preocupado com a possibilidade de que o Mycelium Medusóide, que ameaçara a vida da mais jovem dos Baudelaire havia poucos dias, estivesse afetando a pobrezinha de alguma maneira sinistra. Klaus pesquisara um meio de diluir o fungo traiçoeiro, mas agora se perguntava se a diluição fora insuficiente.

"Sinto ótima", disse Sunny. "Incendiar hotel."

"Essa é a minha garota!", gritou o conde Olaf. "Eu só queria que Carmelita tivesse a sua garra! Com todas as incumbências que eu tinha, incendiar este hotel nem chegou a me ocorrer. Mas, mesmo quando a gente está muito ocupado, deve sempre encontrar tempo para o lazer."

"O seu lazer", disse a juíza Strauss, "não passa de vilania, conde Olaf. Os Baudelaire podem querer aliar-se a você na perversidade, mas eu farei tudo o que estiver ao meu alcance para detê-lo."

"Não há nada ao seu alcance", escarneceu Olaf. "Os seus colegas juizes são meus camaradas, os seus colegas voluntários estão correndo vendados de um lado para o outro no saguão deste hotel, e eu estou com o lançador de arpões."

"E eu tenho uma história abrangente da injustiça!", exclamou a juíza Strauss. "Este livro deve servir para alguma coisa!"

O vilão não prosseguiu com seus argumentos: ele simplesmente apontou a arma para a juíza.

"Vocês, órfãos, vão começar o fogo aqui na lavanderia", disse ele, "enquanto eu me asseguro de que a juíza Strauss não vai nos impedir."

"Sim, senhor", disse Sunny e segurou as mãos dos irmãos.

"Não!", gritou a juíza Strauss.

"Por que está fazendo isso, Sunny?", perguntou Violet à irmã. "Você vai ferir pessoas inocentes!"

"Por que você está ajudando o conde Olaf a incendiar este prédio?", perguntou Klaus.

Sunny olhou para a lavanderia e depois ergueu os olhos para os irmãos. Em silêncio, sacudiu a cabeça como se aquele não fosse o momento apropriado para discutir tais assuntos.

"Me ajudem", disse ela, e não precisou dizer mais nada. Embora Violet e Klaus achassem insondável a atitude da irmã, eles a seguiram para dentro da lavanderia enquanto Olaf emitia uma sucinta risada de triunfo.

"Rá!", gritou o conde. "Prestem atenção, órfãos, que vou ensinar-lhes alguns dos meus melhores truques. Primeiro, espalhem esses lençóis sujos pelo chão em toda parte. Então peguem aqueles potes de produtos químicos extremamente inflamáveis e despejem por cima de todos os lençóis."

Em silêncio, Violet espalhou o resto dos lençóis pelo piso de madeira da lavanderia, enquanto Klaus e Sunny abriam os potes de plástico e despejavam o conteúdo por cima dos lençóis. Um odor forte e mordente evolou-se da lavanderia, enquanto as crianças se voltavam para o conde Olaf e perguntavam o que viria a seguir.

"O que vem a seguir?", perguntou Sunny.

"A seguir vêm um fósforo e um pouco de papel velho para atear o fogo", respondeu Olaf e enfiou no bolso a mão que não estava segurando a arma.

"Eu sempre trago fósforos comigo", disse ele, "assim como os meus inimigos sempre trazem o papel velho." Ele se inclinou para a frente e arrancou *A odiosa avidez pelas finanças* das mãos da juíza Strauss. "Este livro *serve, sim,* para alguma coisa", disse Olaf, e jogou-o no centro dos lençóis sujos, por pouco não acertando os irmãos que caminhavam em direção ao corredor. O livro de Jerome Squalor se abriu ao cair, e as crianças viram o que parecia ser um diagrama cuidadosamente desenhado, com setas e linhas pontilhadas, com uma legenda de um parágrafo embaixo.

Os Baudelaire se inclinaram para a frente para ver se conseguiam ler o que o especialista em injustiça escrevera e pegaram apenas a palavra "corredor" antes que Olaf acendesse um fósforo e o jogasse com destreza profissional sobre a página. O papel pegou fogo imediatamente e o livro começou a arder.

"Oh", Sunny disse baixinho e encostou-se em seus irmãos. Todos os três Baudelaire, e os adultos que estavam com eles, olharam fixamente para a lavanderia em silêncio.

Um livro sendo queimado é uma visão triste, muito triste, pois muito embora um livro nada mais seja senão tinta e papel, a sensação é de que as idéias contidas nele estão desaparecendo à medida que as páginas se transformam em cinzas, e a capa e a encadernação — que é o termo usado para a costura e a cola que mantêm juntas as páginas — vão ficando pretas e engrouvinhadas enquanto as chamas fazem seu trabalho maligno. Quando alguém está queimando um livro, demonstra total desprezo por todos os pensamentos que produziram as suas idéias, todo o trabalho aplicado nas suas palavras e sentenças, e todos os contratempos que recaíram sobre o autor, desde a invasão dos cupins que tentaram destruir suas anotações até a enorme pedra que alguém fez rolar para cima do ilustrador enquanto ele estava sentado à beira do espelho d'água aguardando a entrega do original.

A juíza Strauss olhou para o livro com uma carranca chocada, talvez pensando na pesquisa de Jerome Squalor e em todos os vilões que ela poderia ter levado à justiça. O conde Olaf olhou para o livro com um sorriso presunçoso, talvez pensando em todas as outras bibliotecas que ele tinha destruído. Mas você e eu sabemos que não existe "talvez" a respeito do que os órfãos Baudelaire estavam pensando enquanto olhavam para as chamas que devoravam a história abrangente da injustiça. Violet, Klaus e Sunny estavam pensando no incêndio que levara seus pais e seu lar, e que os largara no mundo para esgrimir por si mesmos contra as adversidades, uma frase que aqui significa "ir primeiro de tutor em tutor e depois de situação desesperada em situação desesperada, tentando sobreviver e resolver os mistérios que pairavam como fumaça sobre as suas cabeças". Os órfãos Baudelaire estavam pensando no primeiro incêndio que entrara em suas vidas e se perguntavam se este seria o último.

"É melhor darmos o fora daqui", disse o conde Olaf quebrando o silêncio. "Pela minha experiência, uma vez que as chamas atingem os produtos químicos, o fogo se alastra muito depressa. Receio que o coquetel tenha de ser cancelado, mas se nos apressarmos ainda há tempo para infectar os hóspedes deste hotel com o Mycelium Medusóide antes de escapar. Rá! Aos elevadores!"

Girando o lançador de arpões nas mãos, o vilão marchou arrastando a juíza pelo corredor abaixo, e os Baudelaire se apressaram em segui-lo. Quando chegaram ao elevador, as crianças olharam para um aviso afixado perto de um dos vasos ornamentais. O aviso era idêntico ao que estava

afixado no saguão, e era um aviso que você mesmo provavelmente já viu. “EM CASO DE INCÊNDIO”, lia-se em letras elegantes, “USE AS ESCADAS, NÃO USE O ELEVADOR.”

“Escadas”, disse Sunny apontando para o aviso.

“Ignore isso”, disse Olaf desdenhosamente, apertando o botão para chamar o elevador.

“Perigoso”, alertou Sunny. “Use as escadas.”

“Você pode ter tido a idéia de incendiar o hotel”, disse o conde Olaf, “mas ainda sou eu quem manda aqui, neném! Não conseguiremos chegar até o fungo a tempo se formos pelas escadas! Vamos pegar o elevador!”

“Droga”, disse Sunny baixinho e franziu a testa, pensativa. Violet e Klaus olharam para a irmã curiosos, se perguntando por que uma criança que não se importava em incendiar um hotel haveria de se incomodar com uma coisa como um elevador. Então Sunny olhou para os irmãos e pronunciou uma palavra que deixou tudo claro.

“Prelúdio”, disse ela, e um momento depois seus irmãos sorriram.

“O quê?”, Olaf perguntou bruscamente e socou o botão várias vezes seguidas, o que nunca adianta nada.

“O que a minha irmã quer dizer”, disse Violet, “é que ela gostou muito da aula sobre como provocar incêndios”, mas não é nada disso que a mais jovem dos Baudelaire queria dizer. Com “Prelúdio”, seus irmãos sabiam, Sunny se referia ao Hotel Prelúdio, e ao fim de semana que a família Baudelaire inteira passara lá. Como Kit Snicket mencionara, o Hotel Prelúdio era um lugar encantador, e fico feliz em contar que ele ainda está em pé, como uma pequena bênção, e que o seu salão de baile ainda tem os famosos candelabros em forma de enormes medusas que se movem para cima e para baixo no ritmo da música tocada pela orquestra, e que a livraria do saguão ainda privilegia as obras de novelistas americanos da escola realista, e a piscina ao ar livre ainda é bonita como sempre, com o seu reflexo das janelas do hotel tremulando quando alguém mergulha para nadar.

Os órfãos Baudelaire, porém, não estavam se lembrando dos candelabros, nem da livraria, nem mesmo da piscina, onde Sunny aprendera pela primeira vez a soltar bolhas. Eles estavam se lembrando de uma diabrura que seu pai lhes ensinara quando se encontrava em um de seus estados de ânimo esdrúxulos, a qual pode ser feita em qualquer elevador. A

diabrura, uma palavra que aqui significa “brincadeira que se faz com alguém com quem você divide o espaço de um elevador”, funciona melhor no momento em que você está para sair do elevador e os seus colegas passageiros vão continuar subindo para um andar mais alto. A mãe dos Baudelaire fizera objeções quanto ao pai ensinar esse tipo de diabrura a eles, pois a considerava inconveniente, mas o pai ressaltou que não era mais inconveniente do que fazer truques de magia com os pãezinhos servidos às refeições, coisa que a mãe fizera naquela mesma manhã no restaurante do hotel, e ela concordou com relutância em participar da diabrura. É claro que este momento em particular na vida dos Baudelaire não era o melhor para uma diabrura, porém Violet e Klaus compreenderam de imediato o que a irmã tinha em mente, e quando as portas deslizantes se abriram e o conde Olaf marchou para dentro do elevador, os três Baudelaire o seguiram e apertaram todos os botões, sem exceção. Quando o pai dos Baudelaire aplicara essa diabrura, saindo em seguida do elevador, o resultado fora que a passageira remanescente, uma mulher desagradável chamada Eleanora, vira-se forçada a visitar cada um dos andares a caminho do seu quarto, mas ali no Hotel Desenlace a diabrura serviu a uma dupla finalidade, uma expressão que aqui significa “capacitou os Baudelaire a fazer duas coisas ao mesmo tempo”.

“O que estão aprontando?”, berrou Olaf. “Nunca vou conseguir chegar ao Mycelium Medusóide a tempo de envenenar todo mundo!”

“Vamos conseguir avisar o maior número possível de pessoas que o prédio está em chamas!”, exclamou a juíza Strauss.

“Dupla finalidade”, disse Sunny e compartilhou um sorrisinho com os irmãos no momento em que o elevador chegou ao saguão e abriu as portas. O enorme salão abobadado estava quase vazio, e os Baudelaire puderam ver que todos haviam seguido o conselho dos dois juizes malfazejos da Corte Suprema, ou seja, continuavam a perambular pelo hotel com os olhos vendados.

“Fogo!”, gritou Violet, sabendo que as portas se fechariam em um instante. “Atenção todo mundo! Há um incêndio no hotel! Por favor, saiam imediatamente!”

O homem com barba mas sem cabelo estava em pé ali perto, com uma das mãos sobre o ombro de Jerome Squalor para poder empurrar o especialista em injustiça de um lado para outro.

“Fogo?”, disse ele com sua estranha voz rouca. “Bom trabalho, Olaf!”

“O que você quer dizer com bom trabalho?”, perguntou Jerome, o cenho franzido aparecendo embaixo da venda.

“Eu quero dizer 'Lá vai, Olaf!', respondeu o homem apressadamente, empurrando Jerome na direção do elevador. “Capturem-no! Ele precisa ser levado às autoridades!”

“Olaf está aqui?”, perguntou provavelmente Frank, que estava tateando ao longo da parede, junto com seu irmão. “Eu vou capturá-lo!”

“Onde estão os Baudelaire?”, perguntou provavelmente Ernest. “Eu vou capturá-los!”

“No elevador!”, berrou a mulher com cabelo mas sem barba do outro lado do saguão, no entanto as portas deslizantes já estavam se fechando.

“Chamem o corpo de bombeiros!”, gritou Violet desesperada.

“Qual deles?”, foi a resposta, mas as crianças não souberam dizer se viera de Frank ou de Ernest, e as portas se fecharam sobre aquele último vislumbre dos vilões e voluntários antes de o elevador começar a sua ascensão ao segundo andar.

“Aqueles juizes prometeram que se eu aguardasse até amanha veria todos os meus inimigos destruídos”, resmungou o conde Olaf, “e agora estão tentando me capturar. Eu sabia que eles iriam me desapontar algum dia.”

Os Baudelaire não tiveram tempo para salientar que Olaf também desapontara os juizes ao planejar envenená-los com o Mycelium Medusóide, assim como todos no saguão, porque imediatamente o elevador parou no segundo andar e abriu as portas.

“Há um incêndio no hotel!”, gritou Klaus para o corredor. “Saiam todos imediatamente!”

“Um incêndio?”, disse Esmé Squalor. Os Baudelaire ficaram surpresos ao ver que aquela pérfida mulher ainda estava usando a sua venda, mas talvez ela tivesse decidido que pedaços de pano preto eram *in.* “Quem disse isso?”

“Foi Klaus Baudelaire”, disse Klaus Baudelaire. “Vocês precisam sair do hotel!”

“Não dêem ouvidos àquele bisbórria!”, gritou Carmelita Spats, que estava passando a mão em cima de um vaso ornamental. “Ele está só tentando escapar de nós! Vamos tirar as nossas vendas e espiar!”

“Não tirem as suas vendas!”, gritou o conde Olaf. “Esses Baudelaire são acusados de desacato ao tribunal, e estão tentando enganar vocês para se juntar a eles! Não há nenhum incêndio! Não saiam do hotel em hipótese alguma!”

“Nós não estamos enganando vocês!”, disse Klaus. “É Olaf quem está enganando vocês! Por favor, acreditem em nós!”

“Eu não sei em quem acreditar”, disse Esmé, sarcástica. “Vocês, órfãos, são tão desonestos quanto o meu ex-namorado.”

“Deixem-nos em paz!”, ordenou Carmelita dando um esbarrão na parede. “Podemos encontrar o nosso próprio caminho!”

As portas se fecharam antes que os Baudelaire pudessem discutir mais, e de fato as crianças nunca mais discutiram com nenhuma daquelas duas fêmeas desagradáveis. Um momento depois o elevador chegou ao terceiro andar, e Sunny levantou a voz para ser ouvida por todos os que estavam no corredor, fossem eles pérfidos ou nobres.

“Fogo!”, gritou ela. “Use as escadas. Não use o elevador!”

“Sunny Baudelaire?”, chamou o sr. Poe, reconhecendo a voz da criança. O banqueiro, voltado para uma direção inteiramente errada, segurava um lenço branco na frente da sua venda preta. “Não acrescente falso alarme de incêndio à sua lista de crimes! Você já é culpada de desacato ao tribunal, e talvez de assassinato!”

“Não é falso!”, exclamou a juíza Strauss. “Há realmente um incêndio, senhor Poe! Saia deste hotel!”

“Não posso sair”, retrucou o sr. Poe, tossindo no seu lenço. “Ainda sou encarregado dos assuntos dos Baudelaire, de seus pais e da fort...”

As portas do elevador se fecharam antes que o sr. Poe pudesse terminar, e os Baudelaire foram afastados do banqueiro uma última vez, e a cada parada do elevador, lamento dizer, ocorreu mais ou menos a mesma coisa. Os Baudelaire viram a sra. Bass no terceiro andar, ainda usando a sua pequena peruca loira como um gorro de neve em cima do pico de uma montanha, e a venda esticada por cima da sua pequena máscara estreita, e viram o sr. Remora, que perambulava pelo sétimo andar com o vice-diretor Nero. Viram Geraldine Julienne, que usava o seu microfone como alguns cegos usam uma bengala, e viram Charles e Senhor, que estavam de mãos dadas para não se perder um do outro, e viram Hugo, e Colette, e Kevin, que seguravam o papel pega-pássaros que Klaus dependurara do lado de

fora da janela da sauna, e viram o sr. Lesko discutindo com a sra. Morrow, e viram um homem com um violão fazendo amizade com uma mulher de chapéu em forma de corvo, e viram muitas pessoas que não reconheceram, fossem voluntários ou vilões, que vagavam pelos corredores do hotel capturando qualquer um que achassem suspeito.

Algumas daquelas pessoas acreditaram nos Baudelaire quando eles falaram do incêndio, e algumas daquelas pessoas acreditaram no conde Olaf quando ele falou que os Baudelaire estavam mentindo, e algumas daquelas pessoas acreditaram na juíza Strauss quando ela falou que o conde Olaf estava mentindo quando disse que os Baudelaire estavam mentindo quando falaram do incêndio. Mas a parada do elevador em cada andar do hotel era muito breve, e as crianças só viram de relance cada uma dessas pessoas. Elas ouviram a sra. Bass resmungar alguma coisa sobre um carro para fuga, e ouviram o sr. Remora perguntando a si mesmo alguma coisa sobre bananas fritas. Ouviram Nero se preocupando com o estojo do seu violino, e Geraldine guinchando sobre manchetes, e ouviram Charles e Senhor altercando sobre os incêndios, se eram bons ou não para a indústria madeireira. Ouviram Hugo perguntando se o planejamento do *hors d'oeuvre* ainda estava valendo, e ouviram Colette perguntando a respeito de depenar corvos, e ouviram Kevin se queixando de que não sabia se devia segurar o papel pega-pássaros na mão direita ou na mão esquerda, e ouviram o sr. Lesko insultando a sra. Morrow, e o homem barbado cantando uma canção para a mulher de chapéu de corvo, e ouviram um homem chamando Bruce e uma mulher chamando a mãe, e dúzias de pessoas cochichando para e gritando com, discutindo sobre e concordando a respeito de, iradamente acusando e humildemente defendendo, furiosamente elogiando e gentilmente insultando dúzias de outras pessoas, tanto dentro como fora do Hotel Desenlace, cujos nomes os Baudelaire reconheciam, tinham esquecido e nunca tinham ouvido antes.

Cada história tinha a sua história, e cada história de história era insondável na curta jornada dos órfãos Baudelaire, e muitas das histórias de histórias são insondáveis para mim, mesmo depois de todos esses anos solitários e toda essa pesquisa solitária. Talvez algumas dessas histórias sejam mais claras para você, porque você espiou as pessoas envolvidas. Talvez a sra. Bass tenha mudado de nome e more perto de você, ou talvez o nome do sr. Remo-ra seja o mesmo, e ele more longe. Talvez Nero trabalhe

agora como funcionário de uma mercearia, ou Geraldine Julienne lecione artes e ofícios. Talvez Charles e Senhor não sejam mais sócios, e você tenha tido a oportunidade de estudar a fisionomia de um deles quando se sentou na sua frente em um ônibus, ou talvez Hugo, Colette e Kevin ainda sejam camaradas, e você tenha seguido essas pessoas insondáveis depois de notar que uma delas usava igualmente as duas mãos. Talvez o sr. Lesko agora seja seu vizinho, ou a sra. Morrow agora seja sua irmã, ou sua mãe, ou sua tia, ou esposa, ou até seu marido. Talvez o barulho que você ouve do lado de fora da sua porta seja um homem barbado tentando entrar pela janela, ou talvez seja uma mulher com um chapéu em forma de corvo chamando um táxi. Talvez você tenha avistado os gerentes do Hotel Desenlace, ou os juizes da Corte Suprema, ou os garçons do Café Salmonela, ou do Palhaço Ansioso, ou talvez você tenha conhecido um especialista em injustiça, ou tenha se tornado um você mesmo.

Talvez as pessoas da sua insondável vida, e suas insondáveis histórias, sejam claras para você enquanto você abre o seu caminho no mundo, mas quando o elevador parou pela última vez, e as portas deslizantes se abriram para revelar a cobertura inclinada do Hotel Desenlace, os Baudelaire sentiram como se estivessem em delicado equilíbrio sobre uma misteriosa e desconcertante pilha de mistérios insondáveis. Eles não sabiam quem iria sobreviver ao incêndio que ajudaram a provocar, e quem iria perecer. Não sabiam quem achava que eles eram voluntários e quem achava que eles eram vilões, ou quem acreditava que eles eram inocentes e quem acreditava que eles eram culpados. E não sabiam se as suas próprias observações, incumbências e ações significavam que eles eram nobres, ou perversos, ou alguma coisa no meio. Quando saíram do elevador e caminharam através do salão de bronzeamento da cobertura, os órfãos Baudelaire sentiram como se a sua vida inteira fosse como um livro repleto de informações cruciais que fora queimado, como a história abrangente da injustiça reduzida a cinzas em um incêndio que a cada segundo assumia maiores proporções.

"Olhem!", gritou o conde Olaf, inclinando-se por cima da beirada do hotel e apontando para baixo. Os Baudelaire olharam, esperando ver a enorme, calma superfície da lagoa refletindo o Hotel Desenlace de volta para eles como um espelho gigantesco. Porém, o ar estava maculado pelas manchas de fumaça espessa e negra que se derramavam das janelas do subsolo quando o fogo começou a se alastrar, e a superfície da lagoa parecia

uma série de espelhos diminutos, todos quebrados em formatos estranhos e insondáveis. Aqui e ali, entre a fumaça e os espelhos, as crianças podiam ver os vultos pequeninos correndo para cá e para lá, mas não sabiam dizer se eram as autoridades que viam no chão, ou pessoas que estavam no hotel e que agora corriam para escapar das chamas.

Olaf continuava a olhar para baixo, e os Baudelaire não sabiam dizer se ele parecia satisfeito ou desapontado.

"Graças a vocês, órfãos", disse ele, "é tarde demais para destruir todo mundo com o Mycelium Medusóide, mas pelo menos conseguimos começar um incêndio."

A juíza Strauss ainda olhava para a fumaça que jorrava das janelas e subia para o céu, e sua expressão era igualmente insondável.

"Graças a vocês, órfãos", disse ela mansamente para os Baudelaire, "este hotel será destruído pelo fogo, mas pelo menos impedimos Olaf de liberar o fungo."

"O fogo não está ardendo muito depressa", disse Olaf. "Muitas pessoas vão escapar."

"O fogo também não está ardendo devagar", disse a juíza Strauss. "Algumas pessoas não vão conseguir."

Os órfãos Baudelaire se entreolharam, mas antes que alguém pudesse dizer mais alguma coisa, o prédio inteiro tremeu, e as crianças tiveram de lutar para manter o equilíbrio sobre a cobertura inclinada. As reluzentes esteiras de bronzeamento rolaram através do salão, e a água da piscina fustigou o costado do grande barco de madeira, encharcando a figura de proa — um polvo atacando um homem em traje de mergulho.

"O fogo está enfraquecendo as fundações estruturais do edifício", disse Violet.

"Temos de sair daqui", disse Klaus.

"De pronto", disse Sunny.

Sem mais palavra, os Baudelaire desviaram-se dos adultos e marcharam rapidamente para o barco. Passando a pilha de lençóis para uma só mão, Violet tirou o seu chapéu de *concierge,* enfiou a outra mão no bolso e encontrou a fita que Kit Snicket lhe dera, com a qual prendeu o cabelo. Klaus enfiou a mão no bolso e encontrou o seu livro de lugar-comum, o qual começou a folhear. Sunny não enfiou a mão no bolso; pensativa,

raspou os dentes afiados uns nos outros, como se suspeitasse que eles poderiam ser necessários.

Violet examinou criticamente o barco.

"Vou prender o *drag chute* à figura de proa", disse ela. "Acho que vou conseguir dar um nó Língua do Diabo em volta do capacete do mergulhador." Ela fez uma pequena pausa. "E onde o Mycelium Medusóide está escondido", disse ela. "O conde Olaf o guardou lá, onde ninguém pensaria em procurar."

Klaus examinou criticamente as suas anotações.

"Vou mudar o ângulo da vela de modo a captar o vento", disse ele. "Se não for assim, um objeto pesado como este cairia direto dentro da água." Ele também fez uma pequena pausa. "Foi o que aconteceu com o açucareiro", disse ele. "Dewey Dénouement deixou todo mundo pensar que ele tinha caído dentro da lavanderia, para que ninguém o encontrasse na lagoa."

"Espátulas como remos", disse Sunny, apontando para os implementos que Hugo usara para virar os hóspedes.

"Boa idéia", Violet concordou e fixou o olhar nas águas cinzentas e revoltas do mar. "Talvez os nossos amigos nos encontrem. Hector deve estar voando para cá, com Kit Snicket e os Quagmire."

"E Fiona", acrescentou Klaus.

"Não", disse Sunny.

"O que você quer dizer?", perguntou Violet, passando cautelosamente da beira da piscina para o costado do barco, onde começou a escalar uma escada de corda em direção à figura de proa.

"Eles disseram que chegariam na quinta-feira", disse Klaus, ajudando Sunny a içar-se a bordo e depois embarcando ele mesmo. O convés era mais ou menos do tamanho de um cobertor grande, grande o suficiente para conter os Baudelaire e talvez mais um ou dois passageiros. "Agora é quarta-feira à tarde."

"O incêndio", disse Sunny e apontou para a fumaça que subia para o céu.

Os dois Baudelaire mais velhos engasgaram. Tinham quase esquecido que Kit lhes contara que estaria observando o céu, procurando um sinal que cancelaria o encontro de quinta-feira.

“Foi por isso que você pensou em atear o fogo”, disse Violet amarrando apressadamente os lençóis em volta da figura de proa. “É um sinal.”

“C.S.C. o verá”, disse Klaus, “e saberá que todas as suas esperanças se transformaram em fumaça.”

Sunny assentiu com a cabeça.

“O último lugar seguro”, disse ela, “não é mais seguro.”

Foi uma frase impressionante para a mais jovem dos Baudelaire, porém uma frase triste.

“Talvez os nossos amigos nos encontrem assim mesmo”, disse Violet. “Eles podem ser as últimas pessoas nobres que conhecemos.”

“Se eles são realmente nobres”, disse Klaus, “podem não querer ser nossos amigos.”

Violet assentiu, e seus olhos se encheram de lágrimas.

“Você tem razão”, admitiu ela. “Nós matamos um homem.”

“Acidente”, disse Sunny com firmeza.

“E incendiamos um hotel”, disse Klaus.

“Sinal”, disse Sunny.

“Tínhamos boas razões”, disse Violet, “mas ainda assim fizemos coisas más.”

“Queremos ser nobres”, disse Klaus, “mas tivemos de ser pérfidos.”

“Nobres suficiente”, disse Sunny, mas o prédio tremeu de novo, como que sacudindo a cabeça em desacordo. Violet se agarrou à figura de proa, e Klaus e Sunny se agarraram um ao outro enquanto o barco colidia com as laterais da piscina.

“Ajudem-nos!”, gritou Violet para os adultos, que ainda estavam olhando para a fumaça ascendente. “Agarrem aquelas espátulas e empurrem o barco para a beira da cobertura!”

“Não fique me dando ordens!”, rosnou Olaf, que de toda maneira seguiu a juíza até o canto da cobertura onde estavam as espátulas, seus espelhos refletindo o sol da tarde e o céu que escurecia de tanta fumaça. Cada adulto agarrou uma espátula e começou a cutucar o barco da mesma forma que você poderia cutucar uma aranha que quer tirar de dentro da sua banheira. *Bum! Bum!* O veleiro bateu contra a beirada da piscina e depois forçou passagem para fora dela, de onde deslizou lentamente, com um ruído forte de atrito, até a beirada oposta da cobertura. Os Baudelaire se

seguraram firme enquanto a metade dianteira do barco continuou a deslizar para além dos espelhos do salão, até que ele ficasse suspenso acima de nada a não ser o ar fuma-cento. O barco oscilou para a frente e para trás em um equilíbrio delicado entre a cobertura do hotel e o mar lá embaixo.

"Subam a bordo!", gritou Violet, dando um último puxão nos seus nós.

"É claro que vou subir a bordo!", anunciou Olaf, estreitando os olhos para o capacete da figura de proa. "Sou o capitão deste barco!" Ele atirou a sua espátula para o convés, por pouco não atingindo Klaus e Sunny, e então pulou para dentro da embarcação, fazendo-a balançar violentamente na beira do edifício.

"Você também, juíza Strauss!", chamou Klaus, mas a juíza apenas pôs de lado a sua espátula e olhou tristemente para as crianças.

"Não", disse ela, e as crianças viram que ela estava chorando. "Eu não vou. Não está certo."

"O que mais podemos fazer?", disse Sunny, mas a juíza Strauss apenas sacudiu a cabeça.

"Eu não vou fugir da cena do crime", disse ela. "Vocês, crianças, devem vir comigo, e explicaremos tudo às autoridades."

"Elas podem não acreditar em nós", disse Violet, preparando o *drag chute,* "ou poderá haver inimigos à espreita em suas fileiras, como os vilões na Corte Suprema."

"Talvez", disse a juíza, "mas isso não é desculpa para fugir."

O conde Olaf deu uma olhada desdenhosa para a sua antiga vizinha, depois voltou-se para os Baudelaire.

"Ela que queime até ficar crocante, se é isso que deseja", disse ele, "mas está na hora de partirmos."

A juíza Strauss respirou fundo, então deu um passo à frente e pôs a mão em cima da revoltante escultura de madeira, como se pretendesse arrastar o barco inteiro de volta ao hotel.

"Há pessoas que afirmam que o comportamento criminoso é o destino das crianças que vêm de um lar desfeito", disse ela entre lágrimas. "Não façam com que este seja o seu destino, irmãos Baudelaire."

Klaus estava encostado no mastro, ajustando os controles da vela.

"Este barco", disse ele, "é o único lar que nós temos."

“Estive acompanhando vocês esse tempo todo”, disse ela, segurando a figura de proa com ainda mais força. “Sempre estiveram fora do meu alcance por muito pouco, desde o momento em que o senhor Poe os levou embora do teatro no carro dele, até o momento em que Kit Snicket os levou através das sebes no táxi dela. Não vou deixá-los ir, irmãos Baudelaire!”

Sunny deu um passo na direção da juíza, e por um momento seus irmãos pensaram que ela ia sair do barco. Entretanto, ela simplesmente olhou a juíza nos olhos lacrimosos e deu-lhe um sorriso muito triste.

“Adeus”, disse ela, depois abriu a boca e mordeu a mão da juíza. Com um grito de dor e frustração, a juíza Strauss soltou a figura de proa, e o prédio tremeu de novo, fazendo-a despencar no chão e o barco despencar da cobertura, bem no momento em que o relógio do Hotel Desenlace anunciava a hora pela última e derradeira vez.

Nadabom! Nadabom! Nadabom! O relógio bateu três vezes, e os três Baudelaire gritaram quando foram arremessados em direção ao mar — até o conde Olaf gritou “Mamãe!” quando pareceu, por um terrível instante, que a sorte deles se acabara afinal, e que o barco não iria sobreviver à queda, devido à força da gravidade. Então Violet soltou os lençóis sujos, e o *drag chute* ondeou no ar, quase parecendo mais uma mancha de fumaça contra o céu; Klaus manobrou a vela de modo a captar o vento, e o barco interrompeu sua queda e começou a deslizar, assim como um pássaro capta o vento e descansa as asas por alguns momentos, especialmente quando está cansado de tanto carregar uma coisa pesada e importante.

Por um instante, o barco desceu flutuando pelo ar, como em uma história mágica. E, mesmo com todo o pânico e medo que sentiam, os Baudelaire não puderam deixar de maravilhar-se com o modo como estavam escapando. Finalmente, com um portentoso *tchibum!* o barco pousou no oceano, a uma boa distância do hotel em chamas. Por outro instante terrível, a sensação foi de que o barco iria afundar na água, exatamente como Dewey Dénouement afundara na lagoa, guardando o seu catálogo subaquático e todos os seus segredos, e deixando a mulher que ele amava grávida e transtornada. Mas a vela captou o vento, a figura de proa se aprumou, e Olaf pegou a sua espátula e a entregou a Sunny.

“Comece a remar”, ordenou ele, e em seguida se pôs a tagarelar, os olhos brilhando muito. “Por fim vocês estão nas minhas garras, órfãos”, disse ele. “Estamos todos no mesmo barco.”

Os Baudelaire olharam para o vilão e depois para a praia. Por um segundo se sentiram tentados a pular borda afora e nadar de volta para a cidade e para longe de Olaf. Porém, quando olharam para a fumaça que jorrava das janelas do hotel, e para as chamas que voluteavam em torno dos lírios e dos musgos que alguém cultivara sobre as paredes com tanto cuidado, deram-se conta de que em terra seria igualmente perigoso. Eles viram as figuras diminutas das pessoas em pé do lado de fora do hotel, apontando agressivamente para o mar, e viram o edifício tremer. Parecia que logo o Hotel Desenlace iria desmoronar, e as crianças queriam estar bem longe dali. Dewey lhes prometera que não precisariam mais estar no mar, no entanto, naquele momento, o mar era o último lugar seguro para os Baudelaire.

Richard Wright, um romancista americano da escola realista, formula uma famosa pergunta insondável em seu conhecido romance *Filho nativo.* "Quem sabe quando algum ligeiro choque", pergunta ele, "perturbando o delicado equilíbrio entre ordem social e aspiração sequiosa, fará com que desmoronem os arranha-céus de nossas cidades?" É uma pergunta difícil de ler, quase como se estivesse em algum tipo de código, mas depois de muita pesquisa fui capaz de ver um sentido em suas misteriosas palavras. "Ordem social", por exemplo, é uma expressão que pode se referir aos sistemas que as pessoas usam para organizar suas vidas, como o Sistema Decimal Dewey, ou os procedimentos vendados da Corte Suprema. E "aspiração sequiosa" é uma expressão que pode se referir àquilo que as pessoas querem, como a fortuna dos Baudelaire, ou o açucareiro, ou um lugar seguro que órfãos solitários e exaustos possam chamar de lar. Portanto, quando o sr. Wright formula a sua pergunta, ele pode estar se perguntando se um pequeno evento, como uma pedra caindo em uma lagoa, pode causar ondulações nos sistemas do mundo, fazendo tremer as coisas que as pessoas querem, até que todos esses tremores e ondulações derrubem algo enorme, como um edifício.

Os Baudelaire, é claro, não tinham um exemplar do *Filho nativo* no barco de madeira que lhes servia de novo lar, mas, enquanto olhavam através da água para o Hotel Desenlace, fizeram a si mesmos uma pergunta não muito diferente da que foi feita pelo sr. Wright. Violet, Klaus e Sunny pensaram em todas as coisas, grandes e pequenas, que fizeram. Eles pensaram em suas observações como *flâneurs,* que deixaram tantos

mistérios sem solução. Eles pensaram em todas as suas incumbências como *concierges,* que tantos problemas provocaram. E eles se perguntaram se ainda eram os nobres voluntários que queriam ser, ou se, enquanto o incêndio abria seu caminho maligno através do hotel e o edifício ameaçava desmoronar, era seu destino se tornar algo diferente. Os órfãos Baudelaire estavam no mesmo barco que o conde Olaf, o notório vilão, e perscrutavam o mar, onde esperavam poder encontrar seus nobres amigos, e se perguntavam o que mais poderiam fazer, e quem poderiam vir a ser.



Ao meu amável editor,
o fim está próximo.
Respeitosamente,
Lemony Snicket





Lemony Snicket vem fazendo a crônica da vida das crianças Baudelaire com pausas ocasionais apenas para comer, descansar e para duelos a espada determinados pela corte. Seus passatempos incluem apreensão nervosa, pavor crescente e dúvidas sobre se os seus inimigos estavam certos, afinal.

Saiba mais sobre o autor no site:
www.lemonysnicket.com (em inglês).



Brett Helquist nasceu em Ganado, Arizona, cresceu em Orem, Utah, e atualmente vive no Brooklyn, Nova York. Conquistou um título de bacharel em belas artes na Brigham Young University e vem ilustrando desde então. Às vezes ele acha o seu trabalho tão perturbador que manda flores para si mesmo, mas isso nunca ajuda.

{1}. Freqüentemente em guerras teológicas/ Os disputantes, eu penso,/ Altercam em total ignorância/ Sobre o que cada qual quer dizer,/ E conversam sobre um elefante/ Que nenhum deles viu! (N. T. — tradução livre)

{2}. Palavra que aqui significa “desenlace” em francês, (N.T.)